

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE MÚSICA DA UFMG

LEONARDO BITTENCOURT SILVA

*LAMENTO DE UM POVO NEGRO.*

O trabalho da memória de uma mestra dos pontos cantados de umbanda na Comunidade  
Quilombola Namastê - Ubá/MG.

Belo Horizonte

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE MÚSICA DA UFMG

LEONARDO BITTENCOURT SILVA

*LAMENTO DE UM POVO NEGRO.*

O trabalho da memória de uma mestra dos pontos cantados de umbanda na Comunidade  
Quilombola Namastê - Ubá/MG.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Música, da Escola de Música da  
Universidade Federal de Minas Gerais, como  
requisito à obtenção do grau de Mestre em Música.  
Linha de Pesquisa: Música e Cultura. Orientadora:  
Professora Dra. Rosângela Pereira de Tugny.

Belo Horizonte

2020

S586l

Silva, Leonardo Bittencourt.

Lamento de um povo negro [manuscrito]: o trabalho da memória de uma mestra dos pontos cantados de umbanda na Comunidade Quilombola Namastê - Ubá/MG / Leonardo Bittencourt Silva. - 2020. 176 f., enc.

Orientadora: Rosângela Pereira de Tugny.

Linha de pesquisa: Música e Cultura.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música.

Inclui bibliografia.

1. Música - Teses. 2. Etnomusicologia. 3. Umbanda. 4. Quilombos - Minas Gerais. I. Tugny, Rosângela Pereira de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Música. III. Título.

CDD: 780.91



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE MÚSICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação defendida pelo aluno **Leonardo Bittencourt Silva**, em 11 de dezembro de 2020, e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:

---

Profa. Dra. Rosângela Pereira de Tugny  
Universidade Federal do Sul da Bahia  
(orientadora)

---

Prof. Dr. Tássio Ferreira Santana  
Universidade Federal do Sul da Bahia

---

Prof. Dr. Cesar Geraldo Guimarães  
Universidade Federal de Minas Gerais

---

Prof. Dr. Eduardo Pires Rosse  
Universidade Federal de Minas Gerais



Documento assinado eletronicamente por **Rosangela Pereira de Tugny, Usuário Externo**, em 11/12/2020, às 12:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tássio Ferreira Santana, Usuário Externo**, em 11/12/2020, às 13:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eduardo Pires Rosse, Membro**, em 14/12/2020, às 16:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por **Cesar Geraldo Guimaraes, Professor do Magistério Superior**, em 16/12/2020, às 09:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0463322** e o código CRC **D2E871C9**.

Referência: Processo nº 23072.245586/2020-43

SEI nº 0463322

## GRATIDÃO

Sublime a música ser apresentada como ciência que envolve completamente o intérprete guiando-o em várias direções - rumos diversos de socialidade em que podemos passear tranquilos. Se acumulam experiências e as lembranças são materializadas pelo som. Creio ser primordial dizer o quanto sou grato à comunidade Quilombola *Namastê*, principalmente, a sacerdotisa e Matriarca Maria Luiza Marcelino que me agraciou com seus ensinamentos. Tenho muita admiração e respeito frente à sua força e fé em mudar a vida dos que precisam buscando sempre fazer o bem às pessoas. Vivenciar de perto conhecimentos de uma comunidade sábia foi um dos privilégios que tive nesta pesquisa, por isso e muito mais, sou grato:

Aos Pretos e Pretas-Velhas Caboclos e Caboclas, Espíritos das Águas, Guias Espirituais, Orixás e todos outros espíritos de Luz, divindades amigas guiadas por Deus que por sua permissão, bênção e proteção foram imprescindíveis para início e finalização da pesquisa.

À minha coorientadora sacerdotisa e Matriarca Quilombola Maria Luiza Marcelino, mãe de santo do terreiro Pena Caboclo Pena Branca, liderança quilombola exemplar do reconhecimento de seu povo que, sempre com muitos necessitados a atender, estava disponível para a pesquisa. Durante as sessões espirituais em que participei fui abençoado pelas divindades que transmitiam tal benevolência pela sublime mediunidade Luiza e dos outros médiuns do terreiro. Agradeço por me possibilitar uma verdadeira e enriquecedora aproximação com os saberes quilombola *Namastê* e por me acolher em todas as minhas idas e estadias na comunidade.

À minha orientadora, Professora Rosângela de Tugny, por ter compreendido minhas ousadias na pesquisa, respeitando meu tempo de escrita e ter me auxiliado nessa empreitada acadêmica tão desafiadora para mim. Suas orientações, principalmente sobre o fazer etnográfico, me ajudaram a dar os primeiros passos na pesquisa etnomusicológica. Sua sabedoria, paciência, educação e humildade muito me agregaram. Compartilhamos vários caminhos sobre a temática de pesquisa que me levaram a reflexões e questionamentos fundamentais para este estudo. O fato de ser orientado por Skype não diminui nossa relação, nem esse trabalho, pois sempre que necessário podíamos conversar sobre os meus escritos e sobre os rumos que o trabalho deveria seguir. Por isso, ressalto que as eventuais imperfeições dessa pesquisa são parte de minha limitação e não daqueles que me conduziram.

Ao meu coorientador Prof. Dr. César Guimarães da unidade FAFICH - UFMG pelos encontros presenciais significativos para compreensão da metodologia desta pesquisa e, principalmente, por me proporcionar, por meio do Programa Saberes Tradicionais da UFMG, a aproximação com Luiza e a comunidade quilombola Namastê. Agradeço pela fluidez de suas palavras que me transmitiram conhecimentos inesquecíveis, em especial, a pragmática do saber. Da disciplina – Outras Filosofias e Pragmática da Imagem - que ministrou junto com a Profa. Dra. Luciana fui agraciado com escrita daqueles que não podia assim se expressar sendo, para mim, o alicerce de reflexão da metodologia deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Eduardo que me acompanhou em todas as etapas deste trabalho. Suas observações, tanto na qualificação, quanto no procedimento de defesa, fizeram o meu trabalho crescer e junto com ele, eu pude me desenvolver mais e mais como pesquisador em música.

À Andrea de Paula Martins Brandão, bibliotecária da FD-UFMG, e seu esposo João Batista de Jesus Martins que me ajudaram a superar as adversidades que poderiam inviabilizar a apresentação desse trabalho dado a necessidade de ser virtual em razão do tempo de pandemia enfrentado.

À Letícia Viesba que atuou em várias leituras deste trabalho sugerindo alterações relacionadas às técnicas gramáticas da língua portuguesa e ABNT seguindo, assim, as adequações necessárias à pesquisa acadêmica. Sou grato ainda por cada palavra de confiança que me proporcionou quando conduzia a técnica dos escritos que lhe apresentava.

Ao Prof. Wagner que doou seu tempo para me escutar durante o final desta pesquisa. Sou grato por se fazer presente frente a inúmeras dificuldades que encontrei para acreditar que seria possível terminar este trabalho.

A Patrícia Antunes Rossi, cientista do Estado, que me brindou com muita alegria e bom humor em todas as nossas conversas. Seu apoio foi fundamental para fechar esta etapa na minha vida profissional.

À Profa. Dra. Juliana, Profa. Dra. Yone, Profa. Dra. Cida, Prof. Dr. Wellington, Prof. Dr. Estevam, Prof. Dr. Luis e todos aqueles que doaram seu tempo preciso para estar na minha defesa de trabalho final ou para, gentilmente, trazer suas experiências de vida como ferramenta importante para a minha caminhada como pesquisador.

Ao Prof. Dr. Tassio que durante a minha defesa de trabalho final me surpreendeu com uma carta parecer carregada de muita verdade sobre a vida e cultura do negro. Não poderia deixar de agradecer por este ato que profundamente me emocionou.

Na academia minha gratidão é intensa também. Por uma memória limitada ao esquecimento talvez não me lembre de todas as pessoas, entretanto, merecem igual importância na realização deste trabalho. Ao Professor e Antropólogo Aderval Junior que me proporcionou incursão nos estudos sobre Comunidades Tradicionais, em especial os Quilombolas e as religiões de matriz africana, primeiramente como especialista de referência, posteriormente como alguém que me trouxe significativas reflexões sobre esse campo tradicional de sabedoria. Ao professor e historiador Douglas Attila agradeço pelas conversas após as aulas e durante as rotineiras caronas que me dava até o ponto de ônibus. Sua intensa erudição notada na disciplina de história explorando as diversas teorias da memória e as referências bibliográficas potentes me possibilitaram maior consciência dos relatos que eu realizava. À Professora Glaura Lucas que durante a sua disciplina me propiciou conversas agradáveis sobre etnomusicologia e, por me situar cada vez mais sobre o contexto da "música" dos povos Quilombolas, também sou muito grato.

Ao PPGMUS (Programa de Pós Graduação em Música da UFMG) e todos aqueles que me ajudaram a superar as questões administrativas que fazem desse trabalho um objeto disponível a sociedade.

Aos amigos e amigas: Adriana, Rita, Rafaela, Marcelo, Magna Nogueira, William, Frederico Mucci, Luis Oliveira, Daniela, Geraldo, Margareth, Fernanda, Dona Glória, Isabel, Elaine, José Jorge, Túlio e muitos mais que estiveram presentes em minha defesa ou, mesmo ausentes, enviaram os mais sinceros votos de sucesso sou grato por tudo. Cada um de vocês fazem parte da minha história.

Aos recursos da Capes advindos de bolsa. Minha dedicação e custeio de gastos básicos demandados na pesquisa apenas se tornou possível graças a esse importante benefício.

## RESUMO

Esta dissertação é fruto de uma etnografia compartilhada com a mestra quilombola Maria Luiza Marcelino, tendo como principal eixo os pontos cantados do terreiro de Umbanda Caboclo Pena Branca como um terreno de trabalho da memória e atualização dos vínculos da comunidade com seus ancestrais.

Para tanto, apresentamos o quilombo *Namastê* da cidade de Ubá-MG, que mantém vivo, abriga e alimenta este terreiro. O histórico da comunidade quilombola e do terreiro de Umbanda são aqui apresentados com base nas histórias narradas e escritas por Maria Luiza Marcelino, cotejadas com minhas observações etnográficas realizadas entre setembro 2018 e fevereiro 2020 e pesquisa documental e bibliográfica.

Um importante acervo de registros de pontos cantados e depoimentos de Maria Luiza Marcelino sobre a ancestralidade e espiritualidade que eles encerram, bem como sobre o histórico desta comunidade, foi construído ao longo da pesquisa, e serviu como base das informações aqui apresentadas. Os pontos cantados e os relatos foram escolhidos em colaboração com Maria Luiza Marcelino e seus guias espirituais.

Ressalta-se de todo o trabalho, o papel da mestra Maria Luiza Marcelino como historiadora, liderança política, ativista negra, defensora da comunidade quilombola, sacerdote, mensageira de mediunidade múltipla dos guias espirituais, guardiã e ativadora das memórias presentes na comunidade. O trabalho de rememoração permanente no fio de mais de 200 anos contínuos da história desta comunidade negra e invisibilizada, marcada pelos traumas dos processos violentos da escravidão, tem nos pontos cantados do Terreiro Caboclo Pena Branca a materialidade das suas práticas fundamentais de resistência, sociabilidade e espiritualidade. A partir dos escritos e das exegeses da Mestra Maria Luiza sobre a história do povo negro e de seu povo, e da forte relação com os guias ancestrais que formam sua espiritualidade, o lamento emerge como a principal marca dos pontos cantados, atravessando uma história de sofrimento, resistência e consciência histórica.

**Palavras-Chave:** Quilombo Namastê, Pontos Cantados, Umbanda, Etnomusicologia.

## ABSTRACT

This dissertation is the result of an ethnography shared with the Quilombola Master Maria Luiza Marcelino, having as main axis the sung points of the *Terreiro Umbanda Caboclo Pena Branca* as a working ground for the memory and updating of the community's bonds with its ancestors.

Thus, we present the *Quilombo Namastê* in the city of Ubá-MG, which keeps alive, shelters and feeds this terreiro. The history of the quilombola community and the Umbanda terreiro are presented based on the stories narrated and written by Maria Luiza Marcelino, comparing to my ethnographic observations made between September 2018 and February 2020, in addition to a documentary and bibliographic research.

An important collection of records of sung points and testimonies by Maria Luíza Marcelino about their ancestry and spirituality, as well as reports of the history of this community, was built throughout the research, and served as the basis for the information presented here. The sung points and the reports were chosen in collaboration with Maria Luiza Marcelino and her spiritual guides.

The role of the Quilombola Master Maria Luiza Marcelino is highlighted as a historian, political leader, black activist, defender of the quilombola community, priest, messenger of multiple mediumship from spiritual guides, guardian and activator of the memories present in the community. The work of permanent remembrance in the thread of more than 200 continuous years of history of this black and invisible community, marked by the traumas of the violent processes of slavery, has in the points sung by *Terreiro Caboclo Pena Branca* the materiality of its fundamental practices of resistance, sociability and spirituality. From Quilombola Master Maria Luiza's writings and exegesis on the history of the black people and her people, and the strong relationship with the ancestral guides who form their spirituality, the lament emerges as the main mark of the sung points, crossing a history of suffering, resistance and historical awareness.

**Keywords:** *Quilombo Namaste*, Sung Points, *Umbanda*, Ethnomusicology.

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Quintal quilombola. Foto: Weverton. Filho da Mestra.....	21
Figura 2 - Imagem da casa de Luiza e alguns de seus irmãos. Google Maps. Acesso em 19/10/2020.....	26
Figura 3 - Conversa com a Mestra. Foto: Weverton Marcelino .....	30
Figura 4 - Imagem do Bairro da Luz de Ubá/MG. Em vermelho a casa de Maria Luíza. ....	41
Figura 5 - Palestra sobre a Conscientização da Cultura Quilombola ministrada por Luiza na Escola Quilombola Governador Valadares/Ubá-MG .....	44
Figura 6 - Mestra Maria Luiza Marcelino em sua casa. Foto tirada quando a Matriarca apresentava seus familiares. Foto: Weverton. Filho da Mestra.....	51
Figura 7 - A Mestra me apresentando seus familiares. Foto: Weverton Marcelino. ....	53
Figura 8 - Foto do altar principal do terreiro Caboclo Pena Branca.....	57
Figura 9 - Altar do Terreiro de Umbanda e Imagem de oxalá Foto: Weverton Marcelino .....	61
Figura 10 - Antiga casa em que morou Luiza e seus filhos. Foto: Weverton Marcelino. ....	64
Figura 11 - Fogão a lenha ao final da pesquisa. ....	65
Figura 12 - Altar Umbanda do Terreiro Pena Caboclo Branca. Foto: Weverton Marcelino. ....	77
Figura 13 - Porta de entrada do TCPB.....	81
Figura 14 - Croqui do Terreiro Caboclo Pena Branca Elaboração Camila Macedo. ....	82
Figura 15 - Pai Oxalá de Braços aberto. ....	87
Figura 16 - Imagem de iemanjá.....	89
Figura 17 - Atabaques do TCPB.....	122
Figura 18 - Atabaques sagrados do quilombo Namastê. Foto: Weverton Marcelino.....	136
Figura 19 - Imagem do dia de gravação de cantos no quilombo.....	153
Figura 20 - Gravação dos Pontos Cantados. Foto: Frederico Mucci .....	155

## PONTOS CANTADOS

1-Ponto cantado: Tem dó .....	74
2- Ponto Cantado: Alforro canhanã.....	95
3- Ponto Cantado: Quem tem Fé .....	105
4- Ponto Cantado: Cantar da meia noite .....	121
5- Ponto cantado: Vou abrir a gira.....	137
6- Ponto cantado: Casca de coco no Terreiro.....	141
7- Ponto cantado: Pensa na Vovó.....	142
8- Ponto cantado: Ponto Pai Preto .....	147
9- Ponto Cantado: Quero ver Balancear.....	148
10- Ponto Cantado: Caboclo Bruto.....	149
11- Ponto Cantado: Nego Veio Preto Corta no ar .....	150

## SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO.....</b>	<b>12</b>
...uma árvore com raízes profundas .....	15
Pesquisa que surge da pesquisa .....	17
<b>CAPITULO 1 - PELOS PASSOS DE UM QUILOMBO .....</b>	<b>25</b>
<b>PRIMEIRA APROXIMAÇÃO DO PESQUISADOR COM A COMUNIDADE.....</b>	<b>27</b>
COMUNIDADE QUILOMBOLA NAMASTÊ: história, origem e invisibilidade.....	35
Um pouco de sua história e origem .....	39
Forçada invisibilidade sobre um notável quilombo.....	44
SOBRE AS SÓLIDAS LEMBRANÇAS DE LUIZA .....	51
<b>CAPITULO 2 - “OXALÁ TE PROTEJA E TE ALUMIA, TE DÊ FORÇA”: a Umbanda na comunidade quilombola Namastê -Ubá/MG.....</b>	<b>56</b>
UMBANDA EM QUILOMBO É UMBANDA DE QUILOMBO .....	58
(...) Tendo o que comer e onde dormir está muito bom... ..	62
MEDIUNIDADE NO QUILOMBO NAMASTÊ .....	66
“Firma Ponto” - Entidades no Quilombo .....	76
SEU PENA BRANCA OLHA O SEU TERREIRO (...) .....	79
“UMA CICATRIZ QUE NÃO FECHA NUNCA - A GENTE É OUTRA VIDA...” - Saberes e Ensinamentos do Quilombo.....	91
QUEM TEM FÉ TEM TUDO...QUEM NÃO TEM FÉ NÃO TEM NADA .....	104
"OXALÁ TE PROTEJA E TE ALUMIA, TE DÊ FORÇA": feitura da benção .....	112
<b>CAPITULO 3 - O TRABALHO DA MEMÓRIA NOS PONTOS CANTADOS DE UMBANDA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA NAMASTÊ.....</b>	<b>120</b>
“NA UMBANDA NÃO PODE CANTAR PRA UMA ENTIDADE SÓ” .....	125
OXÁLA: “NÃO FAÇO NADA E NEM OS GUIAS SEM A PERMISSÃO DELE” .....	130
Saudação ao altar, Pai Oxalá e os quatro ‘cantinhos de santos’ .....	134
Abertura da "gira" .....	135
"Chegada” dos caboclos .....	139
"Chegada” dos Pretos e Pretas Velhas .....	141
Encerramento, fechando a "gira" .....	143

AS ENTIDADES TRAZEM OS PONTOS E LEVAM [...]	144
Os cantos dos guias atuantes no quilombo	153
Cantos dos guias de direita	156
Salve a Força de Xangô	156
Deixa Ogum Rondá	156
Caboclo Sete Flechas	158
Choro meu Cativeiro	160
As Almas	163
Boiadeiro cortou cana	164
Mariazinha da beira da praia	164
Povo das Águas – No fundo do Mar	165
Cantos dos guias de esquerda	165
Deixa a Pomba-Gira passar	165
Exu das Sete Encruzilhadas	166
Povo da rua - Maria Padilha	166
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>169</b>
<b>BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA</b>	<b>172</b>

*“Pai nosso que estais em toda parte, santificado seja o vosso nome que o vosso reino do bem nos chegue.*

*Que a vossa vontade seja sempre feita assim na terra como no espaço e em todos os mundos habitados.*

*Dai-nos hoje o pão do corpo e da minha alma. Perdoai as nossas faltas e dai o sublime sentimento de perdão para os que nos ofendem.*

*Não nos deixeis sucumbir às tentações da matéria dos maus espíritos.*

*Envia-nos senhor, um raio de vossa divina luz assim seja.”*

## PRÓLOGO

**21 de setembro de 2018.** Logo que tomei conhecimento da Comunidade Quilombola *Namastê*<sup>2</sup> marquei minha visita. Convidei a amiga bibliotecária Andréa<sup>3</sup> para irmos ao quilombo e ela de pronto aceitou. Era sexta-feira, dia de sessão espiritual no terreiro. Chegamos uns 20 minutos após o início da cerimônia e permanecemos lá até o final. Por chegar durante os ritos que já haviam iniciado não consegui conversar imediatamente com a sacerdotisa e chefe de terreiro Maria Luiza Marcelino<sup>4</sup>. Terminado o culto fiquei aguardando algumas pessoas conversarem com ela para que eu pudesse conhecê-la. Vi que ela é muito requisitada, por isso, demorou um pouco para que a gente pudesse se aproximar.

Conversamos por alguns segundos ali mesmo no terreiro. Falei sobre a belíssima sessão espiritual dotada de muita intenção, força, precisão e vontade. Difícil foi negar que muitos participantes, ainda próximos, nos olhavam como se fossemos forasteiros na comunidade. Superada esta sensação iniciamos uma conversa sobre os pontos cantados que escutei ao longo do culto. Foi a primeira vez que assisti a um rito religioso de umbanda. Da conversa, soube de Luiza e Andrea que duas falanges trabalharam no terreiro sendo a dos caboclos e dos pretos velhos. Tudo me chamou a atenção, em especial, os cantos que expressavam exuberância e força quando entoados pelos caboclos; sabedoria, introspecção e reflexão quando vindos dos pretos velhos. Lembro-me que Andrea e Luiza, sacerdotisa e chefe de terreiro desse modo de professar a fé, estabeleceram uma preciosa conversa sobre a atuação das forças espirituais. Eu fiquei bem perdido, ocasião em que me encontrei quando Luiza disse:

*Vamos lá em casa continuar a conversa? Só não repara que é casa de pobre.*

---

<sup>2</sup> A ser tratada no texto desta pesquisa por CQN-Ubá/MG.

<sup>3</sup> Andréa de Paula Martins Brandão, servidora bibliotecária chefe da Faculdade de Direito da UFMG, com seu vasto conhecimento sobre a doutrina kardecista e umbandista ajudou a fixar importantes diálogos com Maria Luíza Marcelino, me proporcionando, durante a primeira ida a campo, noções argumentativas valiosas sobre a grandeza espiritual que senti durante a sessão espiritual no terreiro do quilombo.

<sup>4</sup> Maria Luiza, com 62 anos à época, Presidente da Associação Quilombola Namastê.

Aceito o convite fomos conversando e caminhando lentamente até a casa de Luiza que era logo ao lado do terreiro. Nos acomodamos na copa de sua casa sem imaginar que – Marlon, Luiza, Andrea e eu - teríamos cerca de três horas de conversa. Falamos sobre a religiosidade umbandista, a vida de quilombola e sobre a possibilidade da pesquisa acadêmica que eu poderia realizar com a comunidade. Por volta de 4 (quatro) horas da manhã, todos ainda com muito pique para conversar, decidimos ir dormir para que Marlon pudesse estar de pé às 7 (sete) horas para ir trabalhar. Antes de irmos, Luiza insistiu para que ficássemos lá mesmo por causa dos perigos que podem trazer a madrugada em Ubá/MG, mas como já tínhamos agendado uma diária em um hotel, tivemos que ir. Nesse momento a sacerdotisa nos convidou para almoçar com ela nos dizendo que teríamos que estar em sua às 11:00 horas. Ainda que receosos em causar algum incômodo, concordamos prontamente.

Saímos do hotel faltando cerca de 15 minutos do horário marcado com Luiza. Logo, pegamos um táxi e voltamos ao quilombo. Chegamos lá antes de 11 horas, chamei por Maria Luiza e lá de dentro da cozinha ela atendeu rapidamente. Caminhando até sua casa, descemos por uma passarela em que o piso se funde com terra e cimento. Chegamos a uma cobertura na frente da porta da sala, onde avistei o terreiro e o quintal que tem no fundo da casa de Luiza. Como estava de dia pude perceber melhor todo o terreno. Conforme anunciou Luiza, o almoço saiu às 11(onze) horas.

Depois, iniciamos uma conversa que foi decisiva para o desenvolvimento desta pesquisa. No início da conversa expliquei que era aluno pesquisador da Universidade Federal de Minas Gerais e que possuía muito interesse em trabalhar com os saberes das comunidades quilombolas. Disse que, sem muito conhecimento sobre essas comunidades tradicionais, as minhas experiências seriam iniciadas e construídas pelas orientações acadêmicas e, principalmente, caso fosse aceito, pela condução de Luiza quanto ao acesso e entendimento destes saberes. Sabendo disso, Luiza me contou sobre algumas expectativas da comunidade quanto aos registros de alguns de seus saberes. Ela me contou sobre ao desejo de realizar nova publicação do livro *Quilombola. Lamentos de um povo negro*; a elaboração de um livro de pontos cantados já transcritos por ela e um livro de vocabulário quilombola; a produção de um livro de receitas; a realização de um segundo livro sobre as experiências de vida do quilombo e a produção de um livro de cantos com áudio e comentários. Desde já compreendi a complexidade em realizar tudo o que me foi

apresentado considerando aqui que sou um pesquisador ainda iniciante e o tempo máximo de dois anos previsto para a pesquisa de mestrado. Logo apresentei uma proposta de pesquisa relacionada aos pontos cantados de umbanda que passou a sedimentar o tema deste trabalho, e desde então, a Mestra<sup>5</sup> tem sido a protagonista desta pesquisa.

Seguindo autorizado pela Mestra a realizar esta pesquisa, sob criterioso recorte de seus ensinamentos, foi elaborado o texto escrito desta dissertação, trazendo, quase que de forma indissociável, algumas lembranças sobre as minhas vivências que foram acionadas diante de muitas de suas falas. Ao longo da minha infância vários desafios testaram a sobrevivência da minha família, sendo, importante ressaltar que todos eram remediados por cânticos. Estes, por sua vez, não se estabeleciam dentro de uma única perspectiva religiosa. Tratava-se de uma prática potente para manter a resiliência dos meus pais diante das dificuldades vivenciadas. Tais cantos podiam ser oriundos do contato com a religião umbanda, candomblé, católica e com diferentes correntes protestantes/evangélicas. De alguma forma, percebo que essa pluralidade espiritual em que fui envolvido trouxe-me sensibilidade para compreender de maneira mais profunda os valiosos saberes advindos dos pontos cantados de umbanda que Luiza me apresentou. Esta comunidade, em sua maioria de negros, se fortalece da sabedoria tradicional e espiritual para constantemente enfrentar os mais variados tipos de desigualdades sociais. Ao vivenciar alguns desses enfrentamentos ao longo da pesquisa<sup>6</sup>, notei que Luiza se colocava a cantar. Tratava-se, em sua maioria, de cantos que alicerçam os fatos históricos e acontecimentos atuais presentes em suas memórias. De maneira inevitável, pude perceber que as vivências do quilombo eram semelhantes àquelas imputadas aos meus pais e presentes em minha busca por formação profissional.

Nesse viés, a figura matriarcal, assim como salta do quilombo, também se destaca em minha família na pessoa de minha mãe, Maria de Lourdes Bittencourt. Mãe de quatro filhos chegou a constituir uma casa, ocasião em que foi necessário abdicar dela para sofrer menos.

---

<sup>5</sup> Termo baseado em tratamento popular que representa respeito e reconhecimento aos saberes tradicionais que possui Luiza, bem como, à dedicação em conduzir espiritualmente os religiosos umbandistas da comunidade por anos.

<sup>6</sup> Além de presenciar os efeitos de um racismo institucional quanto ao olhar de servidores públicos da cidade de Ubá/MG sobre a comunidade, ainda, constatei uma situação constrangedora em que a Mestra foi intimidada por telefone e em sua própria casa a reconhecer, sob ameaças, pessoa não quilombola a assumir função pública temporária destinada a quilombola. Falarei mais sobre esse assunto no decorrer da pesquisa.

Enfrentou situações financeiras difíceis, riscos e sofrimentos a assolavam dia e noite. Foi menosprezada e humilhada por pessoas que esbanjavam riqueza, entretanto, nunca deixou faltar a sua moralidade, respeito e dignidade, mesmo que, para os que vivem nessa situação, as ofertas de oportunidades voltadas à “melhoria de vida” tendessem à anulação do caráter da pessoa. Sobre essas lembranças, os cantos vinham como alentos e fontes essenciais de conexão com a espiritualidade que guiava os caminhos e ajudava na superação dos desafios.

Diante da inevitável identificação de vivências que tive com a CQN-UBÁ/MG logo na primeira aproximação, passamos a construir ao longo da pesquisa, laços de parceria, de pertencimento a um mesmo povo, onde, como aprendiz da Mestra Maria Luíza, pude elaborar um pouco mais sobre minha história de vida na medida em que fui descobrindo sua história e os pontos cantados com os quais ela trabalha.

### **...uma árvore com raízes profundas**

A música (...) pode tornar as pessoas mais conscientes de sentimentos que experienciaram, total ou parcialmente, ao consolidar, estreitar ou expandir, de modos diversos, as suas consciências (BLAKING, 2008, P.73).

Esta pesquisa possui um viés etnomusicológico voltado para os pontos cantados de Umbanda entoados durante rituais no Terreiro Caboclo Pena Branca (TCPB) e os saberes tradicionais do CQN-UBÁ/MG referendados pela Mestra Sacerdotisa, Maria Luiza Marcelino. Os pontos cantados são ferramentas propiciadoras de conhecimento ao longo de séculos de existência desta comunidade. O complexo conjunto de pontos cantados percebidos na CQN-UBÁ/MG orienta a oralidade da comunidade através dos assuntos múltiplos de seu texto, auxilia nas questões de enfermidades por meio do manuseio das ervas, ajuda na resistência das adversidades sendo um importante aparato de força espiritual. Estes cantos são perenes no tempo passado-presente, pois, do mesmo jeito que representaram/representam fonte de sabedoria para a sobrevivência da maioria de quilombolas no período de escravização, em matas garantidoras de liberdade e de difícil acesso, enfrentamento contra as desigualdades legitimadas pelo Estado aos “negros libertos” jogados à miséria e à doença como estratégia de coerção para que continuassem ainda subjulgados ao trabalho forçado, estão atualmente ativos e mais intensos, principalmente,

quando a humanidade do negro é ameaçada ou violada. Entendo que a transmissão de cantos que se perfazem por meio das entidades espirituais através da mediunidade e da ancestralidade prolifera uma memória intensa e sempre reavivada entre os quilombolas Namastê. Nessa contínua comunhão 'afro-brasileira' se revelam algumas vivências e fundamentais saberes que fortalecem a tradição quilombola que, dado o seu grau de complexidade, será apresentado por um pequeno recorte do universo pesquisado. Os sentidos que envolvem os pontos cantados passam constantemente pela trajetória de resistência do quilombo e se potencializam em cada canto, em cada sessão, em consonância com os mistérios espirituais acessados pelo fazer umbandista da CQN-Ubá/MG.

Não perco de vista que esta pesquisa foi algo novo dentro das minhas bases de formação profissional. Nascido em Belo Horizonte/MG, cresci em uma pequena cidade do interior mineiro chamada Barão de Cocais. Lá, foi possível comungar experiências religiosas orientadas pelo protestantismo e catolicismo. Por tal, como mencionado antes, entendo que o presente recorte de experiência desta pesquisa constitui também momentos próximos do meu modo de vida. A sabedoria que a Mestra me permitiu acessar transcende esta dissertação, trazendo muitas memórias do pesquisador antes adormecidas. Em minha formação acadêmica tive contato com as chamadas “músicas tradicionais africanas” sempre pelo viés analítico-interpretativo europeu, o que não me possibilitou compreender as ações de cantos em abordagem pragmática<sup>7</sup>. Isso implica levar em conta as vivências de Maria Luiza marcadas pela religiosidade e espiritualidade, práticas umbandistas, devoção ao sagrado: Pretos e Pretas Velhas, Caboclos, Exus entre outras entidades que, com seu canto intenso, configuram a arte sonora como parte essencial da dinâmica cultural da CQN-Ubá/MG.

As experiências umbandistas que observei durante as sessões espirituais possibilitam que diferentes pessoas possam, mesmo sem a mediunidade, acessar as forças espirituais diversas e atuantes no Terreiro Caboclo Pena Branca, que a partir de agora trataremos apenas como TCPB. Estas sessões cumprem um papel “musical” que tornam seus participantes “conscientes de sentimentos” (BLACKING, 2008, p. 73) gerindo a religiosidade no cerne da comunidade. Pude

---

<sup>7</sup> A questão da abordagem pragmática é trazida para esta pesquisa de forma a evocar o contexto e, a partir disso, os sentidos, funções, origem e performance de cantos.

compreender que a continuidade existencial nas práticas de cantos durante as sessões que acontecem no quilombo impele força em sua interpretação e, para isso, estes se utilizam de vários elementos, como: texto, instrumentos, vozes, movimentos, contextualização, ato de memorização entre outros. As falanges que trabalham no terreiro trazem seus 'pontos' que podem ao mesmo tempo: expressar a sua identidade, contar sua história, conduzir trabalhos espirituais em plena sintonia com os diferentes ritos e seus propósitos em cada sessão. Entendo que por estas práticas tradicionais não se rompe o laço de afetividade nem mesmo com a morte entre os quilombolas. Dos pontos cantados que surgem e se renovam na comunidade, cheguei a gravar uma quantidade superior a 500 cantos, ocasião em que constatei minha condição de eterno aprendiz frente a esse vasto universo sonoro. Em sua complexidade de sentidos e condição performática sempre única os pontos cantados não se enclausuram em gravações e seus efeitos vão além das abordagens que apresento nesta dissertação. Assim, cumpre esta pesquisa apresentar a mestra Maria Luíza como uma personagem extraordinária e singular, cujo trabalho, mantém unida sua comunidade em torno de uma memória contínua de mais de 200 anos de história e trabalho de vínculo com a ancestralidade. Maria Luíza, além de mãe, avó, escritora, idealizadora de projetos culturais, narradora, mantém vivo um corpus de pontos cantados de inestimável valor cultural, poético e religioso. Estes pontos são cantados, mantidos vivos e atuantes no cotidiano do seu terreiro, e seus sentidos são magistralmente explicitados por suas ricas, agudas e precisas narrativas. Apresentar um pequeno conjunto dos pontos cantados, ao lado de Maria Luíza, representa a principal missão deste trabalho.

### **Pesquisa que surge da pesquisa**

Creio ser necessário apresentar um pouco como se deu a minha aproximação com a mestra Maria Luíza. De certa forma, isso também passou a informar as lembranças que agora também se agregam também às memórias da Mestra. Tudo surgiu a partir de uma conversa com minha orientadora que também me proporcionou aproximação com o Prof. César Guimarães coordenador do Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais. O professor César e a professora Rosângela, coorientador e orientadora, passaram a se reunir comigo para tratarmos, não só de uma pesquisa a ser realizada com a mestra, mas de um compromisso que se firmaria

com a CQN-Ubá/MG. Inicialmente, Assim, ao me reunir com Luiza pude sentir que César e sua esposa Deise faziam parte de uma rede especial de relações de afetividades com a sacerdotisa, algo pouco comum dado ao distanciamento que ela apresenta quando em proximidade com aqueles que não são quilombolas ou não reconhece como pertencente ao seu grupo. Luiza, como mestra quilombola ensinou sobre sua cultura no Programa Saberes Tradicionais da UFMG a alunos do meio acadêmico. Como sacerdotisa, demonstra o cumprimento das vontades dos guias espirituais que estão a orientá-la. Como chefe de terreiro cumpre o papel de liderança na condução de ritos espirituais e a passagem dada à entidade *Vovó* durante as sessões. Enquanto quilombola depreende-se reconhecimento legal e identidade *Namastê*, como será apresentado abaixo, personifica-se a sua cultura tal qual a sua comunidade se percebe e se reconhece. Assim, este encontro inicial com Maria Luíza, em franco processo de reconhecimento como sujeito pleno de seu saber no quadro do ensino em uma renomada Universidade Federal, fizeram com que a marca desta pesquisa só pudesse se construir com base nesta consciência.

Da visita ao quilombo e conversa com Maria Luiza em 2018, leituras informativas sobre a razão de existências dos quilombos, apreço pelas questões de direito que suscitaram o reconhecimento legal destas comunidades tradicionais e, o assentamento cultural tradicional dos quilombolas carregado de objeto sonoro portador de inesgotável sabedoria me fizeram sentir que este campo do saber científico me convidava a adentrá-lo. Com a possibilidade de desfrutar de uma perspectiva de pesquisa acadêmica que destaca e valoriza os saberes tradicionais, construí um projeto que dialogava com as exigências do programa de pós-graduação, contemplando, como eixo norteador, a voz da Luiza. Entre mais ou menos quatro idas e vários dias de pesquisa de campo, eu percorria mais de 240 km até a cidade de Ubá/MG, optando pelos horários noturnos e chegada às sextas-feiras para assistir às sessões. Sempre que chegava na comunidade era bem acolhido nas dependências de Luiza, ocasião em que desfrutava de dias e noites de intenso aprendizado. Ao participar de alguns dos momentos religiosos públicos no quilombo pude ter noções dos preparativos das sessões e das orientações pós sessão. Já no final de 2019, meu apoio ao quilombo se estendeu também às lutas contra iminente desmonte do ensino quilombola na escola da comunidade - E. E. Governador Valadares. Infelizmente este assunto será objeto de outras pesquisas. Como dificilmente terminarei esta pesquisa em virtude dos laços que criei com

a comunidade no decorrer de mais de dois anos sinto me inserido na luta por igualdade de oportunidade da CQN-Ubá/MG que hoje recai sobre a liderança de Luiza.

Durante o processo de pesquisa procurei construir um vasto material de registros em colaboração com a comunidade. A maior parte dos saberes aqui trazido é fonte de informações da Mestra em contínuo e cotidiano relacionamento com a religiosidade da comunidade. Por aplicativo de aparelho celular gravamos mais de 500 pontos cantados e cerca de 103 cantos com aparelhagem de gravação de áudio, entretanto, dado ao seu volume, será inviável expor todo material ao longo dos escritos dessa dissertação. Acrescenta-se, ainda, inúmeras transcrições de falas e elaboração de um curto documentário sobre o cotidiano da Mestra, fotografias realizadas por mim e o quilombola Weverton Marcelino<sup>8</sup>. Por não possuir inicialmente a experiência necessária para compreender o fazer da religião Umbanda cometi repetidos atos falhos chamando os pontos cantados de “música”. Sempre quando assim fazia a Mestra me repreendia dizendo

(...) Isso não é música! Música é aqueles trem que vocês fazem...  
Pontos cantados é coisa sagrada.<sup>9</sup>

A maneira adequada de me comportar nas sessões espirituais também foi se aconchegando ao longo de cada participação que tive. De imediato percebi que não podia ficar na porta do terreiro durante a sessão, sentava-me nos bancos à direita da entrada do terreiro reservados aos frequentadores evitando, assim, qualquer comunicação verbal. Em vários momentos da sessão eu ficava preocupado com a roupa adequada para estar ali. Antes e durante a cerimônia os médiuns trocavam as roupas e eu não tinha como seguir nem o padrão de cor que eles apresentavam. Como já mencionei anteriormente, para ir ao quilombo eu viajava por mais de

---

<sup>8</sup> Filho caçula de Luiza, ogã e médium de incorporação, Weverton tinha 16 anos quando iniciei esta pesquisa. No primeiro momento que conversamos notei a sua paixão em escrever poesias e tirar fotografias. Por meio da introdução de sua arte neste trabalho, será possível fazer notar outras habilidades que enriquecem a sabedoria deste quilombo.

<sup>9</sup> Lembranças escritas em anotações apartadas do pesquisador.

cinco horas, levava sempre as roupas mais confortáveis e fáceis de lavar sem preocupar com as cores. Quando me dava conta, as roupas que usava eram de cores mais escuras, contrário às lindas peças brancas que os médiuns vestiam para a cerimônia. Ainda assim, diante do meu desconhecimento inicial sobre os ritos religiosos no TCPB fui acolhido de maneira muito prazerosa e verdadeira por todos que frequentavam o terreiro. Nunca fui tratado como um mero pesquisador, logo, como agregado à CQN-Ubá/MG, a Mestra passou a me considerar como filho. Um privilégio verdadeiro ativador de muita alegria!

A sabedoria que notei do quilombo e seus enfrentamentos me estimularam a desenvolver os primeiros passos na literatura afro-brasileira, em especial, aquela que dialogava com suas vivências. Aos poucos fui adquirindo conhecimentos sobre a forma que eles praticam a religião da umbanda, sendo trazido para este trabalho a noção do fazer umbandista da CQN-Ubá/MG. As entidades, sua força e proteção, passaram a fazer parte das minhas reflexões cotidianas de vida. Algo de novo e potencializado se agregou aos meus entendimentos sobre a espiritualidade.

Por meio da pesquisa de campo fui constituindo uma experiência etnográfica que se embalava com a vontade de descrever tudo que via, ainda que o objeto principal do trabalho fosse os pontos cantados. Depois de um tempo, a oralidade de Luiza foi ficando mais dinâmica e a minha escrita passou a atrapalhar a absorção das experiências que eu estava tendo ali. Me vi envolvido nas suas histórias, ocasião em que passei a confiar nas lembranças que tinha da comunidade para elaborar a escrita em momento posterior. Apenas interrompia o fluxo da convivência natural quando a Mestra pedia para anotar alguma fala que ela acabara de dizer.

Como já mencionado, no desenvolver da pesquisa estive em contato com centenas de pontos cantados, seus múltiplos sentidos, significados e contextos. Logo captei que os métodos de percepção musical etnocêntrico que aprendi na minha formação não dariam conta de me ajudar a me aproximar desses cantos. Assim, segui pelo caminho da transcrição de falas e cantos, atentando para os conceitos trazidos pela CQN-Ubá/MG, sempre observando o que é dito e as explicações sobre o que é e como é feito.

Retomando aqui um pouco da conversa que tive com a Mestra logo no nosso primeiro encontro pude fazer uma leitura do Livro *Quilombola. Lamentos de Um Povo Negro* obtendo valiosos comentários de sua autora. Ressalto aqui um trecho que aparece no final de seu livro

E somos pobres coitados mesmo, por que para escrever este livro tive que vender muitas cocadas e fazer muitos tricôs, foi tudo escrito à mão, pois as pessoas que queriam me ajudar disseram que teria que fazer doação. Então não quis por que o trabalho deles tem preço e o meu também tem. Por isso luto pelos direitos raciais e pela cultura dos negros, meus pais são de família negra com uma religião que não é respeitada pela sociedade e sentimos na pele todos os tipos de preconceito, e não tenho vergonha, tenho é muito orgulho, pois nossos ancestrais não deixaram riquezas em cima de lágrimas, sangue e morte de seres humanos, o que eles deixaram foi uma árvore com raízes profundas que terá muitos galhos e muitas folhas. E este é o lamento do meu povo negro! Gritando pela verdadeira democracia e liberdade. (Maria Luiza Marcelino, *Quilombola. Lamento de um povo Negro*, 2015, p. 64)<sup>10</sup>



*Figura 1 - Quintal quilombola. Foto: Weverton. Filho da Mestra*

---

<sup>10</sup> O livro de Maria Luiza, com mais de 60 páginas, contou com a ajuda de seu filho Weverton para elaboração de seu primeiro estágio em forma manuscrita. Sua digitalização e tiragem estavam limitadas a falta de recurso e, amparada pela vontade de difundir este registro, Luiza contou com o apoio de uma gráfica da cidade para reproduzir cerca de 1500 unidades.

Dos escritos em seu livro atentei para um conjunto de descrições de histórias e citações de cantos que se perfazem em um "lamento" atualizado a cada dia. Sedimento essa interação com as palavras da Professora Makota Valdina (2018) ao falar sobre as intenções de extermínio da essência africana na humanidade

(...) Mas eles esquecem que com todos os trejeitos e jeitos como ameaça de extinção disso. Tem algo que transcende o mundo.

(...) E faz daqui, ali, outro lá como que elos sejam reatados.

(...) O elo pode estar partido visivelmente, mas no invisível o elo é inquebrável. Cada vez que dois se junta começa um elo inquebrantável.<sup>11</sup>

Este trabalho terá como enfoque perceber as construções dos pontos cantados de umbanda, considerando as experiências e vivências de Luiza como parte constitutiva de um complexo sonoro em que estes habitam. Para os processos da pesquisa de campo procurei estar conectado às histórias do quilombo, acompanhando as falas e cantos da sacerdotisa Este trabalho foi construído com conversas informais, gravações autorizadas nos mais variados contextos e transcrições de cantos e falas que procuram dar visibilidade aos saberes da comunidade. Trata-se de contextos que compreendem os inúmeros momentos de conversas com assuntos variados em campo ou por telefone, como: realização de novena aos necessitados que mais foram atingidos pelo Covid-19; conhecimento de seu livro manuscrito de cantos; lembranças do pesquisador quanto às sessões assistidas; gravação de cantos no terreiro; e, aprendizado do pesquisador sobre os cantos que serão mais evidenciados nesta pesquisa. A partir das lembranças de Luiza percebi a existência de uma história real repleta de adversidades, mas também de conquistas que dizem sobre um povo que não se rende à desigualdade e exploração e, tampouco, se envereda pela

---

<sup>11</sup> O elo inquebrável, Viver e ser. TPSM Conexão. Produção e edição: Hirameki Anat. Salvador Bahia. 2018. Brasil. Disponível em [www.youtube.com/watch?v=ButRXLqFqnw](http://www.youtube.com/watch?v=ButRXLqFqnw) Acesso em 12 de fevereiro de 2020.

posição de vitimização. Notei a significativa prática dos ensinamentos vividos e demonstrados pelos guias espirituais que, por meio de cantos, trazem a sabedoria de como ‘caminhar na terra’<sup>12</sup>.

Nesse prisma, o presente trabalho pretende trazer: a) reflexão sobre a visibilidade da CQN-Ubá/MG no cerne desta cidade; b) demonstração das experiências constitutivas da Sacerdotisa Maria Luiza enquanto liderança quilombola e a atribuição espiritual de chefe de terreiro em sessões assistidas e; c) as imbricações dos pontos cantados de umbanda no plano das relações religiosas e espirituais do quilombo. Para tal, este trabalho conta com dois tipos de registros de áudios: um deles produzidos em ambiente doméstico através de gravador de celular nos mais variados contextos do cotidiano de vida de Luiza e outro produzido em gravação programada no ambiente do TCPB a partir da abertura de uma sessão para este fim. Conta com registros de fotos e vídeos realizados por mim em aparelho celular e câmera de vídeo/fotográfica e outras fotografias tiradas por Weverton Marcelino<sup>13</sup> portando também câmera de vídeo/fotográfica. A gravação foi realizada por Frederico Mucci que, além de ser deslocar de Belo Horizonte a Ubá/MG, utilizou o seu próprio equipamento. Fred atuou ainda na edição de alguns cantos que, em sua grande maioria, foram editados por Luís Oliveira. Outras ilustrações, como: mapa e croquis contaram com os conhecimentos de arquitetura de Camila Macedo.

No primeiro capítulo procuro apresentar a CQN-Ubá/MG por meio de memórias que sinalizam sobre os aspectos constitutivos próprios dessa comunidade. Os momentos possíveis de serem descritos, considerando fatos inenarráveis e a limitação do pesquisador, serão revelados como pressupostos de compreensão específica da socialidade orientada por cantos que saltam espontaneamente das vivências de Luíza. Alguns assuntos propiciadores das noções de história e origem desse quilombo; apontamentos sobre a invisibilidade existencial enquanto ameaça institucionalizada de apagamento da comunidade e; a relação entre o sagrado e a vida cotidiana de uma mestra, sacerdotisa, mulher negra e quilombola serão evidenciados.

---

<sup>12</sup> Em documentário curto intitulado “Que tem fé tem tudo” produzido para esta pesquisa Luiza apresenta a citada expressão.

<sup>13</sup> Em uma de minhas pesquisas em campo consegui emprestado com o Prof. César do departamento de comunicação social da UFMG uma câmera simples da citada instituição para realização de registros. Disso resultou um documentário chamado – Quem tem fé tem tudo - trazido para esta pesquisa. Vendo que eu portava uma câmera, Weverton, além de me ajudar a manuseá-la, produziu algumas fotos que aqui serão expostas. Na ocasião, ele revelou que se tivesse uma câmera apropriada para fotografar produziria imagens com comunicação ainda mais profunda.

O segundo capítulo, “Oxalá te proteja e te alumia, te dê força” será marcado pela demonstração de uma umbanda embasada em fundamentos e modos próprios da que vivifica esta religião. Pretendi considerar ao máximo o modo do quilombo de em alicerçar a sua fé e devoção ao sagrado. Não busquei desconsiderar uma luta mais ampla intentada por inúmeros fiéis a essa religião pelo reconhecimento legal e patrimonial da história brasileira. Apenas busco, na descrição de um cotidiano conectado ao sagrado, bem como do lugar dos pontos cantados nessa comunidade, uma reflexão que reconhece a diversidade do fazer umbandista com mecanismos próprios de acesso aos mistérios espirituais desafiadores de qualquer dogmática religiosa.

Assim, ao apresentar os aspectos religiosos do quilombo sobre a ótica do que Maria Luíza denomina uma ‘outra vida’, ao refletir sobre a sua cultura, o espaço do TCPB, a mediunidade no quilombo, os Pretos Velhos e a concepção da fé, bem como, a feitura da benção por meio das reflexões da Mestra demonstro também um pouco de uma trajetória centenária de sabedoria voltada à arte de fazer o bem ao próximo.

O terceiro capítulo demonstrará, como se constroem as memórias das vivências históricas e espirituais dessa comunidade no repertório imemorial de pontos cantados, impulsionando os saberes fundamentais transmitidos pelos guias. Alguns preceitos são seguidos, como não cantar para uma entidade só na umbanda; seguir fielmente o que elas orientam na vida cotidiana; seguir os modos de preparação e funcionamento da sessão espiritual e; cuidar dos cantos trazidos e levados pelas entidades. As histórias contadas por Luiza ao longo deste trabalho serão percebidas com base na sua história, construída por cantos que afetam e expressam o modo de sobrevivência de um quilombo, diante do racismo velado e institucionalizado que sofre em toda sua história. Por fim, ganha destaque a apresentação de 11 (onze) pontos cantados e seus respectivos guias espirituais, escolhidos a partir das orientações de Luiza entre uma gravação<sup>14</sup> de áudio com mais de 100 cantos realizados em ambiente de terreiro.

---

<sup>14</sup> A complexidade dos eventos sonoros concentrada em cada ponto cantado me fez optar pela transcrição em formato gravação.

**CAPITULO**

**1**

**PELOS PASSOS DE UM  
QUILOMBO**

*“Desde a infância o ser humano vai se matando e ao crescer se torna um ser humano sem alma.” (Maria Luiza Marcelino)*



Figura 2 - Imagem da casa de Luiza e alguns de seus irmãos. Google Maps. Acesso em 19/10/2020

## PRIMEIRA APROXIMAÇÃO DO PESQUISADOR COM A COMUNIDADE

Setembro de 2018. Viajei até o quilombo com a expectativa de iniciar minha pesquisa acadêmica. Andrea e eu chegamos ao local na sexta-feira, por volta das 20h, e rapidamente nos deslocamos para o terreiro Caboclo Pena Branca, ocasião em que já havia iniciado as práticas religiosas de Umbanda. No percurso entre a casa da Mestra e o Terreiro tudo que via me chamava a atenção. Sobre a divisória simples de arame frente à casa e um portão subentendido apenas pelo estreito espaço de passagem estavam as velas que iluminavam o ambiente<sup>15</sup>. Velas que segundo a Mestra “encaminham os espíritos que não encontraram a luz”. Senti que a preparação espiritual no terreiro começa antes mesmo da entrada principal. As velas colocadas ao chão iluminavam o trajeto de pouco mais de cinco metros conduzindo a chegada de frequentadores, consulentes e médiuns até o local da gira. Pouco distante da porta do terreiro, escutei os sons dos cantos e o reverberar dos atabaques que sobressaíam sobre o silêncio daquela noite tranquila de céu estrelado. As duas janelas que vi enquadravam movimentos vivos e imprevisíveis de alguns médiuns trabalhando e o contraste da luz da lua e a luz de velas fazia do local um ambiente especial de fé e devoção.

No corredor de entrada do terreiro avistei um banco feito de ferro e cimento que compõe o corredor que dá acesso ao local sagrado. Pintura sobre várias telhas pregadas nas paredes e guardadas debaixo deste banco, um frizer reservado para as festas de santo e uma cortina que resguarda um espaço destinado aos médiuns também compõem o local. Em uma de nossas conversas Luiza me disse que este banco traz comodidade aos enfermos, os únicos que podem se sentar durante a sessão, pois para ‘descarregar<sup>16</sup>’ o corpo por completo é preciso ficar de pé durante alguns atos espirituais, pois é “(...) ficando de pé que ocorre o contato com os encantos e a natureza”.

---

<sup>15</sup> Hoje, um muro de tijolo e um portão de ferro substituíram o aparato de proteção entre a casa e a rua, mas, do passeio feito de terra bem avermelhada e a vista das montanhas ao fundo que se interagem com longos e antigos pés de coqueiros plantados no terreno da casa, se moldura o clima de tranquilidade ainda mais intenso.

<sup>16</sup> Durante as sessões espirituais serão agenciadas energias positivas que entram em confronto com aquelas negativas e, portanto, indesejadas para a vida em matéria. Então, pela atuação dos guias são realizados trabalhos visíveis e invisíveis, aos olhos de quem não possui esta clarividência, para possibilitar tal positividade. O descarrego, por sua vez, informa a “retirada” da energia negativa do indivíduo presente na sessão ocasião em que será propiciado por aqueles trabalhos que ali são realizados.

Sobre a madeira da única porta de entrada do terreiro estava anunciado por letras pintadas de branco o nome Caboclo Pena Branca<sup>17</sup>. As luzes das velas no ambiente da sessão faziam predominar uma iluminação intensa que dava visibilidade aos instrumentos sagrados, ao altar e, principalmente, às imagens das entidades. O terreiro estava enfeitado de maneira exuberante pelas bandeirinhas coloridas dispostas no teto, e o altar, ponto de encontro da maioria das imagens, e se constituía como um verdadeiro centro de devoção que conecta a espiritualidade aos participantes do culto.

Com o olhar atento à imensa imagem de Oxalá bem ao lado do altar principal pude perceber que sua estatura ultrapassava meu tamanho. A imponência dessa imagem de cores claras, olhar prostrado em sinal de humildade, seus braços abertos, e nos seus pés um prato com alimento, fez construir um campo imagético de sensibilidade e santidade. Próximo a ele, estavam dois bancos compridos de madeira para atender os participantes, do outro lado, em uma distância aproximada de um metro dos atabaques, se concentravam os médiuns.

Fiquei surpreso com o canto de inúmeros pontos cantados durante o ritual<sup>18</sup> e, curioso para saber o que eles representavam ali. Eram sete pessoas que atuavam na condução espiritual e a participação entre homens estava equilibrada. Observo que os ogãs eram pessoas mais jovens, e os pontos cantados, aparentemente, remetiam à identificação, à diferenciação, e invocação das entidades que, por meio do auxílio dos médiuns, chegam para ‘trabalhar’. As entidades comunicavam melhor quem são, sua força, presença, elegância, postura e danças peculiares por meio da atividade de cantos. Termina a primeira parte de cantos na sessão, agora ela se estruturou nos atendimentos realizados por diálogos e gestos próprios do conhecimento das entidades.

Em espaço oportuno do culto, cada participante pode aproximar seguidamente de quatro dos cinco médiuns que, pelo que observei, estavam em estado de transe espiritual. Cada um conversou apenas com Luiza<sup>19</sup>, e, pelo que captei, eram dadas orientações direcionadas a obtenção de autoestima, controle pessoal em situações difíceis, manuseio de ervas, dentre outras.

---

<sup>17</sup> Sobre esta entidade fundadora do terreiro e também a respeito desse espaço sagrado tratarei de maneira mais específica no capítulo II.

<sup>18</sup> Embora, inicialmente, utilizei este termo para tratar do conjunto de atos religiosos ocorridos em dia programado no quilombo compreendi, ao longo da pesquisa, que o termo ritual seria pouco abrangente diante das questões espirituais que ali se elaboram.

<sup>19</sup> Não se tratava de orientação dada por Luiza, mas da entidade que trabalha com a chefe de terreiro e, portanto, responsável pelas consultas espirituais.

Ao participar da orientação, fiquei apreensivo por não saber ao certo como se comportar durante a consulta. Antes, mantive a atenção nos detalhes e comportamentos dos consulentes frequentadores do terreiro. Via que quando eles conversavam com os médiuns, ora se abaixavam e levantavam, giravam em várias direções, posicionavam as mãos de forma diversa e principalmente, tinham a prática em entender a linguagem de “Luíza” durante as orientações.<sup>20</sup> De imediato não absorvi a maneira adequada de se comportar frente a todos os médiuns, ocasião em que contei com a ajuda espontânea da quilombola Leidiane para me orientar e explicar o que eu devia fazer e entender. Sem dúvida, entendi que estar próximo da comunidade e em contato com Luíza representará o único meio de compreender os saberes que permeiam os mistérios espirituais acessados por seus cantos e práticas religiosas.

Depois da finalização da consulta espiritual, cantos foram entoados de maneira a demonstrar despedida das entidades. Logo após um movimento brusco e vertical com o corpo, me pareceu que Luíza recobrou a consciência. Depois, sentada em um dos atabaques passou a emitir ritmos elaborados e incomuns ao que eu conhecia, aplicando, ainda, uma emissão vocal intensa sobre o “canto de despedida” das entidades. Aqui todos cantavam com muito vigor e batiam palmas. Os médiuns que atenderam os participantes também se movimentaram à sua maneira demonstrando recobrar a consciência. Ao final, médiuns e participantes do ritual trocaram palavras fraternas e muita reciprocidade, me proporcionado um cenário de novos laços de amizade. E lá se foram mais de duas horas de devoção e prática religiosa no quilombo.

---

<sup>20</sup> Ao adquirir maturidade de conhecimento sobre as consultas espirituais no quilombo ficou mais claro para mim que os Pretos Velhos que falavam sobre Maria Luíza possuem vários modos de agir que lhes são singulares: falas e expressões de comunicação comuns à estas entidades, rezas audíveis e murmuradas direcionadas ao consulente, cantos aplicados a depender da energia a ser afastada ou descarregada no local etc.



Figura 3 - Conversa com a Mestra. Foto: Weverton Marcelino

Após o término da sessão pude me aproximar e conversar um pouco com Luiza. Percebi, talvez pelo que anunciava a sua aparência ou pela impressão que tive do ritual, que se tratava de quilombola detentora de saberes preciosos de sua cultura.<sup>21</sup> Por achar invasivo intentar gravações sobre as primeiras conversas com Luíza não desenvolvi inicialmente este tipo de registro. Assim, o caderno de campo se tornou importante aliado para trazer para este trabalho muito do que me contou a Mestra.

Quando Luiza me disse pela primeira vez sobre o quilombo percebi que sua atuação é de uma liderança múltipla e conjugada, captei que ao mesmo tempo, além de mãe e avó, ela ainda

---

<sup>21</sup> Farei uma abordagem detalhada dessa aproximação no tópico destinado a compreender os propósitos da benção enquanto elemento percebido na umbanda desse quilombo.

precisa cumprir a função de líder espiritual no Terreiro Caboclo Pena Branca, líder político representativo do movimento negro<sup>22</sup> e quilombola da Associação Quilombola Namastê AQN-Ubá/MG. Sempre movida pela vontade em ajudar aos necessitados pude perceber em nossas conversas a sensibilidade de Luiza ao sofrimento dos mais pobres e como a história de sua comunidade se fortalece pela união e enfrentamentos contra as mais variadas ameaças à sua dignidade, oportunidade e sobrevivência. Além do aparente racismo institucional que senti em atos de omissão e pouca proximidade dos setores públicos de Ubá, bem como, à notória invisibilidade histórica do quilombo e dos valores dos negros que ali foram escravizados, acompanhei Luiza em um conflito de risco iminente e ameaças que visavam a concordância dela para oportunizar em serviço público de cargo designado com atuação em escola quilombola pessoas que não são reconhecidas como quilombola Namastê.

Com muita naturalidade Luiza nos convidou para tomar um café e conversar em sua casa. Sobre isso, disse de pronto “É café de pobre!” Pondero aqui a resistência física e mental que transbordava da Mestreira, pois, mesmo após um ritual longo e intenso, ela transmite e empresta bom humor e gentileza. Quem diria que do aceite desse café renderia cerca de três horas de conversa sem intervalo e programação!

Luiza começou a nos contar que ajudou a levantar as paredes do terreiro, fazer o piso de concreto e outras tarefas mais... Nesse momento a sua face externalizava o quão árduo deve ter sido esse trabalho mesmo obtendo ajuda de outras pessoas enviadas pela espiritualidade como mencionado por ela. Sobre a sua casa ela me disse que aonde está atualmente moravam seus pais, ou seja, em uma casinha pequena no fundo do quintal. Mas, observou que as terras quilombolas se perdem de vista em razão de vasta extensão e, o que hoje se percebe é uma cidade urbanizada que as estão “engolindo”.

A vida da CQN-Ubá/MG é retrato escrito em um livro de Luiza chamado *Quilombola. Lamentos de um povo Negro*. Trata-se de um registro de relato de vida que coloca em evidência

---

<sup>22</sup> Mestreira da Cultura Popular, titulada pelo Ministério da Cultura, Mestreira no Programa Saberes Tradicionais e transversais na Universidade Federal de Minas Gerais, Assessora da Comissão Estadual da Verdade sobre a escravidão negra e sobre o combate ao trabalho escravo contemporâneo no Brasil, membro do Conselho do Gymnásio São José, Presidente do Conselho de ética do MNU-JF, Presidente de Ética do Movimento Religioso Feijão de Ogum em Juiz de Fora, Integrante da Federação das Comunidades Quilombolas de Minas Gerais, Presidente da Associação dos Terreiros Tradicionais do Estado de Minas Gerais, Vice-presidente do Conselho Municipal de igualdade racial de Ubá/MG (VIANA, 2020, p.9).

um pouco, mas de forma profunda, a dor lembrada pela Mestra conectada a sofrimentos imputados aos seus familiares. Vejo aqui as marcas da escravização que seguem a ancestralidade de Luiza elaborando memórias de vivências difíceis, e mais incisivas, talvez, na Fazenda Liberdade.<sup>23</sup> Digo, talvez, por considerar que, mesmo com a “abolição formal”, a realidade da maioria dos negros “livres” é conviver com a desigualdade, falta de oportunidade, miserabilidade, entre outras dificuldades imputadas a eles em razão de um sistema moldado à “meritocracia” em que predominam os pressupostos legitimados pelos colonizadores e herdados por seus descendentes.<sup>24</sup>

Prosseguindo com a conversa, Luiza expôs a sua preocupação com a promoção, educação e oportunidade para o povo negro. Bem feliz e sorridente, disse sobre a conquista da comunidade em ter uma escola quilombola formalizada<sup>25</sup> para difundir os saberes da cultura afro-brasileira quilombola. Além disso, a escola quilombola representa possibilidade de contratação de professores e trabalhadores da própria comunidade.

O segundo dia de conversa com Luiza foi marcado por um delicioso almoço que, como já havia anunciado, foi servido às 11 (onze) horas. Assuntos relacionados à umbanda, quilombo, pesquisa acadêmica, hospedagem em Ubá, dentre outros foram trazidos, mas ganhou destaque a conversa que tivemos sobre seu livro *Quilombola. Lamento de um povo Negro*. Realizando leitura em voz alta revezada com Andrea lá se foram mais de 10 horas com apenas duas pequenas paradas para o lanche. Revela-se aqui os momentos em que a Mestra ia comentando cada trecho que escutava<sup>26</sup>. No decorrer das leituras, logo estávamos envolvidos por um imaginário da vida real de Luiza em que predominavam as tristes histórias da escravidão; a prática de racismo direto

---

<sup>23</sup> Esta fazenda, localizada em Ubá é lembrada por Luiza como o lugar onde seus familiares foram escravizados, alguns mortos e, ali mesmo enterrados. Falarei desse local mais a frente.

<sup>24</sup> Por razões específicas desta pesquisa não cabe aqui discutir o papel do Estado colonial e pós-colonial para desenvolver as questões da “abolição formal” e os efeitos sociais suportados por negros, índios, quilombolas dentre outros povos que são impedidos por diversas e subterfugas estratégias legislativa e jurisdicional de acessarem a isonomia tal qual prevê a Constituição Federal de 1988.

<sup>25</sup> Como apontarei lá na frente, acredito que a formalização enquanto escola institucionalizada alegre Luiza, vejo que esta ainda deve ser objeto de mudanças na sua forma de apresentar e se relacionar com os saberes quilombola Namastê, situação esta mencionada pela Mestra em algumas de nossas conversas pessoais. Sobre mais, fui convidado por Luiza a estar ao seu lado em uma palestra que ministrou no dia 17/10/2019 para professores e interessados da comunidade cujo tema “Conscientização quilombola” visou sensibilizar o entendimento das pessoas sobre o que vem a ser quilombo e quais os seus objetos.

<sup>26</sup> Luiza, em conversa pessoal, disse que seu livro se trata de um registro oral sobre as histórias que mais marcaram a sua vida enquanto mulher, negra, pobre, umbandista, quilombola e descendente de escravizados.

e indireto atribuído por indivíduo e em caráter institucionalizado; variadas discriminações reducionistas cerceadoras de oportunidades; mas também, resistência, esperança crescente em cada dificuldade e alegria advinda de conquistas da comunidade. Os projetos aprovados para o quilombo, representação em concurso de talentos<sup>27</sup> e a aproximação com autoridades brasileiras que valorizavam a sua identidade fizeram encher de lágrimas os olhos de Luiza.

Entre uma parada e outra para descansar a voz, saborear os biscoitos caseiros feitos por Luiza, ao final da leitura, soubemos um pouco de suas metas ao produzir registros que poderão dar evidência aos saberes, à cultura e, quem sabe, além de subsidiar os gastos básicos necessários para o funcionamento do terreiro e da associação, possibilitar melhoria na qualidade de vida da CQN-Ubá/MG.<sup>28</sup>

Em pesquisa de campo busquei manter sempre uma relação de proximidade com a Matriarca, não importante inicialmente os registros de saberes. Procurei não depositar expectativas maiores sobre a gravação dos cantos, já que, a meu ver, a pesquisa de campo em quilombo não se realiza de acordo com a pretensão do pesquisador. Lembrava-me sempre da fala da Matriarca "a gente não dá abertura pra qualquer um" e, a partir dessa consciência, entendia que o registro podia se dá de forma a colocar os interesses acadêmicos acima do fluxo natural cotidiano da vida quilombo. Só depois de um ano aproximadamente senti que a minha relação com a comunidade acenava para esta possibilidade. Agora a nossa relação de convívio tendia para a naturalidade, afastando qualquer aproximação fundada em roteiro de pesquisa pré-concebidos. Então, surgiu abertura para as gravações que melhor sedimentassem esta pesquisa.

Realizei gravação de vídeo, áudio e imagens fotográficas, além de escritos das falas da Mestra, buscando rememorar a sua trajetória enquanto quilombola e as possíveis relações com a religião Umbanda. Vi que o tempo de construção das relações de proximidade foi importante para obter melhor compreensão do conhecimento contidos nos momentos com Luiza e os outros interlocutores desta pesquisa.

---

<sup>27</sup> Como me contou Luiza, ainda que se tratava de um concurso em que não foi possível revelar quem era o talentoso titular da arte escolhida (um negro quilombola Namastê) por causa de possível risco de eliminação em razão da pessoa, a Mestra se alegra muito com esta conquista.

<sup>28</sup> Sobre a produção de registros aos quais menciono, como: 2ª edição do livro *Quilombola. Lamento de um povo negro*; um livro de pontos cantados, dentre outros, especificarei melhor posteriormente.

Para realizar algumas gravações eu utilizava, com a permissão de Luíza, um aparelho celular que carregava comigo. Não me preocupava em fazer gravações que pudessem tão somente subsidiar esta pesquisa prezando sempre por realizá-las em conformidade com a abertura que possuía dos interlocutores da pesquisa. Os registros, portanto, seguiam, em grande parte, a lógica da comunicação pessoal os relatos da comunidade. Procurei estar atento ao que me foi dito pela oralidade durante a estada em campo pelas seguintes razões: a) existência de poucas informações do quilombo nos meios virtuais ao tempo da pesquisa, b) nenhuma obtenção de informação sobre o quilombo nos órgãos públicos da cidade de Ubá/MG, embora ocorresse tentativa de contato com a secretaria de Cultura, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e o setor de publicidade da prefeitura, c) pleno cuidado com levantamento de material de pesquisa que pudessem interferir na fluidez das lembranças e memórias compartilhadas com o pesquisador.

A comunicação pessoal se tornou importante fonte das principais narrativas desse trabalho em razão da naturalidade, fluência e pluralidade de assuntos em cada contexto. Já os registros gravados funcionaram como alicerce capaz de fundamentar assuntos que pontuam bem a vida quilombola Namastê.

Foram quatro gravações com registro de conversas e cantos e, várias produções fotográficas ao longo da pesquisa de mestrado. A primeira se constitui em gravação de vários pontos cantados e suas respectivas explicações sobre significados e contextualização. Maria Luíza ia cantando próximo a um gravador de aparelho celular e em seguida eu perguntava o que não entendia. Muitas vezes ela adiantava a explicação sem que eu a perguntasse. A segunda gravação ocorreu por meio de uma câmera de vídeo, oportunidade em que registrei várias cenas do cotidiano de sua vida. O vídeo dessa gravação ultrapassa 24 (vinte quatro) horas de manuseio com a câmera e, para adequá-lo a este trabalho, resultou em um arquivo de 35 minutos com momentos surpreendentes. Não presenciei situação em que a Matriarca estivesse indisposta, ela sempre desenvolvia novos assuntos e argumentos. Como se verá de algumas transcrições das conversas ao longo do texto que apresento, as suas falas possuem constância e muita profundidade argumentativa. Em algumas situações, seus olhos estavam alhures, constrictos, como se falasse mais consigo mesma do que comigo. Via que minhas participações eram desnecessárias e, caso ocorressem, poderiam atrapalhar os conhecimentos a serem expostos. O encerramento de cada momento se dava quando surgia outra atividade que Luíza precisava fazer,

mas nunca por cansaço ou coisa parecida. O local das gravações era em todo o terreno da casa e para além, entretanto, as conversas aconteciam, de modo geral, no sofá da sala, copa e cozinha durante o preparo de alimentos. A terceira gravação foi realizada novamente com o gravador de aparelho celular durante a qualificação de mestrado, ocasião em que a Matriarca e seu filho Weverton estiveram presentes. A quarta e última gravação se deu a partir da escolha coletiva de alguns pontos cantados que poderiam ser registrados em voz plena dos médiuns e acompanhamento de atabaques.

De todas as conversas, registradas e pessoais, surgiram vários assuntos que remetem a pensamentos, experiências e ensinamentos da Mestra. De certa forma, para materializar assuntos, senti a necessidade de realizar transcrição literal de várias falas de Luiza como aparato de construção do corpo textual e narrativo deste trabalho.

### **COMUNIDADE QUILOMBOLA NAMASTÊ: história, origem e invisibilidade**

Notar, entender e se relacionar como os pontos cantados de Umbanda trazidos para este trabalho, passa pela tentativa de compreensão do que se pode definir por quilombo dentro e fora da comunidade. Como menciona Viana (2020, p.87) “a formação de quilombo não se dá de forma engessada, objetiva e universal, ou seja, não se forma do mesmo jeito em sua totalidade e assim há de se repensar onde se encaixa essa definição [...]”. A Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) explica que do idioma africano *quimbundo* originou-se a palavra quilombo.<sup>29</sup> Avançando mais na busca do conceito de quilombo o PARECER CNE/CEB Nº: 16/2012 traz, nos dizeres de Munanga e Gomes (2004, p. 71, 72), a informação de que a origem da palavra *kilombo* vem da língua banto *umbundo*, falada pelo povo ovimbundo, sendo um tipo de instituição sociopolítica militar da África Central. Estas sociedades eram abertas para todos e sua formação na África e no Brasil podem ter acontecido na mesma época.<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> CONAQ. Resiliência Quilombola. Disponível em: <http://conaq.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 21 março de 2020.

<sup>30</sup> PARECER CNE/CEB nº 16/2012, aprovado em 5 de junho de 2012- Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323->

Segundo Moura (1997) *apud* PARECER CNE/CEB Nº: 16/2012, a Coroa portuguesa, em 1740 conceituou quilombo como “Toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles”. Somado a isso, também podemos encontrar na letra constitucional vigente à época, a citação da palavra quilombo na resposta do Rei de Portugal à Consulta do Conselho Ultramarino, em 2 de dezembro de 1740<sup>31</sup>.

No século XX, o sentido de quilombo passa a ser alargado para além daquele atribuído no período da escravidão. Beatriz Nascimento (*apud* SANTOS 2018, p.12) trouxe a questão do pertencimento do negro na categoria de quilombo, trazendo uma nova dimensão do conceito. Através da história oral, Santos (2018, p.12) argumenta que os pesquisadores caracterizaram o quilombo como "como instituição social, de procedência de países africanos, durante a colonização portuguesa e comércio/tráfico transatlântico de escravos, em suas manifestações na história e na pré-diáspora".

A maioria dos povos quilombolas brasileiros eram oriundos de várias regiões e mantinham a cultura africana como sua referência de origem. Sua história, cultura e política abrangiam também os que se opunham ou eram vítimas do sistema escravagista, portanto, por essas e outras razões, os quilombos representavam um ambiente favorável à sobrevivência. Schmidt (2007) informa que alguns quilombos se davam por agrupamento de escravos, ex-escravos e também da "população oprimida: índios, homens e mulheres pobres" (SCHMIDT, 2007, p.194). Segundo a EMI N. 58 de 20 de novembro de 2003, tornava-se mais intenso e preocupante para o Estado escravagista a fuga de negros e, isso levou a implantação da lei no 236, de 20 de agosto de 1847, sancionada pelo Presidente da Província Joaquim Franco de Sá, que assim dispunha:

"Art. 12- Reputa-se-há escravo aquilombado, logo que esteja no interior das matas, vizinho ou distante de qualquer estabelecimento, em reunião de dois ou mais com casa ou rancho."

---

secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/17576-ceb-2012-sp-689744736>. Acesso em: 02 de março de 2020.

<sup>31</sup> Idem.

O dispositivo apresentado possuía o objetivo de diminuir as fugas trazendo maior singularidade ao conceito de “quilombo” agora com ampla localização geográfica. Em sua grande maioria sendo liderados por negros, os quilombos trazem a experiência coletiva da diáspora africana e seus descendentes. Assim, percebe-se que a concepção de quilombos não se limitava apenas a africanos escravizados, pois, a partir de tal normativa o local de habitação se torna definidor para encontrar o escravo aquilombado.

Os quilombos se mantêm vivos por suas resistências de modo a fazer valer as normas que os reconhecem enquanto povos de direito. De certa forma, um novo olhar sobre as questões históricas, políticas, culturais e jurídicas fizeram surgir outra compreensão sobre o conceito de quilombo. A Associação Brasileira de Antropologia (ABA), em 1994, passa a compreender quilombo de maneira mais ampla. Segundo O’Dwyer (1995), citado no parecer do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica Nº 16/2012:

(...) Contemporaneamente, quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Não se trata de grupos isolados ou de população estritamente homogênea, nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados. Sobretudo consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e na reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de território próprio. A identidade desses grupos não se define por tamanho e número de membros, mas pela experiência vivida e as versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade como grupo. Neste sentido, constituem grupos étnicos conceitualmente definidos pela antropologia como um tipo organizacional que confere pertencimento por meio de normas e meios empregados para indicar afiliação ou exclusão. (O’DWYER, 1995, p. 2)

Na linha de outros autores mencionados no PARECER CNE/CEB Nº: 16/2012, como Gusmão (1995), Araújo (1990), Leite (1991), Almeida (1988), Gomes e Pereira (1988), dentre outros, percebe-se dos quilombos a valorização da cultura dos antepassados para formação de sua identidade atual. A partir disso, se estabelece o pertencimento e consciência de sua tradição e, principalmente, da importância das terras onde se desenvolve a sua cultura. Estamos diante, por conseguinte, da conceituação de “quilombos contemporâneos” que permite ressignificar a identidade quilombola.

A Constituição Federal de 1988 por meio do art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADTC) trouxe para o âmbito jurídico o reconhecimento legal dos quilombos. A expressão semântica "remanescentes das comunidades dos quilombos", prevista

no art. 68 do ADCT busca libertar estas comunidades dos marcos conceituais das ordenações Filipinas e Manuelinas, razão em que o termo utilizado diz sobre personagens de direito cobertos por norma reparadora dos danos sofridos à época. Como preleciona Santos (2018 *apud* SILVA, 2017) propõe-se garantir o direito à memória histórica dos remanescentes de quilombos que carregas sofrimentos e violações que causam "danos existenciais coletivos às comunidades" (SANTOS, 2018 *APUD* SILVA, 2017, P. 13). Embora esse reconhecimento legal suscite amplos debates e discussões sobre quem seriam os “remanescentes de quilombos”, certamente, representa grande avanço em direção aos direitos dessas comunidades.

Para Gonçalves (2017, p.46) a identidade quilombola transcorre “por critérios étnicos, político-organizativos, territoriais, e uma ocupação singularizada, que abarca elementos culturais, históricos, sociais e políticos.” Entre suas características, Carlos Eduardo Marques e Lílian Gomes indicam que o quilombo pode apresentar em todo ou em parte “definição de um etnônimo, rituais ou religiosidades compartilhadas, origem ou ancestrais em comum, vínculo territorial longo, relações de parentesco generalizado, laços de simpatia, relações com a escravidão e, principalmente, uma ligação umbilical com seu território”<sup>32</sup>. Já Alfredo W. Berno de Almeida caracteriza os chamados remanescentes de quilombo por:

(1) identidade e território indissociáveis; (2) processos sociais e políticos específicos que permitiram aos grupos uma autonomia; e (3) territorialidade específica, cortada pelo vetor étnico no qual grupos sociais específicos buscam ser reconhecidos.<sup>33</sup>

Gonçalves (2017, p.47) adenda o conceito de quilombo realçando que para a moradora da comunidade do quilombo do *Baú*, Daiane Santos das Neves, ser “quilombola é ter a cultura quilombola, e esta cultura é identificada a partir dos ensinamentos que lhe foram transmitidos por seus pais e avôs.” Outra moradora da citada comunidade, Romilda Santos das Neves também mencionada por Gonçalves (2017, p.47) enfatiza:

---

<sup>32</sup> MARQUES, Carlos Eduardo; GOMES, Lílian. A Constituição de 1988 e a resignificação dos quilombos contemporâneos Limites e potencialidades. RBCS Vol. 28 n° 81 fevereiro/2013. p. 142. *Apud* GONÇALVES, Ana Cláudia. 2017:46.

<sup>33</sup> ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os quilombos e as novas etnias. In: Quilombos – Identidade étnica e territorialidade. Eliane Cantarino O’Dwyer ( Org.). Rio de Janeiro: Editora FGV e ABA, 2002. pp. 83-108 *apud* MARQUES, Carlos Eduardo; GOMES, Lílian. A Constituição de 1988 e a resignificação dos quilombos contemporâneos Limites e potencialidades. op. cit. p. 141. *Apud* GONÇALVES, Ana Cláudia. 2017:46.

Eu creio que ser quilombola é ser livre, é cê poder escolher onde que você quer ir, o que cê quer fazer, ter direito de ir e vir como qualquer outro, ter direitos de trabalhar, de estudar, de correr atrás, de ter alguma coisa(...).

No impulso das definições de quilombo informadas por alguns moradores do quilombo do *Baú* pretendo demonstrar recortes da trajetória de vida da Matriarca e Quilombola Maria Luiza Marcelino, popularmente chamada de Tisa. As suas histórias de vida são infinitamente mais intensas e dinâmicas do que será aqui apresentado, sendo algo impossível de ser expresso em sua totalidade em algumas páginas. Ainda assim, entendo vários ensinamentos norteadores das vivências da comunidade quilombola *Namastê*. A sacerdotisa e chefe de terreiro, Maria Luiza, orienta este trabalho por várias razões. Dentre elas, está o fato de preservar viva as memórias sobre a ancestralidade do quilombo, os saberes tradicionais de religião de matriz africana e ameríndia, e, principalmente por representar uma das forças de enfrentamento a favor dos quilombolas na zona da Mata em Minas Gerais. Portanto, em alguns momentos o texto seguirá um caráter de ensino e aprendizagem dado ao cunho peculiar da Mestreira Maria Luíza em ensinar e contemplar pensamentos sobre sua cultura a todo instante e, também, para evidenciar o quanto esses saberes têm a agregar.

### **Um pouco de sua história e origem**

Em aspecto geral a cultura dos quilombolas é revestida de segredos sociais e históricos que privilegiam uma resistência contra tudo e todos que intentarem apagar a sua diversidade existencial. Localizada na zona da Mata<sup>34</sup>, cidade de Ubá/MG, a comunidade quilombola *Namastê* não se difere dessa vertente quilombola. Durante o período colonial predominavam em Ubá as atividades econômicas rurais com o uso expressivo da mão de obra escravizada. Ainda que atualmente a industrialização seja expressiva e objetivada à produção de móveis, observei que tal mudança de polo econômico continua a fazer ecoar os sofrimentos impostos aos negros no

---

<sup>34</sup> Segundo as fontes do IBGE (2001), esta região está localizada no sudoeste de Minas Gerais possuindo uma área de aproximadamente 35.747,726 Km<sup>2</sup>. Além da cidade de Ubá, compreende também em sua mesorregião as cidades: Juiz de Fora, Viçosa, Ponte Nova, Manhuaçu, Muriaé, Leopoldina, Visconde do Rio Branco, Cataguases, Carangola, São João Nepomuceno, Santos Drumont e Além Paraíba.

passado. No livro de Luiza, *Quilombola. Lamento de um Povo Negro* é possível perceber o início de uma vida fadada ao sofrimento que perdura por vários períodos políticos que ameaçaram a sobrevivência do negro que se encontra nessa região

O sofrimento de minha família começou em 1836 na fazenda da Liberdade localizada na zona rural do município de Ubá, Minas Gerais. Minha Tataravó Luz Divina era escrava dessa fazenda e trabalhava na lavoura de café, tinha 15 filhos com seu companheiro Leôncio que era cortador de cana. Cinco filhos deles foram trocados pelo fazendeiro, pois ele estava precisando de uma junta de boi. Então trocou os filhos de Luz Divina pela mercadoria. (Maria Luiza Marcelino. *Quilombola. Lamento de Um Povo Negro*, 2005. pág. 3)

Não consegui encontrar uma fonte vasta de registros que pudessem informar sobre a história e origem da CQN-Ubá/MG, por isso, faço menção à reportagem sobre a Fazenda Liberdade da TV Um e informações encontradas no site da prefeitura da cidade.

A reportagem da TV UM – Rede Minas - mostra os rastros históricos da escravidão na cidade de Ubá e o que sobrou da Fazenda Liberdade que, se antes estava abandonada e em ruínas, hoje o casarão histórico já não existe mais. A atividade econômica principal da época era a fabricação de cana de açúcar e do café. O velho casarão possuía equipamentos dos escravizados que também atendiam aos proprietários do local. A Fazenda recebe o nome de Liberdade por ser uma das primeiras a alforriar seus escravos em Minas Gerais. As paredes da senzala eram sustentadas por estrutura de madeira e ferro que já apresentava sinais de destruição. O casarão abandonado, a velha pia de pedra, uma esfera de madeira de lei<sup>35</sup> e o cemitério de escravos são o que restou da história. Durante a reportagem Luiza conta que sempre ia à fazenda com sua avó, filha de escravos. De suas falas, temos as seguintes lembranças

(...) aqui é um lugar que traz muita tristeza (...). Eu vinha com minha avó pegar lenha, buscar ervas pra chá. Então a minha vó falava que estava praticamente toda a família dela enterrada no cemitério aqui.” (Depoimento de Maria Luíza Marcelino na reportagem da Tv Um).<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> Peça em que provavelmente seria colocada nas correntes dos escravos para evitar as fugas.

<sup>36</sup> TV Um. Rede Minas. (Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=siWHjTVI0AY> acesso em 12 de dezembro de 2019)

Embora à época já estivesse sendo realizadas ações para o tombamento do casarão da fazenda como patrimônio histórico, as suas estruturas não existem mais, sendo aqui preservadas pelas memórias de Luiza e seus familiares.

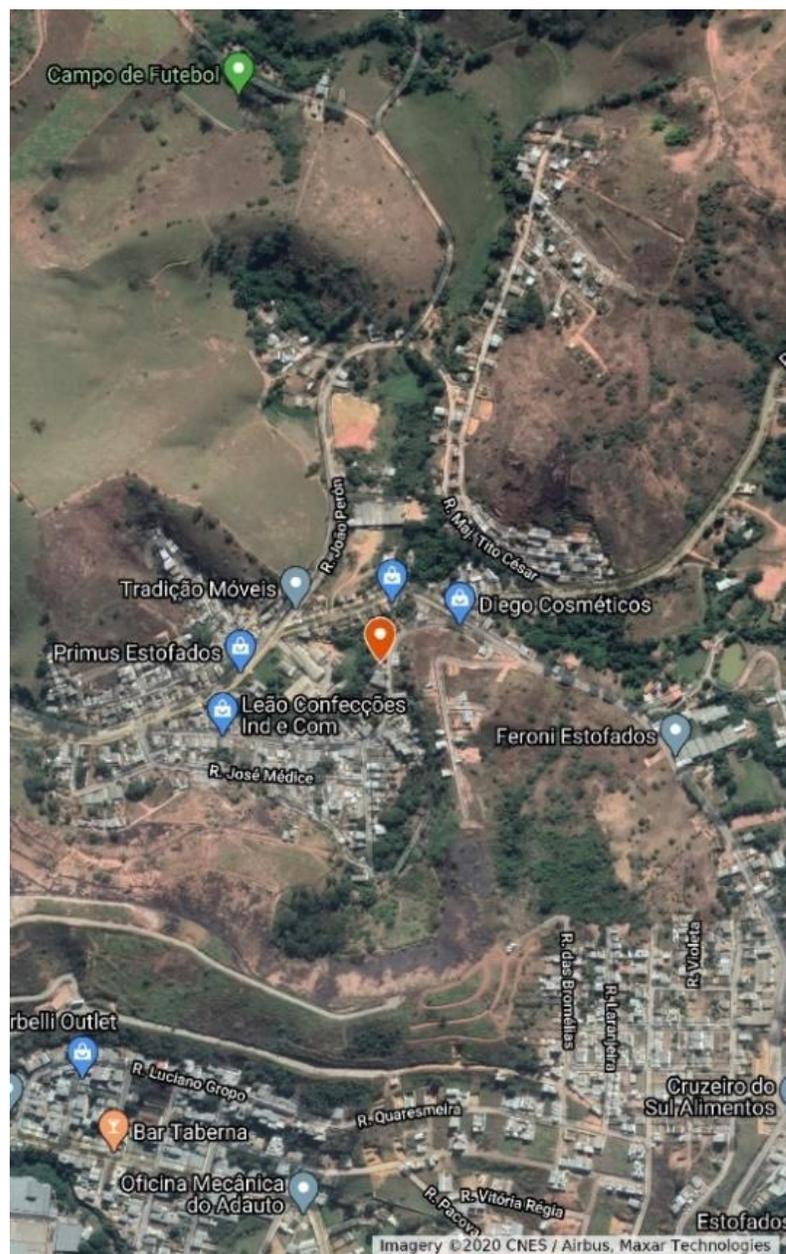


Figura 4 - Imagem do Bairro da Luz de Ubá/MG. Em vermelho a casa de Maria Luíza.

Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/search/ub%C3%A1%2Fmg++bairro+da+luz/@-21.1155702,-42.9632081,15z/data=!3m1!4b1>. Acesso em 19/10/2020.

A população estimada de Ubá/MG em 2020 é de 116.797 habitantes com PIB *per capita* de R\$ 25.255,54 segundo fontes do IBGE.<sup>37</sup> De imediato se evidencia uma cidade que concentra muita riqueza e, infelizmente, a mais absurda desigualdade. De certo a forte economia de Ubá se deve a processos históricos em que foi utilizada e explorada a mão de obra de índios, negros e de imigrantes. Mas, quanto ao papel do negro para alavancar esta economia, pouco se vê descrito nas fontes institucionais que busquei no site de sua prefeitura. Pior, a presença indígena aparece como intensa nos primeiros momentos em que estas terras foram adentradas por colonizadores, deixando marca nos nomes de rios, terras e plantas, mas quedando-se, atualmente, totalmente apagada no discurso sobre sua importância para o crescimento da cidade.

(...) a palavra Ubá, em tupi-guarani, significa canoa de uma só peça escavada em tronco de árvore. É também o nome popular da gramínea "Gynerun Sagittatum", da folha estreita, longilínea e flexível, em forma de cano, utilizada pelos índios na confecção de flechas de caça e combate, e encontradas em toda a extensão das margens do ribeirão que corta a cidade. O nome do Rio Ubá se deu justamente pela existência dessas gramíneas.

A colonização da bacia do Rio Pomba deu-se, inicialmente, a partir da decadência das atividades de mineração. Em fins do século XVIII e início do século XIX, várias famílias deixaram Mariana, Ouro Preto, Guarapiranga e outros centros de extração à procura de terras férteis e propícias à agricultura, onde pudessem desenvolver atividades de renda mais estável e segura.

As regiões banhadas pelo Rio Turvo, Chopotó, Pomba e outros, eram assediadas devido à ocorrência de florestas que prestaram à extração de madeira e que até então eram habitadas pelos índios (chopós, croatos e puris) e aventureiros. Esses, fundaram fazendas, que prosperaram e deram início à formação de núcleos de população, hoje, cidades florescentes, entre as quais, a cidade de Ubá. (<http://www.uba.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/uba---historia-e-evolucao/6495> acesso em 10 de novembro de 2019 às 23h03min)

Embora o relato oficial presente no sítio eletrônico da prefeitura mencione a presença indígena nos primórdios do povoamento pelos colonizadores destas terras, muito pouco é narrado sobre sua história, as batalhas e conflitos que teriam se sucedido. Do mesmo modo se passa o relato sobre a presença dos escravos trazidos para a região

Em 1805, o capitão Mor Antônio Januário Carneiro, natural de Calambau e seu cunhado, comendador José Cesário de Faria Alvim, adquiriram várias sesmarias até então pertencentes ao Município de São João Batista do Presídio, hoje, Visconde do Rio Branco, trazendo suas famílias, escravos e rebanhos. Fundaram, assim, a atual cidade de Ubá.

(...).

---

<sup>37</sup> Dados do IBGE. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/uba/panorama>. Acesso em 21/09/2020.

Nesse período colonial, a terra tinha pouco valor, pois tudo estava por fazer e o produto primário era o grande objetivo da transformação, tornando a mão-de-obra do campo a principal fonte de renda. O escravo tornou-se peça fundamental para o desenvolvimento agrícola da região, chegando a valer nessa época, mais do que 30 alqueires de terra.

Somente após 1810, houve incentivo ao tráfico de escravos que, com sua capacidade de cultura à terra e seu adestramento nos trabalhos da Casa Grande, contribuíram bastante para a economia cafeeira de Ubá.

A chegada dos imigrantes italianos proporcionou um aumento nas diversas culturas, principalmente na fumageira. A imigração ocorreu em duas épocas distintas e procedências diferentes:

(...) (*Idem*)

Observo que as informações históricas acima naturalizam de certa forma a chegada de escravos na cidade, sem, no entanto, dizerem qual destino estes tiveram, qual foi a contribuição que deram para o crescimento da cidade e em quais práticas cruéis de discriminação, violência e morte isso se deu. Ao contrário, o texto se atenta a tratar mais da imigração dos trabalhadores italianos e seus feitos para a construção da cidade. Se em um primeiro momento os escravos eram mercadoria de alto custo, logo depois, em razão da mão de obra de imigrantes, perderam valor como mercadoria. Pela perda de valor da mão de obra escrava infere-se do relato que os escravizados foram apagados da história da cidade sendo, por conseguinte, sujeitados a viver condições socioeconômicas extremamente desiguais.

Em meio à lacuna histórica de registros sobre os negros escravizados em Ubá e, não só por isso, por meio da oralidade enquanto ferramenta potente contra a oportunidade de letramento negado ao negro, percebo que a origem e a tradição da CQN/Ubá-MG circula pelos quilombolas por meio do agenciamento matrilinear, agora confiado pela espiritualidade à Luiza. Quanto a esse modo de perpetuação da cultura quilombola Silva (2016:10) apresenta

A história oral se ocupa em conhecer e aprofundar conhecimentos sobre determinada realidade - os padrões culturais - estruturas sociais e processos históricos, obtidos através de conversas com pessoas, relatos orais que, ao focalizarem suas lembranças pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas das trajetórias do grupo social ao qual pertencem, ponderando esses fatos pela sua importância em suas vidas (CASSAB, 2007, s/p *apud* SILVA 2016, p. 10 ).

Nesta mesma linha procuro conceber esta pesquisa percebendo também nos cantos as origens e histórias do quilombo e o trabalho de memória realizado pela Mestra Maria Luiza. Ou seja, um complexo de lembranças e condicionamentos que estimulam e elaboram as proposições sonoras dos pontos cantados. Isso significa que a história do quilombo Namastê não se limita

apenas a esta parte do trabalho, pois será construída em todas as falas transcritas de Luiza aplicadas ao longo de todo o texto.



Figura 5 - Palestra sobre a Conscientização da Cultura Quilombola ministrada por Luiza na Escola Quilombola Governador Valadares/Ubá-MG

### **Forçada invisibilidade sobre um notável quilombo**

A CQN-Ubá/MG, nas palavras de Luiza (MARCELINO, 2005, p.03), se constituiu por meio da escravização de negros em lavoura de café, canavial e em outras atividades rurais realizadas em fazenda localizada na cidade de Ubá no período colonial. O trabalho rural forçado perdeu força com a abolição formal da escravidão (1888) oportunizando, de alguma forma, que

alguns negros pudessem plantar e desenvolver uma agricultura de subsistências. Sobre isso, Luiza relata em seu livro que as terras de sua avó Deija, herdadas de seu falecido marido, eram um local onde o trabalho na roça garantia o sustento de sua família (2005, p. 8). Entretanto, as manobras dos fazendeiros à época acabaram por retirar as terras e pertences de muitos negros, situação em que se encontrou Dona Deija.

Entre a linha de trabalho rural forçado e o trabalho rural para subsistência reside a condição de quilombola rural da família de Luiza, mas atualmente, por fatos como o de Deija e outros mais, se percebe das terras quilombolas apresentados a mim por Luiza e seu filho Marlon uma crescente urbanização que se confunde com a cidade. Disso, o quilombo passa a ser “visto como urbano”<sup>38</sup> em razão das construções civis nas terras quilombolas situação que ainda inviabiliza o desenvolvimento do plantio para sustento<sup>39</sup>. Se por um lado vejo o negro “liberto” submetido a condições precárias de humanidade ocasionada por uma desigualdade secular, por outro, a família de Luiza sempre manifestou resistência a essa condição. Vivendo em situação financeira precária, Deija, independente das críticas que lhe atribuíam, recebia em sua casa pessoas apartadas da sociedade, como: mulheres de gravidez indesejada, dependentes químicos famintos, entre outras pessoas lançadas à situação de miserabilidade. Formava-se a partir disso uma comunidade, não só de quilombolas, mas de necessitados que eram acolhidos pela família de Luiza, fato que deixa a Mestra orgulhosa

(...) Como ela não aceitava dinheiro, passavam a levar coisas de comer, como arroz, feijão, milho e uns traziam porco e cabrito. Foi até que caiu no ouvido daquelas pessoas que não tinham para onde ir, e que os fazendeiros tinham tomado suas terras, então Deija passou a recolher pessoas abandonadas na rua, todos ficavam em sua casa. E quando seus filhos vinham passear ficavam revoltados dizendo que sua mãe estava tirando de sua boca para dar aos outros. Mas Deija dizia que matava a fome de quem tinha fome, matava sede de quem tinha sede, Oxalá estava com ela e nunca iria faltar nada para ajudar o próximo. (MARCELINO, 2005, p. 14)

---

<sup>38</sup> Segundo Silva, E. (2003), os quilombos urbanos eram dormitórios dos negros fugitivos que tentavam a sobrevivência nos mercados e portos das cidades. Já Barbosa (s/d) afirma que estas aglomerações ficavam a quatro, cinco quilômetros da cidade, fixados no alto dos morros ou nos vales. Eram comunidades clandestinas que sobreviviam do intercâmbio com os negros libertos, e os redutos se tornaram focos de resistência na luta abolicionista. Com o fim da escravidão, os quilombos urbanos não desapareceram da paisagem das cidades. Parecer, 2012, p. 7.

<sup>39</sup> No terreno de Luiza as hortaliças e as ervas são mantidas, porém trata-se de cultivo com a terra limitado ao pequeno terreno que ela vive.

Observo que este quilombo encontra nos caminhos do acolhimento aos desamparados a ferramenta de resistência que lhes traz força. Através do trabalho espiritual de Luiza que atende os que em desespero a procuram os feitos do quilombo perduram no tempo em plena orientação da espiritualidade.<sup>40</sup> Mesmo que se perceba na CQN-Ubá/MG a tarefa centenária voltada a ajudar ao próximo, esta comunidade enfrenta as tentativas de invisibilidade que aparentemente funcionam como estratégia de apagamento histórico da importância do negro e quilombola para a cidade de Ubá.

Ao chegar de Belo Horizonte na rodoviária de Ubá, informava propositadamente aos taxistas sobre meu destino final - comunidade quilombola Namastê, casa de Maria Luiza Marcelino, mas, me causando estranheza, ninguém sabia onde era esse local. Logo, quando eu dizia, Bairro da Luz, nenhum, dos mais de 8 (oito) taxistas que peguei, sequer hesitava para onde deveria ir.<sup>41</sup> Lembro-me até que um dos taxistas chegou a afirmar que conhece muito bem a cidade e nunca ouviu falar desse quilombo. Talvez esse desconhecimento fosse normal para uma cidade com mais de 100 mil habitantes, entretanto, quando se reflete que a comunidade está, aproximadamente, a 10 minutos da única rodoviária da cidade localizada em área central-histórica e que os taxistas garantem a própria segurança e o valor justo do seu trabalho pelo conhecimento do destino informado pelo cliente, vale aqui refletir sobre as razões que levam ao desconhecimento de uma comunidade quilombola já conhecida para além das fronteiras de Ubá.<sup>42</sup>

Depois de me relacionar com os saberes provenientes da aproximação com Luiza comecei a sentir falta de outros dados que pudessem complementar esta pesquisa. Os dados aos quais me refiro dizem sobre a situação do processo de titulação de terras quilombolas da CQN-Ubá/MG que pudessem me proporcionar conhecimento sociológico, antropológico e histórico sobre o quilombo, bem como, as fases cumpridas desse processo. Em uma visita de Moema, proprietária do museu Gymnásio São José de Ubá, no dia em que eu estava na casa de Luiza pude perguntá-la

---

<sup>40</sup> Como já me contou Luiza, não se cobra para realizar consulta e trabalhos espirituais, pois os guias de luz não operam pela riqueza, ganância e cobiça de bens materiais. Em alguns casos, dentro da condição da pessoa, ela aceita uma contribuição financeira ou de materiais que ajudam na manutenção do terreiro, mas sempre cuidando para manter esta finalidade.

<sup>41</sup> Percebi ainda que o destino do passageiro é importante para a cobrança do preço que poderia variar entre taxa fixa de R\$ 20,00 (vinte) reais se para lugares próximos da rodoviária e não “perigosos” e/ou cobrado no taxímetro se para lugares distantes e desconhecidos conforme entendimento do taxista.

<sup>42</sup> A título de exemplo a CQN-Ubá/MG, na pessoa de Luiza, foi mencionada em disciplinas de pós graduação na UFMG e foi fonte de saberes tradicionais em trabalho de conclusão de curso na UnB-DF.

sobre as exposições da história do quilombo que lá possam existir, mas não obtive êxito em qualquer registro, peças, documentos ou relatos históricos a respeito da comunidade.<sup>43</sup> Quando cursei a disciplina “Outras Filosofias e Pragmáticas da Imagem”<sup>44</sup> na pós-graduação da UFMG, uma colega de sala ficou encantada ao saber sobre a existência de um quilombo em sua cidade. No próximo encontro da aula ela me disse que havia perguntado aos seus pais sobre a comunidade e então me disse que se surpreendeu com o desconhecimento deles sobre a existência de quilombo em Ubá. Luiza, Felipe (amigo) e eu consultamos os órgãos públicos da cidade: fomos na Prefeitura da cidade, ocasião em que passamos por setores da Comunicação Social, Desenvolvimento econômico e Cultura; também estivemos no setor do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) presente na cidade<sup>45</sup>. Inicialmente a intenção era apenas obter respostas do INCRA sobre o processo de titulação de terras da comunidade<sup>46</sup>, mas, sem respostas, fomos estimulados a encontrar o setor competente para tal. Nos disseram que os dados históricos variados da cidade poderiam ser encontrados com mais facilidade na Secretaria de Desenvolvimento Econômico<sup>47</sup> ou no setor de Publicidade. Visitamos estes dois setores e, com muita convicção, nos encaminharam à secretaria de Cultura, pois de pronto ficou entendido que lá seria o lugar ideal para obter pelo menos informações sobre a história cultural do quilombo. Na Secretaria de cultura<sup>48</sup>, enquanto esperávamos atendimento, avistei uma biblioteca e um espaço cultural dedicado a Ary Barroso. Cerca de 30 minutos depois vieram nos atender e, com tratamento notadamente ríspido, perguntaram direto a Maria Luiza o que ela precisava. Então, informamos sobre a pesquisa de pós-graduação, e que pretendíamos obter informações sobre a história do quilombo e dos negros escravizados na região no período colonial. Sem ao menos

---

<sup>43</sup> Este museu, fundado em 2017, possui convênio firmado com a Caixa Econômica Federal e o Fundo Estadual de Cultura.

<sup>44</sup> Esta disciplina foi lecionada pelo Prof. Cesar e a Profa. Luciana ambos do departamento de Comunicação da Social da FAFICH/UFMG e dispunha dentre alguns de seus objetivos o conhecimento e difusão de textos que oportunizam dar voz àquele lutou e luta contra a hegemonia cultural do colonizador. O livro de Maria Luiza - *Quilombolas. Lamentos de um povo negro* – esteve presente.

<sup>45</sup> Embora nada tenha conseguido na cidade de Ubá/MG em pesquisa realizada no site <http://www.incra.gov.br/pt/quilombolas.html> pude ter acesso ao processo de titulação das terras quilombolas na citada cidade. Este processo, agora em formato eletrônico, terá algumas partes disponíveis em anexo no final desta pesquisa.

<sup>46</sup> Embora muito bem atendidos, curiosamente tivemos conhecimento que este setor não dispõe das informações que buscávamos, sem, ainda, ter ciência sobre onde consegui-las nas vias da administração pública.

<sup>47</sup> Neste setor, recebi da Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Econômico – Eliana Celeste informativo impresso de inventário dos patrimônios de Ubá.

<sup>48</sup> À época, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Lazer; secretário municipal: Paulo Roberto de Faria Silva.

hesitar, nos responderam que lá não havia nada sobre o quilombo! Indaguei sobre as histórias dos negros na cidade, ocasião em que orientaram que essa busca não poderia ser solicitada de maneira pessoal<sup>49</sup>. Ainda assim, em outro dia, tentamos uma conversa com o secretário de cultura, agendamos uma reunião, mas no dia do nosso atendimento fomos informados que o secretário estava em reunião. Dado a distância que percorri para realizar a pesquisa e também cumprir com o citado agendamento, quedamos por esperar, mas de nada adiantou.

Sobre esse relato aqui trazido entre outros que vivenciei por meio das conversas que tive com Luiza senti a intentada invisibilidade que recai sobre o quilombo. De sua fala “Eles não querem saber da gente”<sup>50</sup> confesso que não pude acreditar que diante dos meus olhos acontecia uma prática indigna de hostilidade de alguns representantes do setor público local ao não manifestar interesse e sensibilidade em valorizar pelos princípios da urbanidade um patrimônio cultural brasileiro personificado na figura de Luiza. Pior, vi que recaía sobre ela um olhar de intolerância de alguns atuantes na administração pública que, dado a esse tipo de posicionamento, demonstravam desconhecimento sobre a importância das comunidades quilombolas frente à busca de uma vida digna. Em diálogo com o apresentado faço menção aos apontamentos do cientista social habilitado em antropologia Matheus da Rocha Viana<sup>51</sup> (2020, p.17-18)

Durante minha primeira semana em Ubá, tive contato com o vice-prefeito e secretário de cultura (mesma pessoa) da cidade de Ubá com a finalidade de obter informações sobre a comunidade quilombola, além do endereço e telefone da liderança da comunidade (que eu já havia obtido). O servidor público me informou que a comunidade não sofria com racismo ali, que a cidade era bem tranquila com relação a isso e que havia um relacionamento muito bom e consolidado entre a prefeitura e a comunidade. O servidor, além de não-negro, pertence à elite da cidade e também a um partido político que prega pelo fim das demarcações de terras indígenas e quilombolas (esses dados foram pesquisados antes do contato com ele). Tal afirmação vinda daquele senhor me trouxe uma maré de dúvida e receio sobre continuar a me comunicar com o órgão.

---

<sup>49</sup> Tentei encontrar os contatos de e-mail da biblioteca e do arquivo histórico de Ubá, mas pelo que notei da pesquisa que fiz no site da prefeitura o atendimento não funciona por esta via, pois não foi possível encontrar qualquer e-mail.

<sup>50</sup> A cada visitação ao poder público Maria Luiza resumia o tratamento hostil e omissivo inclinado à postura de desinteresse sobre o quilombo com essa frase. Vale atentar para o sentido da palavra “gente” que neste contexto percebi que significava o povo pobre, negro e quilombola da cidade.

<sup>51</sup> Por aproximadamente 5 (cinco) meses Matheus morou na cidade de Ubá para realizar pesquisa de campo voltada à CQN-Ubá/MG. Sua pesquisa resultou na monografia de graduação – Histórias de vida, liderança, lutas e espiritualidade de Maria Luiza Marcelino (Ubá/MG) - para o Instituto De Ciências Sociais -ICS e Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília -UnB.

Quanto à CQN-Ubá/MG, Luiza deixa claro que luta pela oportunidade de sua comunidade, o que se resume a ter acesso a alimento, moradia, educação e emprego, respeitando os aspectos culturais do quilombo<sup>52</sup>. Viana (2020, p.16) ainda continua:

Representando o que lhe faz parte como vivência, são inúmeros os perigos a que Luiza está exposta. Além das tentativas do poder público de tomar suas terras (ainda não demarcadas) e tirá-la dali, da falta de participação da prefeitura na promoção e proteção da comunidade, estando sempre entre uma possibilidade de apagamento ou sobrevivência que torna cada vez mais difícil as tentativas de trazer um pouco de sustento para sua comunidade.

O fático desconhecimento, aparentemente proposital, sobre esta comunidade me instigou às seguintes reflexões:

1. Sob a égide do desconhecimento estaria a se manifestar uma tentativa ameaçadora e descarada de apagamento da história dos negros e quilombolas na cidade de Ubá?

2. Instalado o apagamento da história dos negros e quilombolas na cidade de Ubá, qual a realidade de vida foi ou seria imputada a estes indivíduos?

Embora as respostas sobre essas questões não estejam inclinadas para uma fácil objetivação, me interessa aqui compreender que seus efeitos são afastados pelo quilombo através de suas mais variadas formas de resistência<sup>53</sup>. No aspecto da liderança, Luiza assumiu responsabilidades ainda maiores com a manutenção das memórias da comunidade e, quiçá, a sua existência histórica. Vale ressaltar que os processos de colonização que se estabelecem por diversos e inúmeros procedimentos "etnocêntricos de invasão, expropriação, etnocídio, subjugação" podem implicar na "substituição de uma cultura pela outra" (BISPO, 2015. p. 47-48). Como será demonstrado mais adiante, vejo que a maneira como são entoados os pontos cantados na CQN-Ubá/MG permite que esta resista a processos colonizadores perpetuados no tempo e resultantes de padronização cultural. O pensador e líder quilombola do Piauí, Antônio

---

<sup>52</sup> Evidentemente, deve se considerar a cultura de cada quilombo para realização de políticas públicas que norteiam o objetivo de luta dessas comunidades. Assim, vejo que para a CQN-Ubá/MG, considerando o que depreendi de inúmeras falas de Luiza: os alimentos devem estar voltados para aqueles oriundos do cultivo próprio de suas terras; a moradia deve ser e estar no lugar onde criaram raízes familiares e espirituais; o emprego deve garantir a sobrevivência sem sobrepor as tarefas espirituais com o sagrado; e a educação deve valorizar e fazer valer os conhecimentos que fizeram o quilombo existir por séculos.

<sup>53</sup> Sobre isso entendo, por meio da ressignificação de sentidos, os modos de conceber a ancestralidade, a memória, a linguagem, a aproximação com pessoas, a religiosidade pela prática e transmissão de cantos.

Bispo dos Santos (2015) pontua que os meios de resistência e de luta dos povos contra-colonizadores, imbricados com seus símbolos de tradição cultural, as significações dentro das formas de comunicação e os modos de vida de maneira geral, devem ser considerados como fundamento do processo contra colonizador (BISPO, 2015. p. 48).

A incidência de invisibilidade no quilombo Namastê sentida por mim e trazida nesta parte do trabalho fazem replicar sensações similares às de Gonçalves (2017, p.88) que, mencionando algumas falas das lideranças no quilombo do baú e a efetivação das políticas aos quilombolas, identificou “algo que não é explicitado, mas sentido pelos indivíduos: o racismo institucional.” Não significa que estou afirmando que os agentes públicos e cidadãos da cidade de Ubá/MG são racistas, mas, tão somente, propondo reflexão sobre uma invisibilidade existencial que reflete desvalorização patrimonial institucionalizada notada por Gonçalves (2017, p.88) como aquela que “permeia as estruturas administrativas e as relações sociais do país”. Nesse diapasão Fernanda Lopes<sup>54</sup> *apud* Gonçalves (2017, p.88) define que o racismo institucional não se expressa em atos explícitos, ao contrário,

[...] opera por meio da dimensão interpessoal – resultando no fato de que os serviços públicos ofertados para a população negra sejam inadequados e desiguais – e também por meio da dimensão político-programática, fazendo com que os gestores e políticos não considerem as ações de combate ao racismo e promoção da igualdade racial estratégicas, não direcionem recursos públicos para tal e, até mesmo, neguem a própria existência do racismo<sup>55</sup>.

Luiza se apega nas suas tradições fazendo aflorar as memórias sobre a história, origem e objetivos do quilombo mesmo sentido que os efeitos da escravidão sejam aparentemente constantes na atualidade de negros quilombolas na região da zona da mata em Minas Gerais, De sua fala “não adianta nos matar que nós vamos voltar, somos uma raiz que dá muitos galhos. Cada vez mais nós vamos crescendo, nos tornando uma corrente” repousa a força que inspira as lembranças que serão trazidas na próxima parte da pesquisa.

---

<sup>54</sup> Ex-coordenadora do Programa de Combate ao Racismo Institucional.

<sup>55</sup> Entrevista realizada em Brasília/DF em 08 de agosto de 2007 com Fernanda Lopes. CICONELLO, Alexandre. O desafio de eliminar o racismo no Brasil: a nova institucionalidade no combate à desigualdade racial. *In: OXFAM INTERNATIONAL. (Org.). From Poverty to Power: how Active Citizens and Effective States can Change the World. Oxfam International: Londres, 2008. p. 12 apud Gonçalves 2017. p. 88.*

## SOBRE AS SÓLIDAS LEMBRANÇAS DE LUIZA



Figura 6 - Mestra Maria Luiza Marcelino em sua casa. Foto tirada quando a Matriarca apresentava seus familiares.  
Foto: Weverton. Filho da Mestra

Muitas lembranças foram trazidas pela quilombola *Namastê* - Matriarca Maria Luiza Marcelino com 63 anos à época desta pesquisa. Em movimento contrário ao que se percebe da historiografia escrita nas redes virtuais oficiais da prefeitura de Ubá que apontamos anteriormente, a narrativa conduzida pela oralidade ganha espaço nesta pesquisa para evidenciar “a história não contada” (SAFATLE *apud* VIANA, 2020, p. 23). Até mesmo porque se tratam de vivências conectadas aos saberes orientados por cantos e, estes, por sua vez, só se elaboram de maneira fidedigna pelos eventos sonoros sedimentados nos processos de escuta ativa.

Luiza me contou que começou com as atividades no centro espírita com três anos de idade. Desde cedo ela passou a assumir diversas responsabilidades da vida cotidiana até mesmo sem a autorização de sua mãe, como: acender fogo no fogão à lenha, dar banho e fazer comida para os irmãos, cuidar das tarefas espirituais que lhe eram direcionadas, dentre outras. Sua

vontade de aprender as tarefas do cotidiano, talvez aqui já viessem de suas capacidades espirituais que lhe intuía a sentir que esse conhecimento seria útil no futuro. Luiza também aprecia muito escrever poemas de amor, lembranças sobre a sua vida como quilombola, e tudo mais que se conecta aos seus ancestrais e à sua religiosidade pode ser notado por mim quando dos inúmeros manuscritos que me mostrou.<sup>56</sup>

As vivências de Luiza parecem ser guiadas pelo desejo em ajudar ao próximo manifestando, nos primeiros momentos, certo distanciamento daqueles que ela não conhece ou que, por sua mediunidade, sente que não lhe fará bem. Pude perceber isso quando ela me contou que o dinheiro proveniente da venda de rifa e as revistas velhas serviam para comprar pão para e dividir, mesmo que de maneira simbólica, com quem praticamente não tinha nada.

**Eu vendia rifa para comprar pão e ajudar os outros.  
Minha mãe não gostava, mas eu vendia revista velha para o seu Roberto dono de uma banca e dividia tudo com os outros.  
(Comunicação pessoal realizada em 2018)**

Quase chegando ao final deste capítulo faço menção às lembranças de Luiza sobre a atribuição do nome *Namastê* ao quilombo e à Associação Quilombola. Entendo de imediato que a preocupação com a denominação necessária à pessoa jurídica – Associação – veio a expressar e conectar os anseios sociais do quilombo com as características identitárias da comunidade. Como me contou Luiza, *Namastê* era uma palavra falada todas as manhãs por seu avô Antenor aos seus netos e filhos e significava “o Deus que está em mim está em você” e, revelando um pouco mais da característica do povo do qual faz parte, ela expõe:

*Namastê* é uma palavra que meu avô usava pra mim quando eu era pequena. Isso ficou na minha cabeça.

---

<sup>56</sup> Entre estes manuscritos feitos em folhas isoladas e em cadernos que ela guarda consigo está um livro de pontos, diversas orações reservadas à sua devoção, vocabulários quilombolas e seus significados, receitas quilombolas, relatos da história de sua história de vida e dos seus familiares.

Meu avô não sabia explicar por esquecimento o significado disso e sempre quando eu perguntava ele me dizia que um dia eu iria saber. Ele esqueceu a linguagem dele. Algumas coisas boas, como *Namastê*, ficaram na cabeça dele. A vida dele fez apagar muita coisa na mente dele.

Quando surgiu a necessidade de formar a associação quilombola, eu disse que se chamaria *Namastê*. Embora seja o nome da associação também dá nome ao quilombo.<sup>57</sup>



Figura 7 - A Mestra me apresentando seus familiares. Foto: Weverton Marcelino.

---

<sup>57</sup> Maria Luiza Marcelino. Comentários na qualificação de mestrado desta pesquisa em 20/11/2019.

Luiza me contou que seriam cerca de 300 famílias quilombolas espalhadas pelo bairro da Luz localizado na periferia da cidade de Ubá. Sua família, bem grande, vive próxima dela, alguns até no mesmo terreno. Sua Mãe, ex-líder do TCPB, Lília Marcelino e pai Luiz Marcelino, que faleceram há poucos anos atrás, tiveram quatro filhos: Maria Luiza, Waltercir, Silvania e Rosimere. Mulher, negra, líder espiritual e quilombola, criou sozinha seus dois filhos, Weverton e Marlon, este último com quatro filhos: Ian, Maria Flávia, Narlon, Maycon. Sua nora Leidiane (mãe de Maria Flávia, Narlon, Maycon) mora no mesmo terreno de Luiza. Até o momento a Matriarca possui nove sobrinhos: Irã, Cleverson, Jordana, Gislaine, Leandro, Sarah, Lara, Lorenzo e o recém-nascido à época da pesquisa, Gael. Há muita firmeza e constância quando ela lembrar seus antepassados: tataravó Manoela; seus bisavôs Virgulina e João; bisavó Maria Marcelino mãe de seu pai; Dejanira, avó por parte de sua mãe; mãe Maria da Conceição Rodrigues Marcelino e seu pai Luiz Marcelino, recém-falecido durante a pesquisa, foram lembrados pelas Mestra em nossas conversas por meio de um olhar que se retira, perde o foco e se embaça de lágrimas.

Além de seus familiares de sangue sempre observei que na casa de Luiza e nas sessões espirituais muitas outras pessoas estavam presentes. Alguns até nascidos e crescidos dentro de sua família, como: a família de Fatinha, de Lúcia, Sebastianinha e Edivânia. Nesse complexo de agregações e vivências, na maioria quilombolas de famílias já constituídas, Luiza me disse que a ausência de alguém faz muita falta. Sobre isso continua a exprimir

A comunidade possui perna, braço, cabeça e tudo. Já começa a tirar uma parte de você. No momento em que tirou aquela parte você começa a sentir assim um vazio. Aí por isso que é um lamento. Porque você lamenta, você não pode ajudar. E isso você também não tem como impedir.

Os jovens, hoje, têm uma cabeça, totalmente...muito aberta. Eles querem crescer. Então a gente que é mais velho não tem o direito de entrar na vida deles. O que a gente não conseguiu, mas eles, quem sabe, vão conseguir? É um lamento por que eles não vão mais pra nossa comunidade. E não tem espaço pra eles trabalharem. Eles vão viver aquela vida só quando vai no quilombo. Mas saiu de lá eles têm

um outro tipo de vida. Lá fora eles vão aprender a falar outras coisas, ter contato com outros tipos de comida, outro tipo de educação. A nossa vai ficando ali... Tem uns que até esquecem que saiu daquela comunidade. Ele volta e ainda quer ensinar o que aprendeu lá fora dentro da comunidade. Eu acho que uma parte é bom pra eles! Mas não pra nós, porque a gente se perde... Puxa vida! Esse já não é mais aquela criança ou aquele rapaz que saiu da comunidade.

Ele tá aprendendo dos outros modos, aprendendo coisa que a gente jamais queria que aprendesse. É a violência, arrogância egoísmo. Fica tudo onde a gente tá. Ele aprende todas essas maneiras, todas. Ser agressivo... Não importar com as outras pessoas. Não importa falar “bom dia” ou “boa tarde”. Perde todo o conhecimento e começa a viver outro tipo. Então ele vai matando aquilo que é de bom nele, que ele aprendeu desde quando nasceu no momento em que ele sai de casa.

Então você lamenta. Porque você vai fazer o quê?! Se o que tem lá fora é isso? O que o mundo lá fora apresenta pra eles é isso? Só coisas fortes... Tem que saber dominar. Dominar o seu jeito, dominar palavras. Pensar o que você vai falar.

No quilombo nós falamos aquilo que a gente quer. Não se deu bem, não tá legal? Chega perto de fulano... Fulano, Oh...?! Dá um tempo aí que não tá bom não! Pára!... E eles te respeitam.

Aí quando saiu de lá, perde esse respeito. Já não tem mais o "Sim Senhor".<sup>58</sup>

---

<sup>58</sup> Maria Luiza Marcelino. Comentários na qualificação de mestrado desta pesquisa em 20/11/2019.

## CAPITULO

“OXALÁ TE PROTEJA E TE ALUMIA, TE  
DÊ FORÇA”: A UMBANDA NA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA NAMASTÊ -

# 2



Figura 8 - Foto do altar principal do terreiro Caboclo Pena Branca.

Este capítulo se reserva a demonstrar um pouco dos fundamentos e modos próprios da CQN-Ubá/MG em manifestar a religião afro-brasileira – Umbanda. Isso me colocou a compreender as ocorrências voltadas à mediunidade que percebi de Luiza e alguns quilombolas considerando as especificidades do Terreiro Caboclo Pena Branca. Mesmo utilizando nesta parte do trabalho termos comuns da umbanda percebidos em outros três terreiros que visitei durante a pesquisa, tais como pontos cantados, gira, sessão espiritual, ritual, mediunidade, guias espirituais, falanges, dentro outros, procuro evidenciar o quilombo a partir de seus alicerces de fé e devoção ao sagrado para estabelecer o significado desses termos, o que, certamente, informará um modo próprio dessa comunidade em se relacionar com as forças espirituais. Não estou aqui a desconsiderar um aspecto também importante de reconhecimento legal e patrimonial da história religiosa afro brasileira. Apenas busco, pelas falas de Luiza e a descrição de um cotidiano conectado ao sagrado e pelos pontos cantados nessa comunidade, reconhecer a diversidade de operações do fazer umbandista para acessar os mistérios espirituais desafiadores de qualquer dogmática religiosa. Procuro a partir disso observar as vivências de Luiza nas práticas que acontecem no TCPB, os tipos de mediunidades ativadas, os Pretos Velhos ali presentes, a manifestação da fé, e o ato de abençoar proveniente de uma trajetória centenária e ancestral de transmissão de saberes.

## **UMBANDA EM QUILOMBO É UMBANDA DE QUILOMBO**

Ao longo da pesquisa percebi que a umbanda na CQN-Ubá/MG se opera pelas vivências de cada quilombola em reciprocidade mútua e existência inseparável da vida cotidiana e espiritual. De forma alguma a umbanda aqui deve ser entendida por um aspecto dogmático religioso pré-definido aplicado pelo quilombo e sim por um complexo conjunto de ações religiosas que, ao modo da comunidade de fazê-lo e concebê-lo, naturaliza um ato de devoção próprio do quilombo, ou seja, “umbanda do quilombo Namastê”. Como me disse Luiza em uma reprodução das lembranças de sua avó – Dona Deija - o espiritismo em sua família vem da senzala, portanto, perguntar qual a nação que opera o ‘batuque’ na zona da Mata representa limitar a escuta pelas estruturas separadas e moldadas por sistemas de classificação.

Veras (2015), sobre bibliografias das religiões afro-paraenses, trouxe a tentativa de classificar as religiões pelas categorias tambor ou cânticos e palmas. Tambor representa o batuque do terreiro que define a Mina Nagô. Assim, se o ritual utiliza cânticos e palmas tem-se a seara ou tenda de Umbanda (VERGOLINO 1976, FURUYA 1994, CHESTER GABRIEL 1985 APUD VERAS 2015). Nesse viés, o TCPB tem tambor, tem cânticos e seus frequentadores e médiuns falam em umbanda. Não consegui captar uma única perspectiva de nação, apenas ficava evidente que toda potência e intenção religiosa que percebi durante os cultos noquilombo está nas mãos que tocam os atabaques e na voz forte e precisa que expõe os pontos cantados.

Observei, de maneira corriqueira, que a umbanda para Luiza se entrelaça nas origens de formação da própria comunidade lá no tempo de escravização, o que não permite a sua qualificação como “praticantes da umbanda” apenas, pois vejo que dali se reaviva memórias históricas que dizem sobre a sua sabedoria tradicional. Teixeira (1997, p. 03-04) ao trazer aspectos históricos na *Missa dos Quilombos: um canto de Axé* assinala que “através da permanência de seus folguedos, danças e batuques, os negros criaram uma descontinuidade cultural em face à ideologia do Ocidente.” Prossegue a autora sobre as condições impostas aos negros ao longo da história

Invisível e inaudível, essa humanidade ficou "condenada na terra." Costumes desprezados em virtude de uma concepção simplificadora do progresso, "milhões de homens arrancados de seus deuses, de sua terra, de seus hábitos, de suas vidas, da vida, da dança e da sabedoria", os africanos foram despojados de tudo, a não ser da vida física. [...]  
Operando como anticorpo aos projetos de dominação ideológica e cultural que se concretizavam na repressão aos hábitos e costumes africanos, o sistema cultural negro se manteve em permanente processo de transmissão, permanecendo até hoje expressões da memória nacional e corpórea dos africanos como o candomblé, o samba, a capoeira, os orixás, os cantos seriados, os rituais. (TEIXEIRA. S.S. *Missa dos quilombos: um canto de Axé*. 1997. p. 3-4)

A CQN-Ubá/MG possui as suas tendências identitárias somadas à prática de uma umbanda secular. Luiza, fazendo menção à Fazenda Liberdade, mantém viva a lembrança de seus ancestrais por meio das práticas religiosas ritualísticas em tempo de escravização. Assim, entendo que se atualmente essas ditas práticas são percebidas como próprias da religião umbanda, me atento para a não importância dessa denominação para os ancestrais de Luiza. Isso porque à época das práticas religiosas iniciais no quilombo não se firmava, como atualmente, tal conceito religioso a um modo comum de professar a fé. Por meio das lembranças de sua avó, Luiza faz existir o marco da umbanda na CQN-Ubá/MG

Deija contou para Tia Doca que era filha de escravos, que o espiritismo começou na senzala, e que vinha passando de geração para geração, e que ela era a quarta geração, mas que estava passando muita dificuldade por que as pessoas não respeitavam e não aceitavam o espiritismo, e já tinha sido até presa, e que todo mês tinha que pagar um cruzeiro para bater os tambores. (MARIA LUIZA MARCELINO, *Quilombola. Lamento de um povo Negro*, 2015. pág. 18)

A partir do local de início da prática umbandista e seus enfrentamentos de continuidade da fé, são revelados quadros de memórias manifestados pela constante revisitação às lembranças dos ancestrais por Luiza. Logo, o ato de retomar estas memórias enseja reflexão sobre os aspectos históricos que estão contidos na prática da umbanda no quilombo em transmissão matrilinear, ocasião em que as mulheres se tornaram as principais difusoras dos saberes espirituais centenários da comunidade.

Manuela (Tataravó de Luiza) começou a sentir muita vontade de ajudar seu povo e seus irmãos, então Manoela chamou sua irmã para ir ao mato com ela, quando de repente sentiu uma coisa estranha entrar no seu corpo, arrepiou todo seu cabelo, cresceu nesse momento apareceu um vulto e disse: – Você é quem vai ajudar o seu povo e um dia todos serão livres (MARCELINO, 2015, p. 04).

Por essas lembranças se alimenta o fazer espiritual, levando Luiza a honrar o legado dos seus ancestrais. Nessa seara, observei que alguns pontos cantos foram apreendidos por transmissão ancestral e se tornam articuladores de um quadro de referência das vivências que hoje sedimentam inúmeras lembranças da sacerdotisa.



Figura 9 - Altar do Terreiro de Umbanda e Imagem de oxalá Foto: Weverton Marcelino

Ainda que existam as sessões espirituais no quilombo, a entrega ao sagrado é algo que percebi no cotidiano de Luiza. As pessoas, em situação inesperada de desespero, fazem contato com ela praticamente em qualquer dia e hora, ocasião em que serão ativadas rezas e cantos para propiciar bons resultados no recolhimento.<sup>59</sup> Assim, entendo que o acesso ao sagrado em dia reservado e inesperado no cotidiano se constitui por reflexões de uma memória coletiva. O cenário de cantos é diferenciado de acordo com as situações: atendimento cotidiano, festas, e sessões espirituais. Em todos estes momentos podem ser notadas as lembranças e o mecanismo de rememoração individual. Dos cantos que Luiza me apresentou, constatei que na vida cotidiana estes assumem entoação mais introvertida, que se apresenta pela proximidade de linha de canto e voz de fala, portanto, estabelecido em dinâmica moderada, texto mais falado e voltado às

---

<sup>59</sup> Já presenciei dois momentos em que houve visitas na casa de Luiza para realização de passes, rezas e confissões.

vivências. Já os cantos em contexto de festa e sessão são mais amplificados pelo uso da voz plena, linha de canto mais distante da região de fala, “cantos dos atabaques” e grupo de auxiliares no coro de vozes.

### **(...) Tendo o que comer e onde dormir está muito bom...**

Conversar com Luiza é viver uma umbanda sempre cultivada onde quer que ela vá. Em nossa segunda aproximação durante o Encontro de religiões afro “Ègbé – eu e o outro”<sup>60</sup> ocorrido em junho de 2019 pude ter com a Mestra algumas horas de conversa sobre a umbanda. Eu estava nesse evento apenas para encontrá-la, e quando cheguei, não a encontrei imediatamente. Depois de um tempo, avistei Luiza frente à piscina do clube que sediou o evento sentada no banco de cimento próximo às árvores de grande porte, ocasião em que conversava com o professor César Guimarães e sua esposa (que nos convidou para o evento), já o tema principal era - "ser espiritualizado". Ela usava roupa branca, um turbante cor bege e um colar de pedras. Quando entrei na conversa me inteirei que discorria sobre a natureza, religião, ancestralidade e o comportamento dos umbandistas.

Ao contar sobre a problemática da ganância e a ostentação de riquezas em alguns preparos e comportamentos reservados ao ritual transferidos para a vida cotidiana, Luiza acabou por pontuar questões voltadas à ética dos filhos de umbanda, ora os contrastando, ora os fundindo a outros sacerdotes de religiões de terreiro. Daquilo que observei ela não seria adepta a se vestir com roupas e turbantes confeccionados pelos mais caros tecidos, pois seu movimento identitário de luta está na simplicidade das vestimentas, o que implica também recusar adornos e acessórios que poderiam simbolizar poder e superioridade sobre o povo ao qual pertence. De algumas de suas falas captei a essência de que os adereços seriam fardos pesados que cumprem a função de enfeitar o ego e a vaidade. Então, ela opta pela vestimenta humilde, fala natural e sincera,

---

<sup>60</sup>“Ègbé – eu e o outro”. Com esse mote, realizou-se um grande encontro, o Encontro Nacional de Povos de Terreiro, entre os dias 13 e 16 de junho, em Belo Horizonte (MG). O propósito foi criar um espaço de compreensão de nossas posições políticas centradas no pensamento de esquerda. Um espaço de construção de uma grande “teia”, que construa os pontos de nossa unidade: sobreviver e resistir ao Estado fascista, implantado em nosso país, partindo da premissa que a direita se organiza buscando avançar e destruir a unidade, a democracia e o estado de direito não só no Brasil, mas numa escalada mundial. Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2019/06/10/egbe-eu-e-o-outro-encontro-para-fortalecer-unidade-da-luta-dos-povos-de-terreiro/> acesso em 20/11/2019 às 12h32min

renunciando aos bens materiais que não seriam essenciais à sobrevivência<sup>61</sup>. Em uma perspectiva de sobreviver usufruindo dos elementos naturais dispostos gratuitamente na natureza e por, praticamente não estarem mais disponibilizados assim para a maioria das pessoas, me lembrei de uma das suas falas do primeiro encontro com a Mestra

Tendo o que comer e onde dormir está muito bom... (...) tenho muito orgulho de não depender de homem para conseguir cuidar dos meus filhos. Já aconteceu de uma pessoa me perguntar porquê não doo um dos meus filhos (...) Jamais faria isso. (Comunicação novembro de 2019)

---

<sup>61</sup> Na ocasião, já me contou Luiza que tendo terra e água, planta o que comer; se adoecer, se cura com as ervas que tem na mata. Quanto a luz elétrica que ela paga, disse que a luz do sol e da lua são mais importantes porque foram dadas por Deus. Assim, não precisa de muito para sobreviver porque tanto para os quilombolas quanto para os índios o bem natural de sua sobrevivência – terra, floresta e água – fornece o que é necessário, mas, atualmente, tem que pagar por tudo que é essencial já que este bem está sendo destruído, negado e retirado deles.



Figura 10 - Antiga casa em que morou Luiza e seus filhos. Foto: Weverton Marcelino.

A casa de Luiza também abriga muita simplicidade. Trata-se de um ambiente que carrega em sua singela construção a humildade da religiosidade umbandista que ela tanto expressa. Um local de paz, tranquilidade, dotado também daquela dinâmica vivaz das crianças correndo e brincando, das visitas rotineiras de pessoas conhecidas e desconhecidas<sup>62</sup>. O grande quintal de terra serve para as crianças brincarem e, nas palavras de Luiza, ainda evita que elas fiquem correndo perigo na rua. No quintal vi galinhas, patos, árvores e algumas ervas, tudo, a meu ver, parecendo funcionar em cada lugar devidamente planejado. As paredes não comportam acabamentos e os reparos de urgência se misturam com os materiais antigos próprios da construção. Passando por um portão de ferro<sup>63</sup> e descendo por um caminho cimentado com aproximadamente dois metros de comprimento é possível ter acesso à casa de Luiza e o terreiro.

---

<sup>62</sup> A casa de Luiza também é sede da Associação quilombola por isso, com o consentimento dela, as pessoas podem entrar para conversa e receber amparo espiritual a depender de cada caso.

<sup>63</sup> Ao longo de dois anos de pesquisa o antigo portão de arame que permitia subentender a entrada deu espaço a um portão de ferro chumbado em um muro de bloco.

Vejo o lar de Luiza pelo viés de uma casa em que repousa e se dinamiza a sua sabedoria, assim, não podia faltar aquele fogão a lenha para empregar maior sabor e cozimento nos preparos de alimentos. Com o tempo este fogão adquiriu outra modelagem, mudou de lugar e acabamento, ganhou reparos de cimento e uma chaminé.



Figura 11 - Fogão a lenha ao final da pesquisa.

Se for preciso trazer lenha de matas que estão nas montanhas Luiza não hesita, mas no momento o fogo do fogão é abastecido com as madeiras encontradas ali mesmo no bairro. Das vezes que vi Luiza acender o fogão fiquei admirando com os movimentos coordenados e ligeiros. Ela ajeitou as madeiras em cima de um pedaço de pano, se tiver, esguicha um pouco de álcool e riscou o fósforo, aí a fumaça subiu e quando a chama do fogo aumentou embaixo da panela ela trouxe carne, feijão, mandioca e todos aqueles alimentos custosos para cozinhar no fogão a gás.<sup>64</sup> Notei que o fogão a lenha também atrai reflexões sobre pensar os alimentos de costume da comunidade e o seu preparo, resgatando e mantendo um fazer tradicional. Sobre isso ela já me contou

Como na comunidade você é negro, quais são as comidas que vocês comem?...

Eu como caviar... e eu gosto de arroz e feijão... Aí tá certo! Aí você tá fazendo um debate bonito.<sup>65</sup>

## MEDIUNIDADE NO QUILOMBO NAMASTÊ

Coroa de Cristo, corpo de Cristo, sangue de Cristo protegei-me, livrai de todo o mal do corpo e do espírito (...). Amém. (Oração de proteção aos Médiuns recolhida em campo. 2019)

Luiza: A Umbanda é diferente. Aqui é incorporação... Tipo assim, igual ir dormir. Pra mim é assim, eu tô rezando lá e... foi embora! Tem gente que tem medo de ir [incorporar] e não voltar... Ficar tomado por espírito e não voltar. Porque a gente se vê sumir, no momento você vê você sumir. Pra fazer cabeça de um filho de santo

---

<sup>64</sup> De forma alguma deve-se entender que o modo de Luiza acender o fogão a lenha é fixo ou único, pois, a maravilha desse momento está nas diferentes propulsões de “estabilidade” do fogo e calor, a dinâmica da madeira e sua condição para queimar, o tempo gasto por Luiza ao acende-lo, as madeiras que precisam ser ajeitadas para manter o fogo, a fuligem do fogo que colore as panelas entre outras ocorrências que parecem se repetir quando olhamos apenas para o ato de acender o fogão, mas sempre são diferenciadas e ensejadoras de energias em grau, direcionamento, sustentação, resultado, intensidade, dinamismo e outros condicionantes notados da chama do fogo.

<sup>65</sup> Maria Luiza Marcelino. Comentários na qualificação de mestrado desta pesquisa em 20/11/2019.

não é mole não! Passa por vários lugares, não material. A pessoa quando tá fazendo desenvolvimento vai pra vários lugares. Quando eu comecei, eu gritava e chorava pra caramba. As outras médiuns e minha mãe vinham e me consolavam. Era muito difícil, ainda mais quando você é médium de transporte [ou seja] Médium que tira espírito dos outros.

(...) Aqui é direto [sobre transição entre entidades]. Um vai, outro vem. Não tem tempo nem de cuspir não. Nesse meio tempo seus órgãos paralisam todos, os batimentos cardíacos ficam mais lentos, a respiração também, você não sente vontade de fazer nada. A pessoa fica irreconhecível. Você vê a entidade, mas não vê a pessoa.

(...) Eu não fui desenvolvida. Desde pequena já nasci com as entidades. Minha mãe já sabia lidar comigo e tudo, quando eu inteirei uns 4 ou 5 anos eu comecei a virar no santo mesmo.<sup>66</sup>

Para Veras (2015.p.116) “a mediunidade e os contatos com as entidades espirituais é a forma de comunicação específica” das religiões de matriz africana. Utilizando as palavras do Sacerdote Álvaro o autor então expõe

é essencial que haja essa comunicação, seja em relação à “gira” e assistência (pontos cantados em português), seja no campo de relação entre “gira” e entidades espirituais, que compreendem os cânticos e agenciam forças de cura para os necessitados participantes do rito. (VERAS, 2015, p. 116)

Percebo que ao apresentar a questão da mediunidade mencionada pelo Sacerdote Álvaro, Veras (2015) demonstra que o médium seria o mediador entre o mundo espiritual e o mundo humano cuja capacidade potencializa a atuação das entidades espirituais. Essa capacidade espiritual, considerada por muitos como um dom, se sobressai entre alguns quilombolas Namastê,

---

<sup>66</sup> Conversa com Luiza em setembro de 2020.

sendo conduzida e orientada por Luiza<sup>67</sup> enquanto atribuição de chefe de terreiro. Sobre os médiuns que atuam na sessão espiritual do TCPB geralmente apenas quatro daqueles incorporados durante a sessão estão incumbidos de dar o ‘passe’<sup>68</sup> nos participantes. Antes de apresentar alguns médiuns da casa trago, por meio das falas de Luiza, alguns aspectos de sua liderança no terreiro

No quilombo a gente se ama. Ao chegar na casa de um amigo a gente se abraça. É espontâneo!

Como mãe de Santo eu não escolho, são todos meus amigos. Você tem direito eu vou te atender, se você não tem, eu também vou te atender.

Nós temos nossa corrente de fé, aquele afeto, a gente preocupa um com o outro.

A gente praticamente se torna uma família. Eles não me vêem só como mãe de santo... No terreiro eu sou a mãe deles, mas fora eu sou amiga.

Lá fora nós somos amigos!

Só dentro do terreiro que tenho uma liderança, mas saiu de lá, eu sou amiga de todos. Eu mostro pra eles que eu sinto amor por eles!<sup>69</sup>

Sem pretender esgotar a participação e importância dos médiuns que atuam no TCPB apresento alguns apontamentos valiosos que foram a mim fornecidos<sup>70</sup>

---

<sup>67</sup> Em nossas conversas Luiza apontou que a mediunidade pode acontecer de forma variada, seja pela visão, audição, intuição, incorporação (consciente e inconsciente), dentre outras.

<sup>68</sup> São movimentos dos médiuns direcionados ao participante da sessão espiritual seguindo, evidentemente, as intenções dos guias.

<sup>69</sup> Transcrição de falas durante a qualificação de mestrado em novembro de 2019.

<sup>70</sup> Não se exclui aqui a condição das religiões de matriz africana serem muito procuradas para resolver problemas espirituais, mas ao mesmo tempo perseguidas em virtude de intolerância religiosa fruto de desconhecimentos sobre as suas práticas e, muitas vezes, de um racismo institucional. Embora as religiões de matriz africana sejam patrimônio da formação da identidade nacional brasileira, a arma da intolerância impede esse objetivo, direcionando a uma homogeneidade religiosa, a meu ver, que poderia tornar do Brasil uma terra sem identidade nacional, portanto, eivada de vazio pátrio. Isso significa que estaríamos sempre a replicar condições de identidade nacional próprias de outras nações sem encontrar de fato o endereço identitário brasileiro. Na triste seara do desconhecimento das religiões de matriz africana e da umbanda enquanto religião afro-brasileira, Luiza me contou que já presenciou

Edvania, (mulher, médium e quilombola) com mais de 6 anos frequentando o terreiro, me contou que essa prática religiosa também era vista em seus pais e avós. Orientada pela entidade *Vovó*, soube que sua mediunidade era voltada à incorporação, entretanto, ela precisaria desenvolver este dom, por amor ou pela dor. Em conversa pessoal ela me disse que através da umbanda passou a ter amor à vida e, assim, completou

É bom ver que as pessoas chegam no centro e encontram a esperança. Todos da corrente são muito unidos como uma corrente mesmo. Se alguém tem um problema o problema é de todo mundo!

Lúcia Elena (mulher, mãe, médium e quilombola) era levada ao terreiro ainda bebê de colo por sua mãe Alaide. Conta que evitava ir ao terreiro depois que mudou de religião. Depois de ter a saúde acometida gravemente chegou a se encontrar em desespero, ocasião em que voltou ao terreiro para ser benzida, logo, estava se sentindo bem. Desde então, sentiu que ali é o seu lugar. Seu filho Gilberto também passou a frequentar o terreiro quando ainda estava na barriga de sua mãe e quanto tinha três anos deu seus primeiros passos no terreiro. A respeito disso Gilberto me contou que “o centro foi uma benção!”, sem hesitar, Lucia me disse: “Devo minha vida a eles. O que eu puder fazer pra ajudar, farei!”

O médium Lucas, depois de passar em vários terreiros, se sentiu progredir espiritualmente no TCPB. Em conversa pessoal me disse

---

situação em que consolou uma religiosa que perdeu o emprego por assumir ser umbandista. Não obstante isso, frente à crise econômica que assola vários países desde 2010, o empresário que demitiu a religiosa se encontrou em falência chegando a atribuir o seu problema a supostos propósitos da umbanda. Com tamanho pesar, Luiza me disse que a umbanda não é pra fazer mal aos outros, asseverou que quem atrai o mal é a própria pessoa, então destacou que a maior tristeza seria ver dezenas de famílias lançadas à miséria sem ter como pagar por alimentos, água e luz.

A casa me ajuda a criar os meus filhos e me ajuda em minha casa. Aqui os guias sempre me orientam na criação dos meus filhos e na forma de cuidar deles.

A entidade *criança* me ensinou a amar mais ainda os meus filhos.

Luiza está sempre refletindo sobre as questões da mediunidade ocasião em que me apresentou um pouco das vantagens e desvantagens desse dom dado por Deus. Ela me explicou que alguns guias podem trazer riquezas, mas também tirá-las ou ainda não permitir que aquele que a cobiçou as tenham. Trazendo como exemplo a atuação dos pretos velhos Luiza me disse que são aquelas entidades conselheiras que conduzem o trabalho religioso, pois sempre estão dispostos a falar a verdade e talvez por isso pode não ser muito queridos. Contando um pouco mais sobre as entidades, ela elucida

Não precisa chegar perto da entidade falando o que tá acontecendo. Elas sabem o que fazer. Aqueles espíritos que estão ali são médicos espirituais. Eles têm que saber o que vai dar pra você beber e qual o problema você tem no corpo pra não te dar ervas erradas que vão atacar outras doenças. [...]

Nós temos segurança dos nossos antepassados. Os guias fazem nossa proteção, são nossos escudos e nossos anjos da guarda.

A gente tem uma preparação, tanto espiritual quando psicológica pra fazer uma cura ou manipular uma erva. [...]

Os espíritos perturbadores podem botar na cabeça das pessoas que elas estão tomadas. Você acaba praticando uma coisa que não deveria. Aí vem os perturbadores que foi batizado e quer ganhar salvação e começa a usar as pessoas. Você tem que saber doutrinar um espírito. Tem que saber fazer um trabalho direito.

A tarefa de mãe de santo exercida por Luiza está diretamente ligada a uma mediunidade que lhe conecta aos seus ancestrais e às orientações que recebe dos guias espirituais. Por meio do

oráculo da umbanda, ou seja, por meio da revelação de Oxalá, Luiza teve que assumir a posição de mãe de santo e chefe de terreiro dentre seus outros irmãos(ãs). A partir disso ela passaria a ser fonte de capacitação para operar variados procedimentos da cosmologia da umbanda como: colheita, tipo, modo de preparo e aplicação correta de ervas; cor dos vestuários a depender da sessão; tipo e modo de elaboração de ritos; cantos e seus agenciamentos de forças; preparo do médium e sua atuação no terreiro, dentre outros. A entidade *Vovó*<sup>71</sup> que trabalha com ela é a líder espiritual responsável por iniciar e orientar os médiuns que atuam no TCPB. Durante a sessão pude perceber vários e imprescindíveis comandos emitidos por esta liderança. Trata-se de uma condução dos atendimentos espirituais, da energia dos cantos na sessão, da proteção do terreiro, da manutenção da corrente dentre outros. Se o médium não está concentrado por qualquer razão que seja, presenciei a sua intervenção dizendo “Firma Ponto”.<sup>72</sup>

A conduta do médium no dia a dia deve ser sempre ponderada para melhor acessar a força espiritual durante as sessões. Para tal será preciso muita preparação e discernimento quanto ao que é transmitido pelos guias. Luiza me contou que já "tomou um coro da espiritualidade" quando usou os atabaques fora da finalidade religiosa e ainda revelou

Fazer um ritual que depende de você ficar 24 horas tomado como eu já fiquei várias vezes ... (...)

Você não tem sede, não tem fome, não tem sono. Se você está tomado seu organismo não funciona. Tudo em você pára!

Ninguém bebe água em sessão, vai ao banheiro ou fuma. Não tem esse negócio de esperar o caboclo descer. Desce um, logo vem outro. Nós estamos ali pra trabalhar!

Sobre a preparação do médium, Luiza atribui à prática contínua de orações e sem desviar a concentração voltada a Jesus e Nossa Senhora para que as energias espirituais não atraiam

---

<sup>71</sup> Luiza me explicou que a Vovó seria, pelo nosso entendimento, um clínico geral, ou seja, a entidade que domina muitos saberes do plano espiritual e por isso conduz a sessão.

<sup>72</sup> Dessa expressão obtida em observação de uma sessão em 2019 notei que determinado canto poderia ajudar na concentração ideal que garante a força da corrente espiritual.

espíritos obsessores. Isso não se dá apenas pelo ato de orar ou rezar, devendo o religioso se preocupar com o que está rezando, para quem reza, para quem reza e quem de fato está recebendo as rezas. Todas essas questões seriam informadoras das energias que o religioso pretende absorver para si ou descarregar de seu corpo. A Ave Maria e a oração do Pai Nosso<sup>73</sup> ajudam na preparação do médium

*Pai nosso. Pai nosso que estais em toda parte, santificado seja o vosso nome que o vosso reino do bem nos chegue. Que a vossa vontade seja sempre feita assim na terra como no espaço e em todos os mundos habitados. Dai-nos hoje o pão do corpo e da minha alma. Perdoai as nossas faltas e dai o sublime sentimento de perdão para os que nos ofendam. Não nos deixe sucumbir às tentações da matéria dos maus espíritos. Envia-nos senhor, um raio de vossa divina luz assim seja.* (Mestra Maria Luiza, 2019)

Como todo médium precisa de muita proteção, dentre outras orações, Luiza me disse que algumas aproximam os bons espíritos e atuam, ao mesmo tempo, na defesa contra os maus espíritos. Vejamos algumas orações de proteção do médium

*1. Em nome de Deus padre, em nome de Deus filho, em nome do espírito santo que me protegerá e me livrai de todo o mal do corpo de Cristo e da alma. Amém.*

*2. Coroa de Cristo corpo de Cristo, sangue de Cristo protegei-me livrai de todo o mal do corpo e do espírito Santo. Amém.*

*3. Jesus de Nazaré, regida Judéia, pelo vosso sagrado nome e títulos, protegei-me, livrai da arezia do Satanás me cobrindo com o manto de*

---

<sup>73</sup> Mesmo sendo rezas comuns em outras religiões, Luiza me disse que “se você deposita muita fé acionando a força do pensamento não terá oração que falhe, ou seja, o acesso ao plano espiritual vai acontecer”.

*Maria Santíssima livrando meu corpo e espírito de todo mal. Amém. Pai nosso. Ave Maria.” (Mestra Maria Luiza, 2019)*

Orar para o bem do próximo sem importar a quem faz parte do desenvolvimento da mediunidade. Durante uma novena que fiz por telefone com Luiza em 2020, época de pandemia do Covid-19, ela me apresentou uma oração e cantos direcionados às pessoas que estão doentes, desamparadas e desesperadas

*Oh meu Senhor pai, nosso Senhor Jesus Cristo, invocado no vosso santo nome humildemente suplicamos a vossa clemência. Pela intenção de Maria Imaculada, sempre virgem Maria Mãe de Deus, pela intercessão de São Pedro, São Paulo, São Miguel Arcanjo, São José esposo da mesma.*

*Bem aventurada a virgem dos Santos, apostos São Pedro e São Paulo e todos os Santos. Livrais da peste com vossos auxílios contra o Satanás e demais espíritos imundos que (quer) arruinar o reino humano. Pela (...) das almas. Andai pelo espaço pela terra, mesmo (...) Assim como Jesus Cristo andou e limpou todos os caminhos e limpar, pra zona do mar sagrado onde não canta galo e nem galinha (...). (Maria Luiza Marcelino. Conversa em abril. 2020)*

*Abra a porta gente que lá vem Jesus. Ele vem cansado com o peso da cruz.*

*Vem de porta em porta, vem de rua em rua. Vem salvar as nossas almas que só ele (...) (Maria Luiza Marcelino. Conversa em abril. 2020)*

*Em nome das três pessoas da santíssima trindade que continue levando essa doença para as zonas do mar sagrado onde não canta galo nem galinha, nem chora (menino batizado) (Maria Luiza Marcelino. Conversa em abril. 2020)*

1-Ponto cantado: Tem dó

*Aí dos fi do mundo tem pena. Oi aí meu Deus de mim tem dó/ Seu Mata Virgem quando chega no terreiro de Umbanda / Junta os filhos para saravá.*<sup>74</sup>

Observei que a mediunidade é algo presente e fluente entre a família de Luiza. Seus filhos Weverton e Marlon e sua nora Leidiane são médiuns de incorporação atuantes no terreiro, destaque ainda para os dois primeiros que também são ogãs atabaqueiros. Sobre a formação e atuação dos médiuns no TCPB, Luiza explica

Acontece preparação com aquelas pessoas que já tem um pouco de conhecimento. Geralmente as pessoas que vem cá são (...) de outra época... praticamente todos... A maioria são quilombolas. (...) Nós aqui dentro somos um encontro de antepassados. (...) Aqueles que aqui você vê...tinham os parentes que faziam cura em senzala. É raiz! Foi uns pra lá outros pra cá depois foi juntando.

Luiza me contou que se tornou líder espiritual por predestinação vindo a saber disso quando era criança. A entidade *Vovó Filisbina* anunciou à Luiza que quando a sua mãe morresse ela seria a próxima chefe de terreiro. Ao ouvir isso fiquei ainda mais curioso para saber um pouco mais sobre a transmissão da chefia de terreiro presente por gerações na família de Luiza. Então, Luiza me contou

Na Fazenda liberdade. Inclusive lá tem um cemitério. Quando a gente ia lá. Minha Vó ia muito buscar erva lá. (...) A gente ia buscar lenha lá. Aí aquelas vozes começavam a gritar: *Socorro! Ai!* A gente

---

<sup>74</sup> Vide link: [https://drive.google.com/file/d/1xi2Vn4PXWNySZ6\\_ANMX0xyoxXD14OyF1/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1xi2Vn4PXWNySZ6_ANMX0xyoxXD14OyF1/view?usp=sharing) . Neste arquivo será possível perceber um pouco como Luiza abordava as questões da linguagem e os cantos durante a maioria das conversas que tive com ela.

ouvia gritar. Eu ficava apavorada. Tinha medo e perguntava *o quê que é isso vovó?* Ela dizia: *isso aí, é minha tia..., tio..., que morreu....* Ela falava os nomes dos tios.

A gente ouvia as vozes dos outros escravos que diziam: *Não faz assim não, não faz assim não...*

Quando eu voltava (...) vinha com uma dor de cabeça. Aí eu falava com a Vovó que eu estava com minha cabeça doendo de tanto ouvir aquelas coisas, e ela falava: *Luiza! É que você é médium vidente e ouvinte. Então você ouve e vê...*

Aí minha vó benzia...

(...) eu fazia assim [encenou tampar os ouvidos] pra não ouvir. Quando eu parava de ouvir eu via. (...) Eu via aquelas mulheres cortando cana, mulher pegando as coisas no chão... *O quê que aquela ali tá fazendo vovó?* A vovó dizia: *aquela ali tá catando café.*

Era uma cena que não saía da minha cabeça. Eu ficava com dor de cabeça de tanto ver aquilo. Aí eu não trazia lenha não! Não panhava lenha nem nada. Eu sumia! Minha Vó me gritava, minhas primas me gritavam! *Iza? Você quer água, você quer cana?* - Eu ouvia a voz delas muito longe. Entrava naquele pensamento e vivia aquilo.

Era uma situação muito difícil que eu vivi. Aí minha vó falava que eu não posso ir lá mais não. Que não ia me levar lá mais não: *porque você tem uma vidência muito forte. Você tá muito nova pra ver essas cenas.*

(...) Desde pequena eu sempre via as coisas. Tinha vez que aquilo me incomodava.

Uma vez eu estava no Rio. Fui passar as férias na casa da minha tia no Rio. Do nada, quando eu abri o olho eu já não vi a televisão e mais nada... Eu vi aquele quebranção, meu tio andando no arame farpado. Que horrível! Comecei a gritar: *Tia eu quero ir embora! Eu quero ir embora! Meu tio tá quebrando tudo ali. Sai fora!* - Vendo aquela cena toda. Minha tia passou um telegrama pra minha mãe (...) *Oh Lili, quê que tá acontecendo... Ela tá doida pra ir embora. A menina não come mais, não dorme... Só fala que quer ir embora. Fica*

*falando que Norati quebrou as coisas aí. Minha mãe falou: traz a Luiza. Vem você também.*

Quando ela chegou e contou... Tudo que eu tinha contado pra ela, minha mãe contou... (...) um homem de 130 quilos andou no arame farpado.

Então eu era uma criança muito difícil de lidar.<sup>75</sup>

### **“Firma Ponto” - Entidades no Quilombo**

Foi no Encontro de religiões afro “Ègbé”, já mencionado nesta pesquisa, que pude desenvolver as primeiras noções sobre a umbanda no quilombo<sup>76</sup>. Luiza e eu, caminhávamos sobre as ruas do clube que sediou o evento. O frio nos alertou dos cuidados e proteção com o corpo e Luiza decidiu apanhar um agasalho no local onde estava hospedada. Resolvi acompanhá-la até lá e assim prosseguir com nossa conversa. Caminhamos sobre um passeio que contornava o restaurante do clube até chegar a uma rua de calçamento só de pedra. Estávamos rodeados de árvores, ocasião em que também avistei muitas casas de igual arquitetura que hospedavam alguns participantes do evento. Então, Luiza começou a falar sobre a importância da consciência espiritual na preparação de rituais demonstrando um alto grau de sensibilidade e respeito para com as entidades<sup>77</sup>. Ela expôs que as vestimentas escolhidas para o ritual devem ser diferentes daquelas usadas na vida cotidiana, pois são próprias da dedicação ao sagrado. De sua fala "vejo que o povo recebe o santo e depois tá no bar do mesmo jeito que saiu do terreiro, nem a roupa troca..." observei uma preocupação com a preparação do religioso, o local em que os trabalhos devem ser realizados e a conduta do médium com a espiritualidade.

---

<sup>75</sup> Trecho transcrito do Filme: Quem tem Fé tem tudo. Quem não tem Fé não tem nada. Realização Leonardo Bittencourt. Edição Luiz Oliveira. Fevereiro de 2020)

<sup>76</sup> Como mencionado anteriormente, o tema desta pesquisa se construir já durante minhas atividades de pós-graduação, por isso considero Luiza, não só interlocutora fundamental dessa pesquisa, mas uma professora que me fez conhecer e me apaixonar pelos saberes e religiões quilombolas a mim confiados.

<sup>77</sup> O respeito que percebi refere-se a uma condição comportamental voltada a ressaltar a importância e atuação de cada entidade, realizar atos reservados aos rituais apenas no terreiro, pronunciar o nome das entidades vinculadas ao rito durante as sessões, entre outros.

Em nossa caminhada Luiza escutou algumas pessoas dizendo por várias vezes – ‘Exu’ e disse “Tá vendo só, tem irmãos que só falam nos Exus!”. Sempre transmitindo conhecimento de tudo que vê e escuta a sacerdotisa me disse que o chamamento de entidades fora dos rituais e em contexto de conversas e brincadeiras pode dar passagem a espíritos maus, pois o local sagrado além de espaço reservado para atuação das entidades espirituais também é onde o médium recebe proteção contra as forças negativas. Vale ressaltar que Luiza absorveu uma sabedoria espiritual advinda diretamente dos guias pelo desenvolvimento de sua mediunidade. Do marco inicial da umbanda no quilombo trazido por Luiza, 1836, se percebe a prática religiosa tradicional que esta procura manter em suas singularidades. Por essas e outras razões, procuro apresentar a fé e devoção de Luiza a partir do que conversamos e do que percebi durante a pesquisa de campo, ou seja, sem enquadrá-la a um fazer umbandista notado pela comparação com outros.



Figura 12 - Altar Umbanda do Terreiro Pena Caboclo Branca. Foto: Weverton Marcelino.

No quilombo Namastê os guias<sup>78</sup> atuam predominantemente todas as sextas-feiras e, a depender da programação das festas de santo e da sessão ser dedicada às forças de esquerda, os guias podem ficar ainda mais presentes no cotidiano da comunidade. Pude acompanhar a preparação de Luiza em cada uma dessas formas de dedicação ao sagrado: as festas de santos e sessão para os guias de esquerda e direita. Muitas vezes a sacerdotisa começava os preparativos um ou dois dias antes, trabalhando o dia inteiro desde as 6h da manhã. A mestra me contou que sempre desprende a força do trabalho descascando mais de 10 quilos de alho por dia para uma fábrica, o cheiro impregnava em sua pele, e as pessoas, inclusive seu filho Weverton nem se aproximavam. Disse que vendia salgados oferecidos de porta em porta, e quanto ao trabalho espiritual no terreiro, sempre conduziu com muito rigor. Notei de pronto, nos primeiros cantos entoados<sup>79</sup> na sessão, muita resistência e firmeza.

É nas sessões espirituais que os cantos ganham sua realização plena, com toda a energia necessária para sua efetividade. Quando estive presente na sessão em 17 de julho de 2019, pude perceber a chegada dos Caboclos no terreiro através da postura corporal assumida pelos médiuns e, principalmente pela linguagem de cada canto que abençoava e orientava os participantes a suportarem as dificuldades da vida. Depois da oração e do canto inicial, ao ouvir os cantos dos caboclos, senti que a conexão com a natureza era forte, talvez pelos versos cantados que permitiam elaborar imagens desse ambiente e ao contato direto dos pés descalços dos médiuns no chão. Como me contou Luiza, as entidades indígenas no terreiro representam a fonte das memórias do negro Quilombola *Namastê* que, além de estabelecer o contato direto com a natureza, atualizam as primeiras incorporações de seus ancestrais quilombolas no interior das matas.

A ida de cada caboclo foi marcada por novos ritmos que deram lugar ao trabalho dos Pretos e Pretas-Velhas. Lembrei-me de algumas falas de Luiza que revelaram a afetividade e afinidade especial com essas entidades que trazem a sabedoria no manuseio com as ervas e a

---

<sup>78</sup> Se por um lado os guias de direita (Caboclos, Pretos Velhos, Almas etc) fornecem conselhos e quebram demandas, por outro, os guias de esquerda (Exus, Pomba-giras, Povo da Rua etc) por estarem próximos aos sentimentos e vontades humanas (Raiva, Rancor, Ódio, Luxúria, Ambição, Vícios etc) atuam diretamente na retirada dessas sensações e intenções maléficas dos indivíduos. Como me disse Luiza, as entidades de esquerda carregam os fluidos negativos e também aquele de sua turma que encosta na pessoa em razão da prisão aos desejos carnavais que esta se encontra.

<sup>79</sup> As relações sonoras dos versos cantados acompanhados pelos atabaques recebem também o nome de ritmos no quilombo.

inteligência adquirida pela necessidade de suportar os sofrimentos provenientes da escravização. Luiza me disse ficar emocionada com a postura que assumem os médiuns quando chegam os Pretos e Pretas-Velhas.

"Firma ponto" foi o que ouvi da entidade *Vovó* quando um médium não estava concentrado suficientemente para a corrente espiritual. Entendi que era preciso que este cantasse um ponto que viesse à mente sem encontrar a vibração ideal para a manutenção da corrente<sup>80</sup>. A partir disso notei que os pontos cantados seriam importantes fontes de equilíbrio e catalisação das energias manipuladas que fluem durante a sessão.

### **SEU PENA BRANCA OLHA O SEU TERREIRO (...)**

*Seu Pena Branca olha o seu terreiro/Seu pena Branca olha o seu congá  
Oi mesmo sendo chefe de Umbanda/Vencedor de demanda dentro do seu  
jaracuta.*<sup>81</sup>

Link:<https://drive.google.com/file/d/1VENKF7FEIQtIR5d9ax53I5b5REh0qOMi/view?usp=sharing>

O terreiro de umbanda pode ser percebido como um espaço de autodeterminação que valoriza e reatualiza os contatos com a ancestralidade de um povo de modo a estabelecer trocas de conhecimentos, ensinamentos, manter segredos a partir de instrumentos que (re)significam a vida de um povo.<sup>82</sup> Os procedimentos de construção dos terreiros movimentam um trabalho duro dos médiuns e simpatizantes, pois, antes de erguido, já se iniciou a dedicação ao sagrado e, para o primeiro, o desenvolvimento mediúnico será também condicionado à organização do terreiro. No que corresponde aos praticantes da religião de matriz africana e os terreiros sagrados, Teixeira (1997, p.6) evidencia que as comunidades-terreiro em essência são “as notícias mais recentes sobre organizações negras” e, complementando com o apontamento de Santos (1979), encontramos nestes locais "um sistema iniciático que transmite e elabora o conhecimento, a

---

<sup>80</sup> Do que apreendi durante a sessão, os médiuns formam uma corrente invisível que permite a ocorrência dos trabalhos.

<sup>81</sup> Ponto cantado do protetor e fundador do terreiro no quilombo Namastê.

<sup>82</sup> Definição compreendida pelo disposto no livro “Direito dos Povos de Terreiros”.

experiência individual e coletiva, de uma maneira específica, através de rituais, que reatualizam fatos históricos e experiências incorporadas à história dos terreiros<sup>83</sup>."

O terreiro na QCN-Ubá/MG se manteve ao longo da história a partir de variados locais de atividades espirituais, certamente, por razões voltadas às condições de escravização na região. A senzala, as matas e, atualmente, o espaço reservado ao lado da casa de Luiza trouxeram não só possibilidade de sobrevivência da prática religiosa da comunidade, mas vivências diferenciadas de acesso ao plano espiritual.<sup>84</sup> Sobre o terreiro com mais de 250 anos chamado de Centro Espírita 'Cabloco' Pena Branca', Luiza e outras pessoas com quem conversei disseram ser o primeiro da Zona da Mata em Minas Gerais. A maioria dos frequentadores do quilombo se refere atualmente ao termo "Caboclo" tal qual é convencionalmente dito e "correto". Entretanto, da escrita de "Cabloco" avistada na porta do terreiro Luiza disse que sempre foi dito assim. A meu ver, esse deslocamento de letra – Cabloco para Caboclo – já demonstra a influência de uma colonização do letramento que, além de atuante, procura desconsiderar os processos de oralidade da comunidade. Ademais, para sobreviver, a sacerdotisa me disse que se abre para algumas mudanças que lhes são impostas, mas, isso não significa que seu modo de vida não é próprio de sua cultura.<sup>85</sup>

---

<sup>83</sup> SANTOS, Juana Elbein dos. O negro e a abolição: alguns subsídios para uma crítica da memória nacional. Petrópolis, Vozes 73 (73): 168, abr. 1979, S.S. 1997.

<sup>84</sup> Embora existindo um espaço reservado para a atuação das entidades no quilombo, Luiza me disse que alguns trabalhos espirituais são feitos nas matas, pois tem entidades que não 'baixam' no terreiro. A título de exemplificação me contou que alguns caboclos se sentiriam presos entre as paredes do terreiro e por valorizar a liberdade trazida pelas matas e florestas, atuam apenas dentro desse campo de força.

<sup>85</sup> A questão aqui passa por uma significativa discussão em que Luiza me demonstrou que ninguém muda a cultura de ninguém. Utilizando o exemplo dos índios ela disse que ainda que eles aprendam a falar português, comam a comida dos brancos e adquiriam conhecimentos de interesse dos brancos eles nunca deixarão de ser "índios", pois ninguém perde a sua raiz. Ao final de sua conclusão afirmou, "assim também é os quilombolas!".

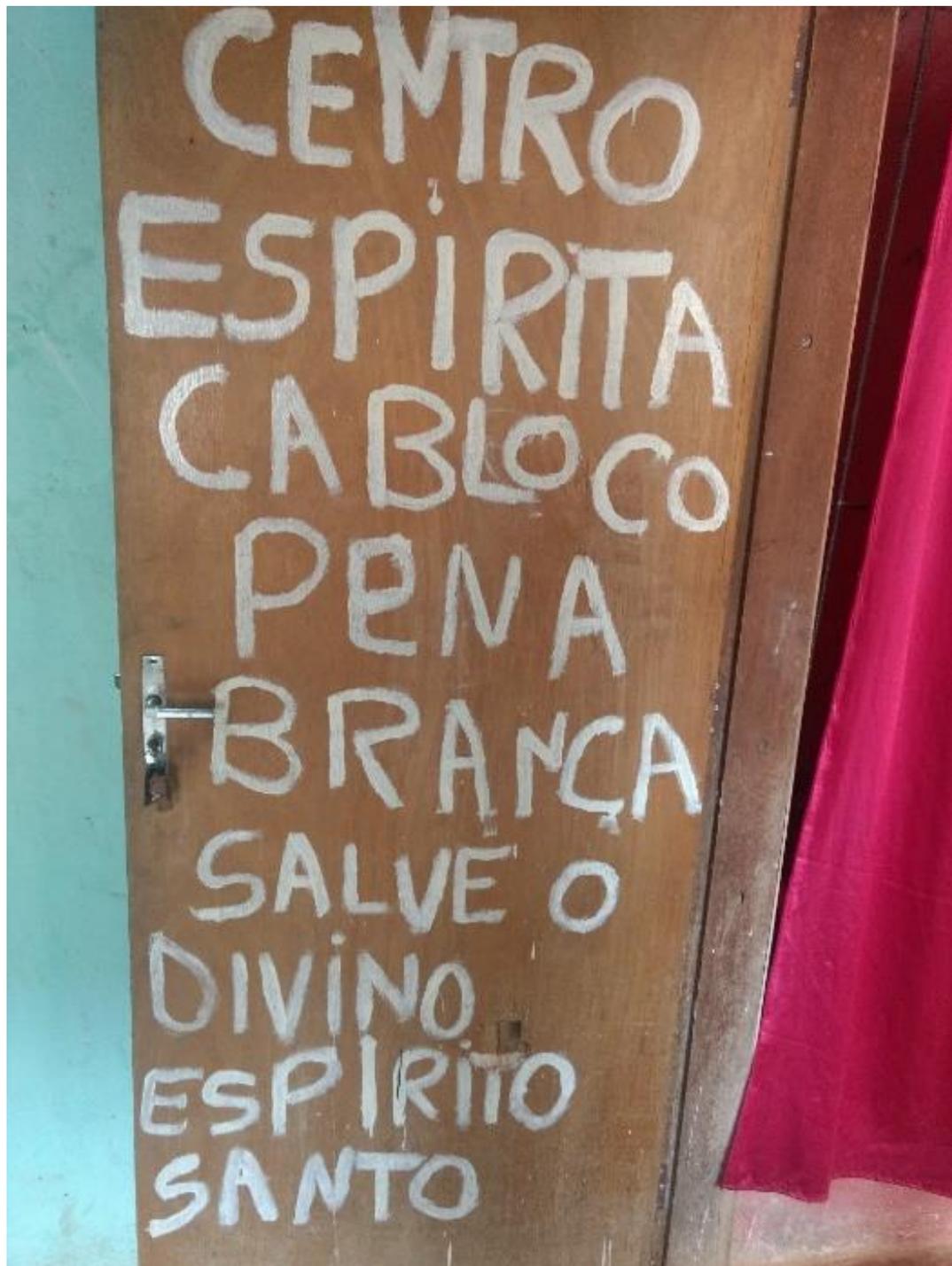


Figura 13 - Porta de entrada do TCPB

O TCPB foi construído na parte de traz de uma casa de dois andares em que mora alguns irmãos de Luiza. Seguindo o desnível do terreno, próximo ao limite do lote, estão os escombros da antiga casa em que Luiza morou depois de casada. As paredes do terreiro são de adobe, com uma construção não muito rudimentar, de alvenaria, facilmente percebida por alguns tijolos ainda sem reboco. Seus compartimentos ou cômodos seguem a maneira simples e útil de funcionalidade da construção civil. Possui os seguintes cômodos: quarto das entidades e seus respectivos assentamentos, salão de gira e banheiro. Passando pelo portão da casa e descendo uma rampa cimentada, ocasião em que será possível avistar uma faixa pintada de tinta cal branca, temos acesso ao primeiro compartimento ou rol de entrada. Este lugar possui uma divisória informada por uma cortina, pois a partir dali o acesso é exclusivo para os médiuns durante a sessão espiritual. Ainda no rol de entrada está a única porta de acesso ao local da gira e atendimentos espirituais.

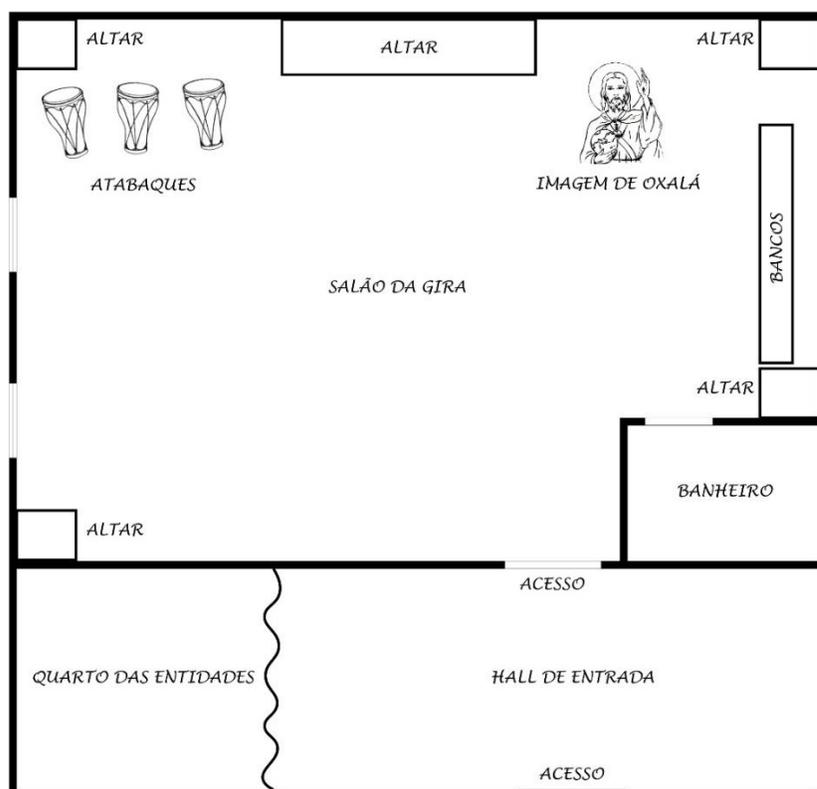


Figura 14 - Croqui do Terreiro Caboclo Pena Branca Elaboração Camila Macedo.

Dos cômodos observados a partir do croqui do TCPB temos, frente à fachada, uma área aberta de piso de terra batida que se limita a um barranco com nível de aproximados quatro metros de altura.<sup>86</sup> A casa de Luiza está no mesmo nível do terreiro e, descendo uma escada de cimento que dá alguma sustentação ao barranco, chegamos no fundo do quintal. O contato com uma terra bem avermelhada é predominante ali, razão pela qual a sacerdotisa me contou ser algo muito importante para as atividades espirituais. Entre a casa de Luiza e o terreiro não há pisos que impeçam o contato direto com a terra<sup>87</sup> e, no terreiro, o chão recebe apenas uma camada de cimento liso. Passando pela meia parede, no rol de entrada, há dois bancos de cimento feitos por Luiza e seu filho Marlon. Logo à sua frente está o quarto das entidades, separado apenas por uma cortina, e de entrada restrita aos médiuns. Este local serve para guardar objetos e tudo que é necessário na sessão<sup>88</sup>.

Para chegar ao local da prática religiosa passa-se por uma única porta de entrada em que está escrito com letras de formas grandes, de cor branca, ocupando boa parte de sua folha de madeira compensada o nome do guia fundador - 'Cabloco' Pena Branca<sup>89</sup>. Sobre o piso liso de cor amarelada, alguns riscos formam desenhos bem discretos que passam despercebidos quando se entra no salão. As paredes pintadas de verde água marinha recebem quadros, pinturas de pontos riscados, objetos afixados conforme a perspectiva religiosa e os registros do terreiro. Sobre as dezenas de pontos riscados percebo que as memórias de uma ancestralidade umbandista falam mais forte na comunidade já que foram transmitidos pelos familiares de Luiza.<sup>90</sup> No teto vejo a alegria das festas de santo que ali acontecem por meio das bandeirinhas coloridas recortadas que compõem o ambiente. Dois bancos de madeira compridos com tamanho e composição diferentes,

---

<sup>86</sup> No início de 2020 as chuvas intensas que assolaram várias regiões do país deixaram a cidade de Ubá/MG em constante alerta, ocasião em que a parte central da cidade foi alagada pelo transbordamento do Ribeirão Ubá. Isso também preocupou Luzia, pois, embora morando longe da margem desse ribeirão, a parte mais alta do seu terreno, principalmente onde está o terreiro, começou a ceder, ameaçando um deslizamento de terra que poderia destruir a construção.

<sup>87</sup> Em conversa pessoal Luiza me disse que para a umbanda o contato direto com a natureza é a fonte de energia mais valiosa. Por isso conduz as atividades no terreiro sempre descalça para manter a sintonia e aproximação com o chão de onde brota a vida.

<sup>88</sup> Vale ressaltar aqui que nesta pesquisa os registros de áudios e vídeos e, até mesmo os escritos realizados no caderno de campo vieram de momentos em que eu sentia a permissão tácita para fazê-los.

<sup>89</sup> Este guia anunciou por meio de incorporação mediúnica a fundação de um terreiro, já demonstrando, a partir disso, ser o protetor das atividades religiosas que se firmaram no quilombo Namastê ao longo de séculos.

<sup>90</sup> Os pontos riscados foram pintados nas paredes do terreiro de forma a circular o espaço sagrado. Em julho de 2020 Luiza pintou o terreiro riscando novamente todos os pontos.

sendo que um está sobre o desnível do chão que lhe garante mais altura, estão dispostos na lateral direita do salão, informando o espaço reservado aos participantes da sessão. Cerca de 8 (oito) pessoas sentadas caberiam em ambos, entretanto, como aqueles que estão no rol de entrada, no terreiro só se senta quem possui alguma dificuldade para se manter em pé. Luiza me disse que durante a sessão não se pode perder o contato contínuo com a terra, portanto, deve-se evitar ficar sentado.<sup>91</sup> Já na lateral esquerda fica o espaço reservado aos ogãs atabaqueiros<sup>92</sup> próximos aos médiuns e sem qualquer separação com aquele dos participantes. Os três atabaques, sempre juntos, se contrastam em visual diferente de planos de altura sendo que o menor e o médio se apoiam no chão e o maior está firme em um suporte de madeira. Teci, irmão de Luiza e ogã experiente, sempre toca o atabaque mais agudo, mas, antes disso, acende uma vela e a coloca embaixo do instrumento sagrado de forma a, como ele mesmo me disse, pedir aos guias orientação e permissão para manuseá-lo.

As imagens que estão nos sete altares<sup>93</sup> – quatro cantinhos de santo, altar central, altar de instrumentos sagrados e altar de Oxalá - montados dentro do terreiro representaram para mim um dos visuais mais exuberantes. Da porta de entrada pude visualizar à minha direita uma majestosa imagem de Oxalá. De modo geral, os altares são dispostos à esquerda (atabaques) e à direita (Imagem de Oxalá) do altar central, e nos quatro cantos do terreiro. Nunca vi as imagens serem retiradas de seu lugar, talvez por já ocuparem o lugar certo para fazer cumprir os propósitos espirituais.

A imagem de Pai Oxalá se comunica por sua vistosa presença de maneira bem perceptível quando da entrada no terreiro. De seu lugar frente à porta e ao lado do altar central notei a movimentação da cortina que está ali para cobrir a imagem a depender da sessão. Um copo de água e, às vezes, uma oferenda<sup>94</sup> eram colocados em seus pés. Quando a sessão é para os guias de esquerda, as roupas brancas dos médiuns são substituídas por aquelas de cor vermelha, e a cortina cobrindo toda a imagem impede a “movimentação do olhar” de Oxalá. Em cima de um

---

<sup>91</sup> Para assistir as sessões espirituais no quilombo, como os outros, eu ficava descalço usando as vezes só meias. Era admirável a energia dos médiuns em atividade espiritual quando em mais de duas horas se apresentar cansaço.

<sup>92</sup> Pelo que notei são ogãs atabaqueiros no quilombo: Maria Luiza, Fatinha, Marlon, Weverton e Narlon.

<sup>93</sup> Entendido como os principais pontos de irradiação de energia do TCPB considerando seu caráter fixo e o direcionamento específico de aproximação dos devotos antes, durante e pós sessão espiritual.

<sup>94</sup> Trata-se de uma oferta deixada ao guia de modo a acrescentar no tipo de energia que este irradia podendo, ao mesmo tempo, agradecer por alguma graça recebida, aguçar as energias do rito, quebrar demandas entre outras.

pódio que lhe permite mais altura e visibilidade bem como o depósito de elementos que absorvem e transmitem a sua energia, como água, velas e alimentos, está fixada esta imagem. Portando vestes brancas e vermelhas encontra-se de braços e mãos abertas de modo a receber aqueles que entram no terreiro em "postura de vinde a mim." Sua pele morena, cabelos e barba compridos e escuros lembram um pouco a representação de Jesus Cristo da época das cruzadas. Sobre o chão, um dos altares que foram dispostos nos quatro cantos do terreiro. Nesse 'cantinho de santo'<sup>95</sup>, como nomeia Luiza, estão imagens do povo das águas.

São os Oguns! Tem Ogum Rompe Mata, Ogum Beira Mar, Ogum Mexê. Muitas pessoas acham que só tem São Jorge. Tem uma negra do navio negreiro que tem até um ponto "*Navio negreiro no fundo do mar...*"<sup>96</sup>

Além do 'cantinho de santo' do povo das águas que compõem o entorno de Oxalá, está Iemanjá pintada em um quadro colocado entre duas paredes. Atrás da imagem nota-se quatro pontos riscados que dão continuidade a outros que estão no entorno do salão e, sobre eles, Luiza me disse que "Ali nós temos São Miguel Arcanjo, Santa Catarina e Santa Joana Darc."<sup>97</sup> Pontuando de maneira mais aprofundada sobre as questões que envolvem a imagem de Oxalá, sua origem, importância no terreiro e na umbanda e os propósitos dessa força Luiza expõe:

(...) a imagem tem mais de 200 anos. Foi doada por um general marinheiro que tinha no Rio. (...) um trabalho foi feito pra ele que ficou muito doente. Ele foi curado por Oxalá. Então, aí a gente falava *aquele espírito Oxalá, Oxalá, Oxalá...* ele botou na cabeça. Explicando pra ele o que era... Ele mandou fazer essa imagem. (...)

---

<sup>95</sup> Por essa expressão trazida por Luiza notei que se trata de altares que carregam em sua disposição a razão da manutenção dos pontos de força e proteção do terreiro.

<sup>96</sup> Conversa com Luiza em abril de 2020.

<sup>97</sup> *Idem.*

Ele (Oxalá) que dá autorização. Ele que manda a voz pra fazer a cura, dá autorização para os guias vir e benzer as pessoas. Ele que é o cabeça. Ele que é o dono do mundo, Ele é quem é o dono do terreiro. Há muitos e muitos anos as epidemias que tinha de doenças... os pobres (...) não tinham recurso nenhum... Então através Dele, abria a porta do céu para os bons mensageiros vir e fazer a cura do povo. Um terreiro que não tem a imagem de Oxalá, ele tá chamando quem? (...) Se ele é o dono do mundo, Ele é que é o dono do terreiro. Não tem nenhum espírito que possa vir, que não seja através Dele. Não é Ele que vem, Ele tem os mensageiros, os anjos né?! Que estão louvando e fazendo a distribuição do pão (...) Oxalá está presente em tudo que a gente faz na vida. Ele está dentro de nós. Você procura a Deus e vai achar ele dentro do seu coração. Tudo que eu faço, Deus está na frente. Jesus está na frente. Se eu não colocasse a imagem de Oxalá, eu não estaria praticando a obra dele. E ali é um lugar pra praticar a obra Dele. Eu não vou botar imagem de Exu na minha porta. Porque quem manda no mundo é Deus... É Oxalá! Eu prezo muito Oxalá. Porque tudo que tenho, que eu sou, eu agradeço a Ele. Aonde eu moro é Dele e vai ficar para os próximos. Ele é que é o rei. Ele que manda. (...)<sup>98</sup>

---

<sup>98</sup> Idem.



Figura 15 - Pai Oxalá de Braços aberto.

Pelo reconhecimento e amparo espiritual dos guias no quilombo Namastê tem um calendário de “Festas de Santo”<sup>99</sup> sempre cumprido pela comunidade. Luíza explica estas festas:

(...) Tem as festas que foram trazidas pelas entidades e não pelo homem: Xangô, Cosme Damião .... Estas festas temos obrigação de fazer. Não é festa pra festejo. É uma religião, um culto.

(...) são aquelas (festas) que eles que quiseram. Eles mesmos que marcaram... não sou eu quem quis não.

(...) Eu já nasci no meio das "festas" de santos... Já tem muitos anos.

(...) Eu faço as festas de Santos que a minha vó fazia. O terreiro não é pra fazer festas, é uma homenagem.

Calendário de “Festas”

23 de abril	São Jorge
13 de maio	São Sebastião
13 de Junho	Santo Antônio
27 de setembro	Cosme e Damião
17 de outubro	Pretos Velhos
2 de novembro (Dia dos Mortos)	Obaluaê
Dia 31 de dezembro	Iemanjá

De maneira comum os pontos cantados são contextualizados nas sessões espirituais, mas podem ganhar outras razões de entoação quando se trata de 'Festas de Santos' que homenageiam e agradecem a benevolência e amparo dos guias espirituais. Percebo que os cantos movimentam as energias em cada rito, em uma proposta de contextualização, ao passo que também orientam específicos contextos da religião umbandista, como: sessão espiritual, atendimentos cotidianos e festas de santos. Por sua vez, cada canto assume funções diferentes que poderiam se condicionar ao tipo de energia que se pretende acessar nas sessões ou nas festas religiosas.

---

<sup>99</sup> O que se entende por festas de santos é uma forma de prestar reconhecimento ou homenagem aos guias.



Figura 16 - Imagem de iemanjá

A prática religiosa no quilombo segue uma condução matrilinear que traz significado especial em tudo que há no terreiro. Observo a partir disso que o modelo de parentesco e suas especificidades, embora não seja o foco deste trabalho, traz noções sobre a genealogia da comunidade, apontando diretamente a processos históricos do terreiro. No viés dessa genealogia do terreiro na CQN-Ubá/MG, vejamos um pouco mais das lembranças que Luiza me propiciou:

A Umbanda nasceu na senzala mesmo. Praticamente numa senzala no Mato. Surgiu no Mato porque existia muitas doenças, as pessoas novas morrendo e o fazendeiro, os capatazes não ligava. Aí tinha que ter alguma coisa pra ajudar a sobreviver. Foi nisso que minha tataravó Manoela ouviu uma voz que começou a perseguir ela até ela conseguir chamar os negros que tinha fé pra acompanhá-la...

O tempo que fez ela entrar no espiritismo. Ele nem tinha conhecimento sobre isso. Antigamente ninguém tinha...

(...) minha tataravó era benzedeira. Ela fazia parto. Antigamente se o menino tivesse atravessado ia ficar... As crias de fazendeiros não podiam ficar senão eles matavam ela. Era o castigo por ter deixado a sinhazinha morrer e não ter salvado. Então ela tinha suas orações, sabia manusear as ervas. Na hora que ela estava apertada, aquela voz vinha e já falava com ela... é isso... é isso... é isso.

A minha Vó mesmo era uma pessoa leiga não sabia nada de espiritismo, os espíritos começaram a pegar ela... Uns foi na mata, outros foi em senzala, em parque...

Minha Avó foi no parque. Ela viu que a irmã dela ia morrer... ela não, os guias. Ela não podia deixar ela morrer... porque aquilo já era um destino traçado.... a irmã dela que tinha a salvação da senzala. Pra acabar a senzala. (...) Quem fez o parto dela foi uma Preta Velha.

Uma coisa puxando a outra... senão não ia ter continuação.

Minha família toda foi chefe de terreiro. Uma foi passando pra outra. Minha avó agora foi escolhida pelos santos. Cada um aqui, um santo escolhe aquela que será a próxima geração.<sup>100</sup>

---

<sup>100</sup> Maria Luiza Marcelino. Comentários na qualificação de mestrado desta pesquisa em 20/11/2019.

Por fim, o espaço do terreiro construído e adequado para os atos religiosos mais importantes da comunidade, não afasta, evidentemente, o contato com as matas fechadas, cachoeiras, planícies, entre outros lugares importantes para acessar diferentes forças espirituais. Tudo isso demonstra que, como me disse Luiza, “tudo é ensinado pelas entidades e, se o terreiro existe da forma que existe, é fruto da vontade delas”<sup>101</sup>. Por isso, a entoação dos pontos cantados, o uso de vestimentas próprias para as sessões e, principalmente, as atividades mediúnicas de incorporação ocorrem primordialmente dentro do terreiro. As novenas, rezas e orações e até mesmo a entoação de alguns cantos devidamente selecionados podem acontecer fora do ambiente sagrado, mas isso não se confunde com aqueles específicos para a transmissão de energias durante os ritos reservados à sessão. Portanto, embora o terreiro esteja no terreno de Luiza, tudo que está no plano da sacralidade acontece exclusivamente nesse local, inclusive alguns atendimentos externos à sessão, o que afasta qualquer relação de entendimento voltada a terreiro-residência (VERAS, 2015).

### **“UMA CICATRIZ QUE NÃO FECHA NUNCA - A GENTE É OUTRA VIDA...” - Saberes e Ensinamentos do Quilombo**

Minhas conversas com Luiza sempre foram direcionadas aos saberes do quilombo, algo que me pareceu ser uma preocupação constante dela e também um modo natural de demonstrar a identidade da comunidade. A linguagem, a religiosidade e o modo de viver saltaram à minha percepção como uma socialidade sempre se apoiava nas memórias da sacerdotisa. O sentido e os significados presentes nos pontos cantados que notei na CQN-Ubá/MG é propiciadora de ensinamentos de forma a guardar segredos que orientam o acesso às forças. A linguagem dos pontos cantados pode ser bem elucidada a partir de um depoimento do capitão do Moçambique

---

<sup>101</sup> Lembranças escritas em anotações apartadas do pesquisador.

Jorge dos Santos<sup>102</sup> ao dizer que existiam “os pontos que os negros cantavam na época da escravidão, para se comunicarem um com o outro, sem que os senhores pudessem compreender.”

Dos cantos em “língua portuguesa”<sup>103</sup> voltados às razões de sobrevivência dos negros em terras desconhecidas, percebo que se elabora um campo de proteção contra o preconceito, a desigualdade social e a intolerância religiosa. A partir disso, Luiza exprime um pouco sobre a formação de sua linguagem e a importância da oralidade no entendimento de sua história

Quando éramos pequenos não tínhamos acesso a rádio nem nada. Então, os pais e avós contavam a vida deles como história. A gente achava que era história, mas eles contavam a realidade.

Era uma forma de proteção da realidade contando história. É nisso que há o lamento. Isso é o que nós tivemos. E o que tem agora? Você não consegue mais voltar atrás.

Nunca deixei de falar aos meus filhos: você é negro, você é bisneto de escravo. Não tiro a oportunidade deles terem conhecimento sobre a cultura.

Quando chega na escola, falam que não existe. Isso é uma coisa que está lá no passado, isso não aconteceu agora não! Não sabem (...) e não procuram entender a nossa história!

A escravidão acabou há (...) anos. Acontece que tem negro que vive isso. Tem negro na comunidade (...) que viveu isso, mas a história dele foi apagada.

Como você vai dizer sobre isso pra uma criança? É história? É vivência? Eles vão matando... (...) para uma criança, no momento que você bater o pé dizendo que é isso, eles vão acreditar.

Estou fazendo um trabalho na escola por causa de um lamento. Eles estão esquecendo as raízes de onde eles vieram.

---

<sup>102</sup> Fala extraída da tese de Glaura Lucas (2005, p.114).

<sup>103</sup> Por se tratarem de cantos que possuem palavras comuns à língua portuguesa não se deve perder de vista que seus sentidos, advindos das razões espirituais e das condições sociais que o indivíduo era/é exposto, podem ser completamente diversos do senso comum dos falantes da língua portuguesa e, principalmente, daquelas outras comunidades que, com suas vivências próprias, constituíram uma bagagem cultural identitária.

É triste você ver as crianças cada vez mais se distanciando e entrando num mundo que não é deles.

Esse mundo não é pra nós! Entramos nele apenas pra apanhar conhecimento, entender, mas não cultivar. Você sai pra fora só pra conhecer o mundo.

Igual quando o filho tá no ventre da mãe. Quando tá ali, está protegido. Se põe pra fora ele tem que conhecer.

Mas não é isso que está acontecendo... Eles estão apagando o nosso conhecimento com fatos e mais fatos mentirosos!

Você não vê um negro contar a sua história. Sempre é um branco que conta do jeito deles! Eles fantasiam dizendo como foi... mas é preciso sentir. Entrar em uma comunidade é sentir como é o dia a dia. As coisas são totalmente diferentes do que você lê e sente.

Os lugares onde você vai e teve (...) história como fatos consumados, você sente a energia daqueles negros. Você chega a sentir a presença deles perto da gente. Pedindo por socorro pra não deixar esquecer deles. Eles foram pessoas importantes. Porque aguentou todo tipo de humilhação.

Mataram praticamente tudo que ele tinha, mas o caráter jamais! A dignidade jamais!

Por isso eles ficam nessa procura. Vejam só pra onde eles vieram e me trouxeram. (Disse dando ênfase a condução de espíritos de negros que guiam seus passos) É pra história ser continuada... Pra que as pessoas deixem de ser tão egoístas e mesquinhas.

Tem que procurar a entender mais as pessoas. A maioria das pessoas são Quilombos e não se declaram porque continuam com medo. (...)

A gente é outra vida...

Mas que isso vai ficar na história toda, vai! (Afirmou com orgulho de sua história)<sup>104</sup>

---

<sup>104</sup> Maria Luiza Marcelino. Comentários na qualificação de mestrado desta pesquisa em 20/11/2019.

Compreendo que Luiza manifesta por meio da oralidade a importância de contar a sua história. Salta de suas falas questões que se ligam a um lamento, ou seja, “uma cicatriz que não fecha nunca”<sup>105</sup> que, a meu ver, representaria um estado de “alma” envolve qualquer ponto cantado que acessei. Glaucia Lucas (2005, p.55) pontuando sobre o uso de diversos aspectos sonoros e corporais entre as práticas do Congado entre os integrantes da comunidade dos Arturos, expõe que estes provavelmente seriam "meios importantes através dos quais os negros de então puderam manter o contato e as trocas com seus ancestrais, a exemplo do que se observa em muitos rituais religiosos afro-brasileiros de hoje." Entendo que dessa perspectiva seria possível compreender um pouco o sentido de “banzo” e “esperança” que dizem sobre as práticas culturais dos Quilombos claramente exemplificada por Teixeira (1997, p. 14) na Marcha Final da Missa dos Quilombos

Enquanto sistema de resistência praticado através dos suicídios coletivos, sacrifícios de recém-nascidos, assassinatos dos senhores, fugas isoladas e coletivas que culminaram nos quilombos, o Banzo foi interpretado pelo branco como demonstração de debilidade dos negros e não como expressão da vida comunitária e das relações do homem com o mundo e com Deus (TEIXEIRA, 1997, p. 14).

Evocando o canto de lamento do quilombola “Naldinho”<sup>106</sup>, um quilombola da comunidade de Custaneira, chamado de Bendito das Almas, Moraes (2011, p. 08) expõe que este é cantado todas as noites em sua comunidade e o conhecimento dessas canções é transmitido oralmente. Vejo que aqui a presença do lamento passa a orientar certa devoção que, ao modo desse quilombo, estabelece a sua forma de cultura. Quanto às particularidades dos lamentos, Hooarnet (1982) *apud* Teixeira (1997, p. 4) afirma

“às marcas brancas da ignorância, superstição e sincretismo, o negro dá um sentido tático. À ignorância, tática de esconderijo; à superstição, artimanha de tenacidade e resistência e ao sincretismo, um mecanismo de sobrevivência.”

---

<sup>105</sup> Trecho retirado das falas Luiza buscar definir a questão do lamento presente em seu livro Quilombola. Lamentos de um povo negro.

<sup>106</sup> *Oh Miguel escuta a voz de quem te chama/ Vai buscar aquela alma / Há três dias que ela clama/ Oh de casa oh de fora O inferno estremeceu / Eu vim buscar esta alma / Quem mandou foi o meu Deus/ Oh Miguel não seja tolo que esta alma eu não te dou / Que hoje faz três dias que essa alma aqui chegou / Nem que faça quinze anos/ Leva três anjos contigo/ Vai buscar aquela alma E traga em sua companhia/ Vai ter embora alma Bernar/ Vai feto brasa livre /Vai dizer ao pai eterno que de pena tu esta livre/ Minha gente venha ver /Que com o poder de Maria /Ontem eu estava no inferno/ Hoje no céu de alegria /Em intenção de São Miguel e Coração de Maria. (MORAIS, M. L. 2011:08)*

Percebo que a atribuição de sentidos direcionados a religiosidade, banzo, esperança, devoção e aos lamentos são diversificados de forma a atribuir caráter identitário e único para cada negro e sua comunidade.

Outra perspectiva relacionada à esta experiência do lamento pode ser extraída do quilombo do Baú, localizado na região nordeste do Estado de Minas Gerais, na microrregião do Médio Vale do Jequitinhonha. Nesse local a pesquisadora Ana Cláudia Gonçalves (2017) identificou o batuque dali como importante prática cultural. Revela-se aqui que o ritmo de vida na comunidade do Baú foi fortemente marcado pela batida dos tambores como expressão da história desta comunidade vista por suas lutas, trabalhos e perdas de entes queridos. (Gonçalves, 2017:29). Do canto *Alforro canhanhã*

2- Ponto Cantado: Alforro canhanhã

*Quando negô apanhou, apanhou, o negô chorou, chorou*

*Quando os brancos sorria, o negô chorou*

*Quando negô alforro canhanhã, todo o branco chorou canhanhã* (Gonçalves, 2017:29)

Gonçalves (2017) ressalta uma crítica que denuncia as injustiças cometidas e ligadas às raízes do passado escravista, embora o ritmo do batuque seja contagiante. Sobre um cântico muito presente na comunidade “*No tempo que tinha sinhá*<sup>107</sup>” a citada pesquisadora chamou a atenção para um contexto do discurso que rememora os sofrimentos decorrentes da escravidão e a comemoração pelo fim dos castigos aos negros. Ela conta que “os dois primeiros versos são cantados sem acompanhamento instrumental e com tom de lamento e, nos dois últimos, entram os instrumentos e o tom é modificado, sendo cantado de modo a expressar alegria.” (Gonçalves 2017:29-30) sobre isso, Antônio C. das Neves, liderança do quilombo do Baú, disse

o sofrimento é triste e constrangedor, mas é nossa história, nós vão falar que aqui que nós passamos regalias? Que nós viveu bem? Nós tamu levantando força da nossa própria raiz, nosso próprio povo. E mentir, mentir não, omitir né, pra quê? Engrandecer aqueles que nos

---

<sup>107</sup> Cântico - No tempo que tinha sinhá - *No tempo que tinha sinhá, como a sinhá me batia. Eu gritava por Nossa Senhora, como as pancadas doíam. Dá no negro, dá no negro, no negro você não dá, joga bola para cima, joga bola para baixo, você diz que dá no negro, no negro você não dá.* (GONÇALVES, 2017, p. 29-30)

escravizou?! (Entrevista concedida a pesquisadora, Ana Cláudia Gonçalves, pelo morador da Comunidade Baú, Antônio Cosme das Neves em 22/04/2016 *apud* Gonçalves 2017:27)

A passagem trazida acima possui relação com uma prática cultural estabelecida como mecanismo que ajuda no esquecimento e alívio da tristeza advinda de opressões que assolaram a vida no quilombo do Baú e, hoje, dizem sobre quem são e o que desejam.<sup>108</sup>

Os lamentos do povo negro, antes escravizado e atualmente acometido por uma “abolição formal”,<sup>109</sup> emergem nas narrativas de Luiza em seu livro *Quilombola. Lamento de um povo negro*. Pude constatar o lamento<sup>110</sup> em inúmeras falas da sacerdotisa, fazendo evidenciar os valores que os pontos cantados possuem ao transmitir e evidenciar a cosmovisão africana de sua comunidade. Percebo que se trata de um fenômeno que traz sentido diversificado a depender da comunidade. Assim, vejo que para Luiza estaria a se referir a um estado de “alma” que permeia as suas vivências e práticas religiosas, incluindo, portanto, os sentidos e contextos que permeiam a entoação dos pontos cantados que ela me apresentou. Muito embora não tenha encontrado a referência específica do termo “lamento” como um gênero ou uma categoria de um conjunto de pontos cantados, esta noção, como demonstrado anteriormente, está presente no universo das práticas religiosas afrodescendentes. Além disso, os lamentos são figuras de expressão sonora que aparecem nos cantos dos Pretos-Velhos, como pode ser ouvido em várias versões de cantos que buscam exprimir o “Lamento do Preto Velho”<sup>111</sup>. Por meio de cantos que percorrem nesta pesquisa um caminho dos saberes de Luiza, observo então que os “Lamentos” poderiam ser estruturantes de sua performance uma vez que os seus aspectos sonoros estão aqui diretamente ligados às memórias históricas dos sujeitos envolvidos.

---

<sup>108</sup> Dos conhecimentos sobre a tradição do Congado nas comunidades dos Arturos e Jatobá em Minas Gerais, a pesquisadora Glaura Lucas faz notar os lamentos quando menciona que “nos rituais, os irmãos do rosário invocam e homenageiam 'minha pai' e 'minha avô', agradecem os saberes legados, cantam o lamento pelo sofrimento deles em cativeiro, refazem e recriam os gestos rituais de seus antepassados.” (LUCAS, 2005, p. 35. sic)

<sup>109</sup> Pode ser compreendida pela continuidade dos efeitos do sistema escravocrata que, embora não vigente, afeta cotidianamente a possibilidade do negro ter uma vida em que se garanta a dignidade humana.

<sup>110</sup> Não estou, portanto, nos referindo ao gênero muito presente no período barroco, no início da ópera, no contexto da música europeia, como Lamento, como o emblemático *Lamento della Ninfa* de Cláudio Monteverdi ou o *Lamento Italiano (Plainte italienne)* de Jean Baptiste Lully.

<sup>111</sup> É possível encontrar numa busca em plataformas como o Youtube um número significativo de gravações intituladas “Lamento de um Preto-Velho”, com forte referência – direta ou indireta à temas e pontos da Umbanda.

Nesse viés, entendo por "Lamento" um arcabouço de sentimentos e comportamentos que elucidam diversos aspectos culturais do povo negro. Trata-se de um fenômeno que permite perceber questões voltadas aos sofrimentos, dores, a religiosidade, a superação, considerando principalmente as condições vividas em tempo passado, presente que também se projetam para o futuro em plena relação contínua de memórias e o elo inquebrável com seus ancestrais. Ganha espaço também, a maneira de seguir com a sua tradição, colocando em prática os ensinamentos vividos e, no caso de Luiza, absorvidos pelos guias espirituais. Assim, o "Lamento" pode representar, a partir das lembranças do negro, o fio condutor que permite que este encontre forças em suas resistências contra as desigualdades e exploração socioeconômica sem se colocar em uma posição de vítima. Sobre o "Lamento" na QCN-Ubá/MG Luiza explica

É uma dor profunda que você sente. Uma dor que não vem de algum machucado, mas de uma cicatriz que você não sabe de onde sai e quem te machucou. Não sangra, não precisa de ponto ou curativo. Não dá pra saber o que é essa dor profunda, se é tristeza; uma tristeza sem mágoa e ódio. Sente-se uma perda grande parecendo que você está indo para o tronco sem ter quem te bate. É algo tão triste que só é possível lamentar. Não dá pra saber quem bateu, quem machucou, quem feriu. É um sentimento muito importante pra nós que somos negros. Todos nós carregamos ele. Então quando a gente vê um dos nossos, a gente sente alegria e tristeza ao mesmo tempo. Por isso coloquei um lamento no livro, porque você não sabe de onde vem esta tristeza, essa coisa que te incomoda. É uma dor que não tem cura, uma cicatriz que não fecha nunca. São passados para cada um dos quilombolas, cada um de nós sentimos essa dor. A alegria da gente é quando a gente se encontra, aí não sente essa dor mais, mas no momento em que separa a dor volta de novo; aquela dor do lamento. (...)

E foi depois estudando, vendo o que era que eu senti, que a única palavra que poderia ser é lamento, pois não existe ódio, rancor, não existe nada que possa prejudicar a outra pessoa. É só uma coisa que

acompanha a gente desde que a gente nasce. Quando você vê um branco te xingar, aí que dói mais ainda, fazendo pouco caso de você, aí que dói mais, mas dói, mas dói muito mesmo, a ponto de você chorar sem saber quem tá te batendo.

Por isso que eu falo mesmo, a única coisa que a gente quer é respeito por esta dor que a gente sente (...), respeitar os nossos sentimentos de dor, sofrimento e lamento.<sup>112</sup>

Entendo que as questões que se referem aos lamentos aqui explicitados por Maria Luíza, regem os cantos que me foram por ela apresentados. Não se trata exatamente da construção de um gênero ou estilo musical que remete a sensações facilmente compreendidas como alegria ou tristeza.<sup>113</sup>

Pude trazer até o momento um recorte dos saberes da CQN-Ubá/MG entendendo que se trata de uma unidade mínima dentro daquilo que Luiza transmite e domina. Ademais, constatei de suas falas, e principalmente de uma de suas lutas como quilombola, a preocupação em transmitir cada vez mais a sua sabedoria de modo a demonstrar o valor cultural que há na comunidade de que faz parte. O desejo de Luiza em propagar e manter conhecimentos ganha ainda mais abrangência à medida que os quilombolas da Zona da Mata passaram a ter oportunidade de estudar em escola pública especializada. A Escola Governador Valadares ganhou reconhecimento de Quilombola em 2017, sendo fruto da vontade, luta e perseverança frente às condições burocráticas que encontraram Luiza e apoiadores. A oralidade e toda a história do negro e quilombola ganham a possibilidade concreta de difusão e expressão de sua cultura por meio das ferramentas do letramento historicamente negado aos negros. Entretanto, a conquista do direito à educação especializada quilombola só será realidade de fato se a transmissão dos saberes inerentes aos quilombolas não for subjugada ao letramento de sentidos, significados e versão fatídica histórica dos colonizadores.<sup>114</sup>

---

<sup>112</sup> Conversa com Luiza ocorrida em novembro de 2019.

<sup>113</sup> Evidentemente não se desconsidera os propósitos do Lamento como estilo musical provocador de emoções, entretanto, atento aqui para um fenômeno que assume uma posição ainda mais abrangente e significativa dentro da exposição de lamento trazida por Luiza.

<sup>114</sup> A problemática maior disso é a possibilidade da negativa dos saberes quilombolas dentro de suas próprias terras, o que seria uma prática colonizadora, cruel e repugnante no mundo de “liberdade” que vivemos.

Certa vez Luiza então me disse que "desde a infância o ser humano vai se matando e ao crescer se torna um ser humano sem alma"; quanto à importância de sua identidade pontuou que "a pronúncia e o jeito de falar que temos é nossa origem, quero ser o que eu sou!"<sup>115</sup> Por essas e outras razões, desde logo, encarei as experiências de vida e as falas de Luiza como sabedorias que inclinam para uma sociedade mais benevolente e, portanto, melhor para todos. Percebi que Luiza, sempre guiada pela esperança de uma vida com maior oportunidade para a sua comunidade se apoia tão somente na valorização dos recursos naturais provenientes da natureza, por isso, luta por sua preservação. Demonstro, por transcrição, algumas de suas falas sobre a educação quilombola

Pra todos os meus netos é Senhora, é Senhor! Não tem esse negócio de falar "bom dia mãe". Pode usar assim depois...Mas na hora é "bênção Mãe, bênção Vó" (...).

Aí chega na escola já muda tudo. Ele fala "você". (...) Então ele já perdeu uma parte... que é o respeito.

Senhora não é só palavra Senhora. Senhora, nós temos Nossa Senhora. No momento que você usa Senhora, você está chegando no seu limite... Você está cumprimentando aquela pessoa com maior respeito com maior amor. Senhora não é uma obrigação de falar por ser a pessoa mais velha. Senhora, a gente já está rezando ali! Senhora já está rezando. Quem é Senhora?! É aquela que está no céu. Senhora! Você está obedecendo a ela primeiro pra você falar. Aí tira o respeito, sem falar Senhora, você já não está abençoando mais (...) lá nós exigimos... Tanto meninos, adultos, velhos, sobrinhos e tudo. (...)

Os rapazes, moças, senhoras que são meus sobrinhos e tem filhos (...) jamais deixam de me dar a mão dizendo "bênção tia"...Tem que estender a mão! E o que quer dizer estender a mão? Pedir a paz, aceite! É a palavra que nosso Senhor usou! "Deus te abençoe"! É uma palavra bonita que você vai levar para o resto da vida.

---

<sup>115</sup> Anotações do pesquisador escrita em 2018.

Eh! O mundo lá fora não tá bom. Tira o Senhor, tira a Senhora... quer dizer que a pessoa não tá sendo mais abençoada. E tá pegando outro tipo de espírito! Você veste uma capa que não é sua. Não é que a pessoa é contra o modernismo e a educação... Muitas coisas que está acontecendo e acontecem, é porque há falta de fé, falta de consideração... e isso aprende da família.

Quando você manda uma criança pra escola, você manda ela inocentemente com a educação que você dá. Quando ele vai pra escola, ele se perde no todo. Ele aprende a falar palavrão, esquece da Senhora, quer encarar a gente como se fosse encarar uma pessoa adulta. Porque é assim que fazem com eles na escola! Entrou na sala, já não é mais uma criança... Quer que ele atue como adulto. Então ele acha que a arrogância (...) tem que levar pra casa (...)

Na nossa comunidade a educação é a melhor coisa que a gente tem. (...)<sup>116</sup>

Pela afirmação de Luiza quanto a uma educação baseada em hábitos que conectam corpo e espírito em consonância com a fé e a religiosidade percebe-se também a preocupação dela com a linguagem quilombola enquanto ferramenta de sobrevivência e manutenção das origens e história do povo negro. Sobre isso ela disse

Sabe de onde ele saiu? Qual a origem dele? Se ele é africano, Angolano?

Você fala português? Mas botaram na sua cabeça que você é português. [Comparação ao ensino da língua portuguesa] Por que a gente não fala brasileiro e tem que ser Português?

Quem fez a minha raça?

A minha origem foram os quilombos, os escravizados.<sup>117</sup>

---

<sup>116</sup> Transcrição de falas durante a qualificação de mestrado em novembro de 2019.

<sup>117</sup> *Idem.*

Embora na CQN-Ubá/MG seja de uso comum a língua portuguesa seguindo a uniformidade no território brasileiro, não pude perder de vista que existem termos, sentidos e significados, modos de fala e de escrita próprios de suas vivências.<sup>118</sup> A oralidade se mistura com a escrita, e a habilidade em mudar os significados das palavras, incluir palavras próprias da religiosidade em que se inserem, reproduzir expressões não verbais conferindo memória às frases já ditas, atribuir cantos a um aspecto de ideias apresentado, compõem um pouco do modo de linguagem que notei de Luiza. Ao perceber a oralidade que enseja resistência, luta e sobrevivência, e quanto à essência da linguagem e sobrevivência dos negros em tempo de opressão, Glaura Lucas (2005, p. 57) destaca-se que

As reuniões de negros com danças e cantos, em torno de tambores, constituíram fóruns que lhes favoreceram o desenvolvimento de meios próprios de comunicação, os quais, apoiadores em mecanismos de ocultação de significados, restringiam a sua compreensão aos grupos. Nesse contexto, articulavam um jogo expressivo de gestos verbais e não-verbais integrados – as metáforas dos textos, a inclusão de palavras africanas no português, movimentos corporais significativos e procedimentos musicais específicos – através dos quais transmitiam mensagens, expressavam uma gama de sentimentos e protegiam e acionavam poderes mágicos propiciatórios. (LUCAS, 2005, p.57)

Não só pelo papel conscientizador da linguagem e cultura quilombola, tampouco pelo dever em difundir a sabedoria ao modo identitário de cada quilombo, compreendo que a escola quilombola - Governador Valadares/Ubá - também cumpre um dever social voltado a reduzir a criminalidade na região. Luiza me contou que antes desta escola se tornar quilombola a criminalidade nas redondezas era alta e por isso o policiamento tinha que ser cada vez mais intensivo. Ela expressou isso dizendo que parecia uma guerra sem fim que se alimentava da inocência de crianças e adolescentes que, necessitados de bens materiais básicos, caíam nas ciladas de pessoas mal-intencionadas arriscando a sua vida e de seus próximos. Atualmente estas crianças e adolescentes podem experimentar uma nova realidade social que enseja sensibilização e valorização da identidade da comunidade de que fazem parte. Quanto aos cuidados com essa faixa etária, Luiza segue dizendo

---

<sup>118</sup> Ao ver alguns manuscritos de Luiza, tive acesso a inúmeros vocabulários quilombola, ocasião em que alguns serão dispostos nesta pesquisa.

(...) Chega uma pessoa e a criança, cansada de ficar sozinha, quer conversar com os pais e eles estão cansados. Fazem a comida, deita na cama e pronto. - *Ah, mãe! Quero conversar com você.* - *Você fala demais! Daqui a pouco eu falo com você.* Quando é daqui a pouco está indo para o serviço. E aí as “pessoas mal-intencionadas” aproveita. Vai ali pra mim que eu vou te dar um doce. Pera aí que eu vou te dar 5 reais. Você quer ganhar 10? Leva isso pra mim lá. Você tem celular? Leva lá pra mim que eu vou te dar um celular.

Vai ver que o celular é até básico, mas ele aceita. Porque a sociedade está fazendo ele fazer coisa errada. Não tem condições de uma criança sobreviver sem os olhares dos pais. Os pais têm que fazer o acompanhamento.

Quando procura demais ele entra nas drogas. Antes, ocorre uma limpeza cerebral. Ninguém entra nas drogas sem pensar ou calcular. Aquela vida lá fora, ele quer de qualquer maneira. O amor pela família e ao ser humano, ele mata. No dia a dia ele se mata primeiro. Ele mata o espírito que ele nasceu, a educação que ele teve e vai se transformando.

É você acha que ele não sofre? Ele sofre muito! Aos poucos ele está matando aquilo que Deus deu e aquela educação que ele teve. Ele mata primeiro a mãe, depois o pai, depois ele mata o ser humano. Por que ele faz isso? (...) É um processo... A droga é um processo que entra na cabeça dos jovens. Ele não tem amor mais a ninguém. Quem fez ele fazer isso? A sociedade ao mostrar coisas que ele não tem condições (...) obrigando a ter.

Quando pensa que não, ele fala. - *Oh meu jeito é esse.* Ele se torna um ser humano sem amor. Porque conseguiu matar o amor pelo pai, pela mãe, pelo irmão. E matou o amor mais difícil, matou o amor por ele mesmo.

Deve-se pensar o porquê que a pessoa entra nessa vida. Não é porque ele quer!

Ele se mata vivo! Quando ele consegue matar todas as pessoas que ele ama. Ele já não ama mais. Nem a si próprio! Se ele morrer hoje. Pra ele faz dois dias. Nem amor a ele (...) tem mais.

A sociedade fez ele fazer isso pra ter benefício, como computador, televisão... E ele quer ter tudo! Então ele não tem medo de morrer. Ele não tem medo de nada! Mas é um processo. Um processo de escravizar e conseguir matar as pessoas que ele conseguiu amar.

Não podemos criticar... Porque os monstros que surgiram foi a gente quem fez!<sup>119</sup>

Como já percebido Luiza, mulher, negra, quilombola, chefe de terreiro umbandista, presidente da associação quilombola Namastê concentra suas atribuições de liderança também na educação dos quilombolas de sua comunidade através do fornecimento de declaração que atesta condições do servidor público que pode ser designado a atuar na escola quilombola - Governador Valadares. Trata-se de importante formalidade que permite garantir a voz da comunidade dentro de um ambiente legitimado a fazer valer os seus saberes e oportunidades. Percebi que o trabalho duro de Luiza e dos funcionários da escola já faz prosperar resultados visíveis e favoráveis à comunidade. Muitos alunos puderam acessar o ensino superior e agora possuem a possibilidade de reverter seus conhecimentos à comunidade, ajudando, necessariamente, na manutenção da sabedoria tradicional da qual tiveram origem. Claro que, considerando uma escola especializada com poucos anos de existência, muito ainda está por fazer, principalmente, quanto a conscientização afeta às práticas de professores a respeito da melhor forma de lecionar os saberes identitários das comunidades quilombolas da região<sup>120</sup>. Ainda sim, ter um espaço de desenvolvimento voltado à educação especializada é um caminho certo de potencialidade de saberes tradicionais em que pode haver atuação de funcionários da própria comunidade de forma

---

<sup>119</sup> Transcrição de falas durante a qualificação de mestrado em novembro de 2019.

<sup>120</sup> Pela condição de escola especializada acredito que o ensino deva ser pensado sob a ótica dos saberes quilombolas, o que exige constantes e infundáveis discussões sobre as suas razões empíricas de transmissão de conteúdos sob risco de se reproduzir como valor um sistema de letramento e conhecimentos de predominância “colonizadora” que, além de violentar a cultura dessas comunidades, não faria jus a um ensino especializado.

a fazer notar uma realidade de vida melhor inclinada para um futuro com menos desigualdade social.

## **QUEM TEM FÉ TEM TUDO...QUEM NÃO TEM FÉ NÃO TEM NADA<sup>121</sup>**

17 de agosto de 2019. Dia de comemoração aos Pretos e Pretas Velhas. Os quilombolas e participantes do festejo, já dentro do terreiro, alguns, à sua maneira, saúdam o altar sagrado em sinal de respeito a cada imagem que ali se encontra. As velas já estão acessas e postas em lugares planejados de modo a fornecerem a iluminação adequada ao ambiente. Entre os vários convidados estavam servidores e professores da escola Quilombola – Governador Valadares - e um amigo de Juiz de Fora/MG - José Laércio Manoel<sup>122</sup>- acompanhado de sua esposa e psicóloga Rita Cristina Brilhante da Rocha. A festa tratada como - Saudação aos Pretos e Pretas Velhas - concentrou momentos de palestra na escola quilombola Governador Valadares/Ubá<sup>123</sup>, jantar gratuito na casa de Luiza<sup>124</sup> e pronunciamento da Sacerdotisa sobre as questões que envolvem a umbanda. As falas de Luiza e o momento que isso ia acontecer foram comandados por sua intuição, situação em que Caxambu<sup>125</sup> sentiu a minha falta e me chamou para prestigiá-la. Logo,

---

<sup>121</sup> Ponto de Preto Velho. Título dado a um filme sobre o cotidiano do Quilombo elaborado em 2020 durante esta pesquisa. As falas de Luiza que serão apresentadas nesta parte da pesquisa são extraídas diretamente do documentário que acompanhará este trabalho. Link de acesso ao documentário: <https://drive.google.com/file/d/1lw9HfN8hZvxV2HEvkeY6qLXBJ3jGjfkI/view?usp=sharing>

<sup>122</sup> Laércio, ou como Luiza o chama – Lálá - é uma pessoa especial que, através de seus amigos, conseguiu ajudar o quilombo em uma tentativa de coerção intencionada a validar carta de pessoa não quilombola Namastê que pretendia atuar em cargo designado em escola quilombola.

<sup>123</sup> Luiza e eu proferimos juntos a palestra com o tema “A conscientização da Cultura Quilombola” na escola quilombola Governador Valadares dentro da programação – Mestres dos Saberes da Cultura Afro Brasileira no dia 17 de agosto de 2019. Fui convidado pela sacerdotisa a estar do lado dela durante a palestra para abordar assuntos relacionados aos quilombolas.

<sup>124</sup> Tivemos feijoada, mandioca frita, arroz, farofa, couve e muitas outras comidas que seriam típicas dos Pretos Velhos quando viveram na terra. O fogão à lenha garantiu agilidade nos preparos e sabor dos alimentos, mesmo assim, Luiza começou a preparar tudo um dia antes a partir das 6 horas da manhã. Embora tenha deixado para cozinhar o feijão preto que seria o prato principal do festejo (Feijoada) – no dia programado para o jantar, Luiza foi surpreendida pela notícia de Marlon que disse que tudo havia azedado. Sem poder operar a cozinha por estar em palestra e, demonstrar desespero, Luiza comentou comigo que faz essa festa há anos e isso nunca aconteceu. Assim, lá se foi mais de 4 horas cozinhando litros e mais litros de feijão, entretanto, de maneira impressionante, tudo já estava cozido novamente e pronto para ser servido no horário programado para a festa.

<sup>125</sup> Mestre do Candomblé na cidade de Juiz de Fora. Nos encontramos na casa da Matriarca para participar das saudações aos Pretos Velhos.

quando Caxambu e eu nos encontramos na porta do terreiro a Mestra começou a contar um pouco sobre a umbanda, os guias espirituais e o povo umbandista. Sobre suas falas

Ninguém sabe o porquê que existe os Exus? É uma proteção contra o medo que as pessoas têm. Ele carrega as maldades. É difícil você saber de umbandistas que foi atacado por faca ou tiro. Por quê? Nós damos o sangue de animais pra não sermos atacados e destruídos. Nós sabemos que somos perseguidos... somos caçados como bicho. Por isso nós temos que nos proteger. E como nos protegemos? Damos atuação para eles [os Guias] nos proteger. Pra eles nos suprir: Da fome, da peste e da guerra.

Como já anunciado pelo subtítulo desta parte, o ponto cantado “Quem tem fé tem tudo” conecta Luiza a memórias e modos de vivência quilombola elaborados por emoções bem profundas e sensíveis. Trata-se de um canto que procura demonstrar o verdadeiro valor da vida ensinando e orientando sobre humildade. Percebo que isso é traduzido para o local reservado ao sagrado, pois o lado externo do terreiro é marcado por uma construção despida de aparatos luxuosos; o reboco e a pintura de cor branca, as janelas de madeira com dois compartimentos de abertura, as vigas de madeira que seguram a armação do telhado com telhas de amianto, além da casa de adobe e tijolos onde mora Luiza possuem, a meu ver, o propósito espiritual de valorização do que realmente importa para a sobrevivência, a saber: presença religiosa que livra a comunidade “da fome, da peste e da guerra”. Entendo, a partir disso, que alguns pontos cantados no quilombo podem informar vivências e o modo de caminhada espiritual, o que, de pronto, se percebe do canto “Quem tem fé, tem tudo!”

### 3- Ponto Cantado: Quem tem Fé

*Preto Velho está cansado de tanto trabalhar/ Preto Velho está cansado de tanto curimbá Firma ponto risca pamba/É longa a caminhada /Quem tem fé tem tudo/ Quem não tem fé não tem nada*

Link:<https://drive.google.com/file/d/15J2oOUMC6UIPkSb-K1h5wFE6v6P4U2nJ/view?usp=sharing>

Quando tive oportunidade de ouvir e registrar Luiza entoando esse canto, ela estava sentada em seu lugar preferido - um sofá de dois lugares onde podia recostar confortavelmente as costas, esticar as pernas e se manter sempre ao lado um cinzeiro. Apreciando seu fumo de rolo, braços erguidos na altura do rosto, externalizou a frase soltando aquele sorriso avivado por sua voz forte: “Preto Velho tá cansado rapaz (...)”. Notei que ela também se incluía no cansaço que sentia dos Pretos Velhos quando disse “Nega veia tá cansada.” Acrescentei dizendo que eles não podem parar de trabalhar senão como vai ser?! A Mestra então completou:

Os Pretos Velhos são as almas. (...) os espíritos das almas. As almas santas que sofreram muito e tiveram oportunidade de conhecer o lado bom do pai eterno, do bom divino Espírito Santo. O que eles nunca tiveram, estão trazendo pra gente: paz, tolerância, tranquilidade, não desesperar com nada, (...), conselho, cura para os enfermos. Ensinam sobre as ervas, simpatia, oração (...). Ensinando o filho a caminhar na terra!

Do silêncio que vem depois de sua fala se estimula em mim um momento reflexivo para compreender com profundidade o que foi dito por Luiza. Estou ali bem próximo dela com uma câmera em mãos para registrar de forma livre e desprendida o que vier de sabedoria quilombola. Não demora muito para que surjam vários assuntos, como: o índio e o rapé; manuseio da folha de jaborandi; comunidade típica dos quilombolas; adoecimento do ser humano; (...)

Sabe o porquê os Pretos Velhos fumavam cachimbo? Era através da fumaça que eles faziam imagens, (...) entendia seus pensamentos, recebia boas mensagens... tirava aquela cabeça do cativeiro. Senão eles ficavam doidos de ver tanta maldade (...) O cachimbo era uma distração. Cada um procurava se distrair com aquilo que achava bom. Um ia pra palha, outro cachimbo, outro mascava fumo, outro ia cheirar rapé. (...)

Rapé é uma coisa muito antiga, (...) trazida pelos indígenas e os pretos velhos usavam. Quando ‘panhavam’ muito friagem e ficavam com o peito cheio (...), eles cheiravam o rapé pra soltar o resfriado

pra fora. Eles (índios) não tinham esse negócio de ficar gripado. Estavam sempre cheirando rapé, muitas vezes mascando fumo. Eles não tinham problema de dentista... não sentiam dor de dente porque tinham jaborandi pra comer. (...) quando eu era pequena já comi muito jaborandi. Quando nós íamos no mato buscar lenha e não tinha água, minha avó dava a gente um pedaço... Sua boca enche de água. (...) Ele puxa a água do organismo pra boca ressecada. E é bom pros dentes.

Quando à festa de saudação aos Pretos e Pretas Velhas, panelas e mais panelas para cozinhar carnes e feijão, uma grande bacia pra receber os alimentos prontos e o fogão a lenha trabalhando junto com o fogão a gás, a Mestra trouxe muitas considerações:

(...) Ficou faltando a festa de Preto Velho. Com a morte do meu pai eu não pude fazer...

(...) Estou fazendo uma saudação aos Pretos Velhos com a comida típica da época. Você não pode ficar colocando costelinha, outros tipos de carnes... Nada disso! É aquilo que eles comiam na época. (...) Tudo que o fazendeiro recusa comer, eles aproveitavam. Cabeça de boi, orelha de boi, fucinho, rabada, torresmo, pé de porco... Eles (fazendeiros) mandavam pra fazer sabão. (...) Que sabão nada! A fome era negra! O milho que era usado para fazer fubá, eles (negros) aproveitavam os pedacinhos quebrados na máquina, virou canjiquinha. O Branco come muita coisa que era de negro e não sabe. (...) Eles não querem saber de nós, mas come tudo que é nosso!

Além do conhecimento sobre as ervas, comida típica, história e atuação dos Pretos Velhos a Mestra me contou também sobre as terras e alimentação quilombola pontuando ainda sobre as doenças que tem assolado o ser humano.

(...) Terra de perder de vista. (...) Quando eu era pequena ia lá com minha Vó. A família dela morou naquelas terras, escondidos no meio do mato. Era uma roça que tinha muito milho, café, arroz... acabou tudo! (...) Eu como porque não tem outra coisa pra comer. Mas eu procuro ao máximo não comer o que eles plantam (...) antes o tomate era até adocicado, polvilhado. Hoje em dia você pega o tomate, tá aquela coisa dura, azeda. O tomate não era assim. Você comia a laranja sentia outro sabor, a melancia não era igual hoje. Nada dessas coisas pra mim tem gosto porque eu comi coisa boa. (...) e não era vendido, era dado. Ninguém fazia questão. Tudo era dado ou trocado. Hoje em dia a coisa se tornou cara e uma porcaria! Quando você levanta da cama, já começa a comer coisa ruim. (...) Você vai lavar o rosto, tem química. Vai tomar água, tem química. Vai tomar um café, tem química. (...) Você não tem saída. E com isso você vai matando os seus anticorpos, com isso vem tudo quanto é doença. (...)

Antigamente ninguém falava em doença ruim não. Todo mundo 'desconjurava', cr'em Deus Padre. Fulano tá com cr'em Deus Padre. Se alguém falasse algum outro tipo de doença a pessoa cuspi desconjurando. Minha Vó então falava - não pode falar esses nomes de doença que lastra. Não pode batizar não! Não batiza com nome a doença que lastra. (...) Essa doença que tem hoje, o câncer - cr'em Deus Padre, Glória das Virgem! Ninguém fala o nome dessa doença. Ah, fulano morreu... Morreu de cr'em Deus Padre (...) Eles acham bonito falar nome de doença ruim. Quando eu ouço eu falo Cr'em Deus Padre, Glória das Virgens, Três vezes em credo. E foi assim que minha vó me ensinou. Essas coisas a gente não fala, desconjura. Põe o nome de Maria, põe o nome de Jesus, põe o nome do Divino Espírito Santo e tá cortado aquela doença na sua família. Pra você matar uma doença que está matando a população ela tem que ser desconjurada e não glorificada (...).

Percebo que Luiza demonstra que a fala pode ser carregada de intenções que atraem tanto energias positivas quanto negativas. Vejo a partir disso um modo de agenciamento sonoro

percebido pelas escolhas das palavras ditas uma capacidade de afastar os males que provocariam doenças. Compreendo que o ato de desconjurar<sup>126</sup> a doença atribuindo denominação de termos religiosos orienta uma proposição energética controlada especificamente pelas intenções da pessoa, ocasião em que esta poderá atrair ou afastar o que lhe faz mal.

Pude perceber que na semana de saudação aos Pretos Velhos as memórias mais valiosas sobre a ancestralidade de Luiza foram afloradas. Sobre um encontro de descendentes de escravizados na cidade de Contagem/MG realizado pela EMATER e financiado pelo governo, ele recordou

Meu pai morreu com 110 anos. Ele não era daqui não [Ubá]. Minha mãe também foi descendente de escravo. A vó dela, mãe dela e os tataravós, bisavós foram criados nesse bairro aqui [Bairro da Luz] e eram escravos na fazenda liberdade. (...) Graças a Deus nós conseguimos comprar isso aqui (casa quilombola) com papel e tudo. (...) Em uma pesquisa que um colega meu fez no cartório de Ubá, aqui em Ubá teve cerca de 3400 escravos. (...) Quando foi dada a carta de alforria, os fazendeiros não quiseram desfazer não... Como viram que aqui tinha muita terra, começaram a mandar os negros pra cá [Ubá] pra eles trabalharem de graça. Aqui era um lugar que não tinha lei, não tinha polícia... Só tinha os índios e escravos com índios sempre se deram bem! Viviam a mesma luta, a luta sobre a terra. Não era terra pra vender não, a terra pra eles era pra sobrevivência. Tinha um evento que a gente foi convidado. [Evento da EMATER] Minha mãe falou: Oh Luiza, como você é muito curiosa, vai lá ver o que é isso? Vai que a gente registra o centro. Meu sonho é registrar o centro. (...) Quando nós chegamos lá (...) só chegava ônibus. Chegou uns 30 ônibus só de negros. Quando eu olhei pra todo mundo, eu

---

<sup>126</sup> Compreendo que o ato de desconjurar, além de ser visto como um termo advindo da experiência religiosa que procura evitar identificar as doenças para que o mal não se expanda, também demonstra que a atuação de energias negativas pode ocorrer conforme a permissão do indivíduo, levando-o, por conseguinte, a ser acometido desse mal. Nesse passo, o acometimento de pode também estar relacionado a questões não materiais/carnais, cabendo, no presente caso, procedimentos de cura conduzidos por conhecedores de práticas religiosas que poderiam solucionar o problema através do acesso ao plano espiritual.

senti como se estivesse em casa. Eu não senti falta. Parecia que eu já tinha visto aquelas pessoas em sonho. Gente..., meu povo! Minha raça! Quantos anos que a gente não se encontra?! Na minha cabeça eu pensei... Quantos anos que eu não encontro com meus antepassados?! Com minha gente, com meu povo?! Era tudo gente aqui do redor. (...) Quando eu cheguei lá eu fiquei boba. Eu já vi aquela gente no sonho. Olha pra um negro não era desconhecido, olhava pra outro não era desconhecido. - Esse negro parece comigo, essa negra parece comigo. [Disse Caxambu<sup>127</sup> que também participava da nossa conversa.] Quando juntou todo mundo lá. Ah, menino! Mas foi um batuque... Um batuque, mas daquele ferrado! Um canta, outro roda a sai... A mesma coisa de uma senzala.

Foi no evento da EMATER que Luiza, ao contar a sua história de vida, soube sobre a sua condição de quilombola e a formalidade da autodefinição ao conversar com uma autoridade pública que estava no local.

O quê que é isso? [Autodefinição] Ele me explicou que eram um documento (...) Isso é coisa de comer ou de beber. [Disse Caxambu sobre o documento] Vocês tão falando outra língua pra mim... O que for do meu povo, eu sabia, mas dessas coisas de doutores...Eles me perguntaram sobre o centro... Eu disse que o centro na minha casa tem na base de 210 anos. É desde a senzala! Minha avó e minha mãe contaram que ele começou através de um problema [na] pior Fazenda [Fazenda Liberdade/Ubá-MG] (onde) chegavam a matar negro pra fazer medo no outro. À toa!

A palestra sobre "A conscientização da Cultura Quilombola" na escola quilombola Governador Valadares em Ubá/MG foi também um dos momentos mais enriquecedores do dia de festejo. Depois do cafezinho da manhã Maria Luiza e eu conversamos um pouco sobre o meio

---

<sup>127</sup> O Sacerdote Caxambu é médium praticante da religião Candomblé. Veio da cidade de Juiz de Fora para participar da festa de saudação aos Pretos Velhos.

roteiro de fala, e ela, bem descontraída, me disse “Isso mesmo... tá fazendo direitinho! Fez a pauta e tudo. Me disseram que eu preciso de pauta também... a Dani<sup>128</sup> vai fazer; mas eu não preciso disso não... que mané pauta que nada!”<sup>129</sup>

Com a palestra agendada às 8 horas da manhã tivemos alguns contratempos para chegar no horário. Marlon preparou o carro, mas já anunciou que o veículo é um pouco antigo e faz pirraça para pegar, ainda mais de manhã! Empurramos para lá e para cá e nada do carro ligar, mas isso não seria algo para se preocupar, pois, como disse Marlon, ia dar certo! A última tentativa foi deixar o carro descer a rua da casa de Luiza – R: José Lourenço da Silva. Pronto! O carro desceu e sumiu de nossas vistas. Ficamos apreensivos porque não daria pra voltar com o carro desligado já que a descida é forte e a rua comprida! Alguns minutos de espera... Lá vem Marlon... Entramos depressa no carro para ele não desligar e porque estávamos atrasados. No caminho, Marlon nos descontraiu dizendo: “Eu falei. Sete e meia?! De carro?! Tem que esperar esquentar um cadin... [dando gargalhadas] Aquele dia a Senhora deu sorte de ligar (...) Aquele dia que a senhora foi fazer exame. A Senhora deu foi muita sorte!”<sup>130</sup> Chegando na escola avistamos um calçamento de paralelepípedo recente diferente da rua de terra que vi quando fui lá pela primeira vez em 2018. Sobre isso, Luiza acrescentou “(...) aqui era uma buracada... uma ‘lixaiada’. Nossa Senhora!” Iniciada a palestra a Mestra fez, entre outras, várias considerações:

Preciso do apoio de todos os professores. Pra saber como vai ficar com os nossos meninos que vem pra fazer uma pesquisa de campo. (...) Peço a vocês que estão trabalhando na escola que façam um esforço pra entender o quê que é quilombo. Quais são os nossos objetivos, quais são os nossos trabalhos. O meu trabalho pelo menos é um trabalho de conscientização. Eu quero que todos ficam sabendo o que é realmente um quilombo. Como ele surgiu, de onde ele veio... E o quê que nós fazemos (...). Nós trabalhamos com a intenção de ajudar as pessoas mais carentes. Como crianças que não têm como pagar a escola, uma universidade ou faculdade.

---

<sup>128</sup> Daniela é quilombola que atua na parte administrativa da escola Governador Valadares.

<sup>129</sup> Anotações realizadas em 2019.

<sup>130</sup> *Idem.*

Então eu trabalhei bastante. Enfrentei muita dificuldade para conseguir passar essa escola para o governo federal. Então não foi fácil a minha luta! Então, eu espero que vocês também façam a sua parte. Que é trabalhar em conjunto para fazer os projetos. Tem muito projeto para escola quilombola. (...) Nós temos aqui o período integral que é uma coisa muito importante para as crianças.

Conto com a ajuda de vocês pra começar a entender o que é quilombo. E o que é uma escola quilombola? A escola quilombo é um lugar onde as crianças têm mais oportunidade (...). As portas estão abertas para todas as crianças quilombolas.

Foi um trabalho feito com muita luta. Muita dificuldade mesmo! Não foi mole! Gastei muito dinheiro pra conseguir fazer toda a documentação. Não peguei dinheiro de ninguém. Então falei... Se não der certo eu não vou estar prejudicando ninguém. Eu mesma, com meu trabalho, vendendo meus doces, meu crochê, meus artesanatos (...). Passei fome, frio(...). Todo mundo acha que é apenas entrar na escola... Não é! Sabe trabalhar, sabe o quê que é quilombo?! Como surgiu? como foi feito? (...)

Então, o momento é esse!

### **"OXALÁ TE PROTEJA E TE ALUMIA, TE DÊ FORÇA": feitura da benção**

A mediunidade, os guias e seus mensageiros; o manuseio de ervas; o ambiente sagrado a humildade, a fé e devoção religiosa; a transmissão de saberes e o *modus de fazer* são eventos que traduzem as peculiaridades de uma umbanda nas terras quilombola Namastê. Considerando ainda o *modo de fazer*, visto aqui como um aspecto mais importante para notar o acesso espiritual e então os cantos da comunidade, percebo a feitura da benção vinda de Luiza como mecanismo demonstrativo da vivência quilombola e religiosa.

"Oxalá te proteja e te alumia, te dê força", são as saudações de fraternidade e apreciação que Luiza transmite aos mais próximos. Por um delivramento sobre esse movimento de benevolência imagino que aqui poderia impingir o afastamento de ameaças que acompanham a

matéria provinda daquele que se aproxima. Para aqueles mais distantes e desconhecidos a proteção é suplicada a Oxalá por uma oração que se concentra em todos e no planeta, afinal querer o bem de tudo e todos seria o único caminho se aproximar do bem. E sobre a exuberante imagem de Oxalá no centro espírita Caboclo Pena Branca, a Mestra me disse “O olhar de Oxalá é seguidor, ele te acompanha em qualquer direção. Se precisar de ajuda, concentre-se nele e verá seu rosto em seus pensamentos.”<sup>131</sup>

Luiza, com sua voz grave audível e potente, imprime no primeiro instante de som a firmeza e a verdade de quem não duvida de sua força enquanto afrodescendente, de família negra e descendente de escravizados. Sempre observadora ela não se aproxima facilmente de desconhecidos. Me disse que não os quer mal, apenas precisa de um tempo para compreender as vibrações espirituais que estão por vir, pois não pode ‘abrir a guarda’!<sup>132</sup> Logo, ao se aproximar ou se despedir, abençoa, podendo dizer “Oxalá te proteja”! A sutileza do encontro e de sua despedida está na nuance dos sons de cada palavra e não na frase que se repete. “Oxalá te proteja” representa um gesto que pode ser compreendido no primeiro contato como "nós te acolhemos". “Oxalá te proteja” ao despedir, "te queremos verdadeiramente bem, siga protegido". Mas o ato verbal de proferir a benção não vem em qualquer momento e tão pouco diante de todos. Ele acontece em discrição, com intervalos e ocorrências até mesmo imprevisíveis, pois o ideal é sentir quando se é abençoado já que assim também seria percebido os preceitos da umbanda. Em timbre vocal naturalmente escuro, Luiza moldura frases que contam histórias, apresentam a espiritualidade e transmite sabedoria de maneira loquaz sem se apegar às elaborações extensivas textuais que fazem uso de palavras requintadas ou eruditas. A sua expressividade comunicativa está na maneira natural de se comportar, no caminhar lento, na posição escolhida levemente inclinada para esquerda quando está à vontade em seu sofá preferido, no silêncio que explica o que foi dito, na confiança que sente sobre a força que carrega e nas espontâneas gargalhadas que nos envolve em cada momento de conversa.

---

<sup>131</sup> Anotações realizadas no caderno de campo em 2018.

<sup>132</sup> Esta expressão que ouvi da sacerdotisa informa uma constante vigilância do médium quanto às energias que absorve. Nesse sentido, justifica-se a realização de orações, banhos com ervas, contexto de entoação de cânticos, oferendas, trabalhos espirituais no terreiro e em lugares orientados pelos guias entre outras tarefas que afastam os maus espíritos.

Não perco de vista que nas religiões de matriz afro, principalmente na Umbanda, atribuir benção ao próximo é ato não tão raro, mas, aqui, a importância dessa transmissão de afeto não está na prática rotineira e aparentemente igual entre culturas. Entendo que o modo de abençoar é peculiar de cada pessoa e do momento de ocorrência de maneira a evidenciar intensões e sentidos diferentes. Me atendo à Luiza faço menção ao jeito desconfiado de aproximar, de um olhar que sempre procura o contato com a terra, das hesitações da fala que se alimenta das intuições, das sensações mediúnicas que a colocam em conversa cotidiana com os guias espirituais; falo do jeito de se sentar mantendo os ombros erguidos talvez reflexo do descanso dos braços sobre as pernas durante horas sentadas em um pequeno tamborete na sessão espiritual, da musculatura próxima aos olhos levemente puxada para fora enquanto símbolo natural de seriedade sobre o que faz e acredita, dos pés que tocam plenamente o chão expressando conexão máxima com a terra e ainda da forma robusta das mãos e pés que esbanjam a força do trabalho; falo da vocação em acolher aqueles que são diferentes e da cor preta que anuncia sua raiz firmando a virtude de uma tradição que vem de tempos longínquos. Por tudo isso, uma fala e uma benção - “Oxalá te proteja” – capaz demonstrar o que Luiza está a transmitir ao outro.

Ao final da primeira sessão que assisti no quilombo, Luiza veio em minha direção e no decorrer dessa aproximação parecia que já nos conhecíamos. Não recebi prontamente a pronúncia verbal e audível que informa a benção apresentada aqui. Próximos uns aos outros senti que sua face transmitia pouca percepção da minha presença, que de forma alguma representou um tratamento grosseiro, apenas nenhuma emoção se animou com evidência. Para mim, uma indagação: Quem é esta pessoa que demonstra tanta humildade? Não vi vestimentas de cortes e panos refinados, nem acessórios simbólicos que forcem a percepção de qualquer pessoa a identificar de imediato se aquele religioso é adepto a qualquer religião de matriz africana ou afro brasileira. Ela apenas trazia consigo uma cor preta e traços arredondados em sua face que por si só me revelaram origens e, a partir disso, sabedoria tradicional. Confesso que em instantes acredito que senti a benção de Oxalá talvez por estar diante de sua imagem no terreiro e próximo a uma chefe escolhida pela espiritualidade, mas, isso ainda não veio da fala de Luiza.

Não nego que manifestei, por menor que seja, ansiedade em tentar satisfazer minha curiosidade de pesquisador sobre quais “sons musicais”<sup>133</sup> este quilombo produz, talvez em razão de alguma insegurança quanto ao que acontecerá em cada encontro e como seriam as minhas observações, registros e constatações a respeito dos eventos sonoros que fossem surgindo. Digo sobre aqueles cantos que estão por vir, versos musicais a compreender, performances não costumeiras a desvendar e um novo vínculo social que pode me escapar para sempre se eu não aproveitar cada instante com a Mestra. Entretanto, me senti travado para realizar qualquer preparativo de pesquisa quando, então, ela me direcionou a benção dizendo "Oxalá te proteja e te alumia, te dê força". Logo, outra questão me surgiu: O que está por trás dessa sonoridade costumeira dos sons das palavras que tanto me chamaram a atenção? Pelo que escutei parece que há elementos sonoros vocais que, por fusão, determinam uma identidade própria fazendo transbordar em mim boas sensações talvez pela razão de ser agora abençoado.

Ao controlar a ansiedade de pesquisador entendi que uma pesquisa baseada nas surpresas dos conhecimentos revelaria muito mais sobre a comunidade de Luiza. Mesmo consciente que se tratava de um primeiro encontro sem qualquer programação de pesquisa eu era incomodado pela necessidade de escolher previamente um bom registro que ajudasse a recolher conhecimentos sem perdê-los nos lapsos de memória. Então, logo esse conflito entre pesquisa e método de registro foi interrompido pela frase "Oxalá te proteja e te alumia, te dê força". Senti, nesse momento, que estava diante das capacidades indescritíveis da observação direta em que Pierre Clastres (1995) assim apresenta

Pois é frequentemente sob a inocência de gesto semi-esboçado, de uma palavra subitamente dita, que se dissimula a singularidade fugitiva do sentido, que se abriga a luz onde todo o resto se aviva. (PIERRE CLASTRES, 1995. P.11)

A benção recitada por Luiza se vê recepcionada pelos objetivos da comunidade, não significando uma prática de apenas um indivíduo, mas um propósito de transmissão coletiva de

---

<sup>133</sup> Prezando por uma pesquisa inicialmente livre, sem preocupação com demasiados registros, me via como um pesquisador amarrado a parâmetros musicais aos quais estudei por anos, ou seja, focados na produção e leitura de partitura e a concepção do “belo musical” apoiado nas ferramentas eurocêntricas de produção desta arte. Entretanto, as orientações sobre a pesquisa e reflexões contínuas do método etnográfico me ajudaram a galgar caminhos diferentes de percepção dos eventos sonoros trazidos para este trabalho que, ainda de forma limitada dado ao meu tempo de pesquisador, seguiu um rumo completamente diferente daquele que antes eu entenderia ser o melhor.

valores que assume um propósito social alimentado por existência, esperança, luta e acolhimento dos necessitados. O ato de abençoar que notei de Luiza possui singularidades que lhe atribuem um caráter próprio sendo, por isso, importante tentar materializá-lo pela escrita nessa parte da pesquisa. Uns podem reduzi-lo a um hábito rotineiro e comum entre os adeptos das práticas das religiões de cunho africano ou afro brasileiro; outros podem interpretar como aspectos construídos pela ideia de sincretismo religioso, tirando de Luiza a autoria de um rito que se faz único pelo modo de transmissão e verdade própria vinda daquilo que ela acredita. Em minha experiência e sensações sobrevindas no instante da aproximação com a Mestra, ainda pelo fato de não ser praticante da religião Umbandista, digo, com certeza, que não se trata de uma expressão de sentido devocional facilmente materializável. Por isso, ao perceber que a benção se trata de um atributo de experiência próprio para cada receptor, creio que o melhor caminho para a sua materialização foi prescindir do meu campo de pesquisa na tentativa de demonstrar um pouco da potência desse gesto.

Ao final da sessão espiritual Luiza e eu estamos caminhando ao encontro um do outro, levemente sinto meus braços tremerem, a mente projeta inúmeros pensamentos que se sobrepõem sem qualquer ciclo de finalização, o olhar não tem direção e, por mais que eu insista, não quer se fixar a um ponto tranquilizador qualquer do salão, a musculatura da fala tem pequenas falhas não emitindo os sons e coerências adequados à perfeita comunicação. Então apenas traduzo esses acontecimentos aparentemente involuntários como nervosismo e ansiedade. Ora, e eu não deveria estar melhor com essas definições? Será que a normalidade voltará quando se for a apreensão em conhecer o que é aparentemente diverso? E quando depois no limite da aproximação com a Sacerdotisa, depois de alguns instantes, ela disse "Oxalá te proteja", sinto que tudo atribuído aqui à ansiedade ou nervosismo se esvai. Logo entendo que não há que se padronizar dessa benção um sentido único. Talvez em outras comunidades religiosas a frase que escutei pode representar despedida em que há desejo de partida em segurança e com a proteção do divino. Mas aqui, estaria a eficácia do abençoar relacionada a quem é abençoado? Existiria um movimento coletivo e individual da transmissão da bênção? Nessa oportunidade de experiência prática, não conseguia desenvolver o raciocínio que explicava a significação dessa frase também por um conhecimento generalizante explicativo e generalizável dentro da noção das influências, similitudes ou fusões religiosas. Apenas me sinto mais leve, sem aquela apreensão difícil de controlar. O curioso que isso passou tão subitamente e com um único gesto abençoador. Decerto, a fala e a presença de

Luiza se estabeleceram em uma capacidade potencial de alterar o meu aspecto sensorial emocional.

O terreiro enquanto local em que a benção foi a mim dirigida e a atividade religiosa que ali se acabara estabelecendo significativa influência na feitura em que descrevo. Eu ainda estava rodeado de participantes da sessão espiritual e Luiza, para vir ao meu encontro, saiu do lugar de condução e liderança geralmente próximo aos instrumentos sagrados e ao lado da médium Bastianinha. Nos poucos momentos que fixava meu olhar vi que a Mestra trazia em seus passos a imagem de uma pessoa que transcende força.<sup>134</sup> A sacerdotisa usava uma saia rodada e a cor branca se destacava em todas as suas vestimentas e se levantou de um pequeno banco de madeira feito aparentemente ao modo artesanal. Um pequeno altar acima dos instrumentos, a janela de madeira com dois compartimentos de abertura e a paisagem escura advinda da profundidade de um terreno cheio de árvores, compuseram o cenário da nossa aproximação. Nos encontramos no centro do terreiro, frente ao altar principal ainda iluminado por luzes de velas acesas antes da sessão e uma iluminação singela de duas lâmpadas incandescentes. Eu notava que os olhares vindos de alguns participantes pareciam transmitir a curiosidade sobre quem seria aquela pessoa agora junto à Luiza. Tudo o que eu queria no momento era prever os imprevistos desse encontro e saber o que fazer e como proceder naquele momento. Em meu pensamento sobrevinha muita apreensão quanto a possibilidade de não ser aceito ou cometer algum deslize que afaste aquelas pessoas era controlável, mas preocupante. Agora estamos próximos, uma sensação diferente se instala. Seria esta a transmissão de energia que se amolda e fisga aquele em que se torna abençoado? De certo, algo mudou em meu entorno e nas minhas emoções, talvez aqui já estou diante das sensações e efeitos da benção. Sinto que há um verdadeiro ideal em desejar a proteção aos que merecem ser ancorados quando precisam. "Oxalá te proteja e te alumia, te dê força", além de proporcionar em mim uma sensação única, cumpre com o que Luiza me disse sobre os quilombolas *Namastê*

---

<sup>134</sup> Pode ser entendida aqui por dois aspectos; prevalência sobre as mais variadas dificuldades de vida e vibração energética espiritual que envolve os que aproxima. Quando se referir aos guias a força será percebida como a capacidade de irradiação e vibração bem como a potencialidade que incide sobre o fluxo de energia espiritual notado como pontos cantados.

"Nós amamos o ser humano, amamos a vida e é por isso que continuo nessa crença. Ajudar e curar as pessoas é o que me faz feliz e sentir bem. (...) Precisa ter conhecimento de nós, seres humanos; conhecimento de como plantar e como amar."<sup>135</sup>

A figura de Oxalá evidenciada na fala provedora do abençoar se assentaria no propósito de estabelecer proteção proveniente de uma energia predominante e forte frente às situações inevitáveis de dificuldades imputadas a qualquer pessoa. Esta divindade enquanto fonte central da espiritualidade deste quilombo seria a responsável pela mudança de atmosfera que senti ao me aproximar da sacerdotisa. Compreendo o aspecto da "proteção" de Oxalá como algo inerente da condição de humano, ou seja, uma condição frágil acometida de dores, aflições, angústias entre outros fatores que precisam ser afastados e blindados pela misericórdia dessa divindade superior. Pelas palavras "te alumia, te dê força" percebo que estou diante de uma sabedoria que explica sobre as obscuridades que a vida pode trazer. "Alumia" poderia se referir à manifestação dos mistérios espirituais que virão para me proteger, mas não estão no plano da minha capacidade de compreensão. Da feitura da benção de Oxalá enquanto divindade capaz de "alumiar" entendo que eu poderia ser capacitado por sabedorias provenientes da revelação de alguns mistérios que permitiriam racionalizar as minhas tristezas e alegrias, ou apenas, a resiliência necessária diante das adversidades da vida. Não basta somente conseguir ter um conhecimento aguçado ou "alumiado", em algumas ocasiões é preciso descobrir a fonte da força capaz de nos fortalecer. Portanto, observo que a feitura da benção de Oxalá percebida da fala de Luiza seria capaz de transformar a condição frágil de ser humano dotado de matéria carnal em um ser que destrói barreiras intransponíveis e não se abala em nada.

Estes três pilares da benção de Oxalá: "proteger, alumiar e fortalecer" são unidades estruturantes importantes para constituir o rito da benção ao qual fui envolvido. De modo algum significa uma escolha casual as palavras "proteger, alumiar e fortalecer" ditas por Luiza. Vejo que delas está presente a lógica que precede a razão na produção de emoções e sensações que comunicam o bem ao próximo. Algo é dito e nesse ínterim, a verdade se estabelece, a devoção se materializa, a fé personifica e a proteção divina se aviva. Tem-se então na primeira fala "Oxalá"

---

<sup>135</sup> Lembranças do pesquisador resgatadas por suas anotações realizadas em 2018.

o início do rito da feitura da bênção. Talvez por um resgate das correspondências por mim vívidas e agora trazidas à baila, a pronúncia de "Oxalá" por Luiza me trouxe a sensação de acolhimento que me deixou à vontade com ela. Seria insuficiente decifrar o sentido do rito da feitura da bênção enquanto uma despedida educada ou uma operação que precede e prepara outros ritos. Na experiência que obtive é muito mais que isso, pois se trata de um propósito que traz calma ao que está aflito, esperança ao desesperado, fortalecimento ao enfraquecido em qualquer local ou situação que se encontre a pessoa. Sinto que a sensação de ser abençoado parte de um gesto anódino que ceifa tudo aquilo que não está no lugar.

Os efeitos da feitura da bênção de forma alguma são unilaterais. Aquele que por questões de crença passa a ser capacitado a abençoar os outros também recebe proteções, mas não se perde de vista os cuidados que o seu interlocutor precisa ter. Buscando manter o propósito constante em fazer o bem Luiza se recolhe em manifestações espirituais que transbordam humildade. Não há tendências à luxúria, apenas a carregar suas lutas na perspectiva de ser feliz. Disso se anima uma simbiose entre a bênção e o abençoador que funciona de forma sincronizada e orientada pela crença em Oxalá. O resultado de anos de dedicação espiritual de Luiza é sempre repleta de uma energia potentemente propagável.

**CAPITULO**

# **3**

**O TRABALHO DA MEMÓRIA NOS  
PONTOS CANTADOS DE UMBANDA NA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA NAMASTÊ**

4- Ponto Cantado: Cantar da meia noite

*O cantar da meia noite, e é um cantar em silêncio, acorda quem tá dormindo ai meu Deus, consola quem tá doente...*<sup>136</sup>

- (...) Nega Veia se sentia sozinha e solitária, não tinha com quem desabafar. Então cantava (...)<sup>137</sup>

---

<sup>136</sup> Link: [https://drive.google.com/file/d/1xi2Vn4PXWNySZ6\\_ANMX0xyoxXD14OyF1/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1xi2Vn4PXWNySZ6_ANMX0xyoxXD14OyF1/view?usp=sharing)

<sup>137</sup> Ponto Cantado recolhido no Quilombo e transcrito por mim, com explicação de Luiza. 10 de março de 2020



Figura 17 - Atabaques do TCPB

Este capítulo se destina a tratar do trabalho da memória empreendida por Luiza em suas vivências espirituais e sedimentadas em pontos cantados de umbanda. Estes cantos impulsionam saberes provenientes dos guias espirituais, requerendo alguns cuidados: não cantar para uma entidade só na umbanda; seguir fielmente o que elas orientam na vida cotidiana; se ater ao modo de preparação e funcionamento exigidos pela sessão espiritual e a forma como os cantos são trazidos e levados pelas entidades. As vivências contadas pela Mestra ao longo deste capítulo também serão percebidas pela dinâmica entre socialização e uso dos cantos dentro das questões que envolvem a vida da comunidade quilombola Namastê.

Os pontos cantados trazidos para esta dissertação podem alcançar as mais diversas memórias aguçadas de seus eventos sonoros e da narrativa presente em seus versos. Acrescenta-se ainda as experiências de vida, a rede de saberes, os modos de agir em comunidade, a ancestralidade e, principalmente, a prática da umbanda como influenciadores da performance e construção dos cantos apresentados a mim por Luiza.

Nas palavras de Viana (2020, p. 30), redigidas a partir de uma longa pesquisa de campo na CQN-Ubá/MG

A realidade de Luiza é de uma líder espiritual e quilombola, negra, mulher, mãe, periférica e marginalizada pelo Estado. Representante viva de todo um processo de exclusão social da população negra brasileira e também da própria escravidão, uma vez que tudo que permeia sua vivência e a de sua comunidade e família, tem consequências diretas causadas pelo processo, principalmente pelo parentesco direto com uma população negra escravizada no período colonial.

Tendo em vista todas as noções que fazem parte da vida da líder quilombola, se torna perceptível a presença de noções marginalizadoras em sua vivência que estarão presentes na constituição de sua memória e assim, de seu processo identitário. (Viana, 2020:30)

A partir da leitura de Pollak (VIANA, 2020, p. 30), Viana discute em sua monografia as partes “constituintes da memória” formadas pelas vivências que cada indivíduo possui, considerando a coletividade em que se inseriu ou em que este está inserido. Nessa perspectiva, entendo que tais constituintes da memória ocorrem e se intensificam através da atualização dos cantos que Luiza traz consigo e daqueles outros que são entoados nas sessões espirituais em plena capacidade de apresentar histórias de vida e revelar práticas espirituais nos moldes da cultura quilombola. Os pontos cantados são assim capazes de elaborar suas histórias de vida, sua prática espiritual e sua história enquanto quilombola. Gonçalves (2017, p. 17) aguça o entendimento de que as historicidades das comunidades quilombolas são majoritariamente constituídas pela

oralidade que se valem de memórias. Se vê aqui a importância da oralidade que para Marieta de Moraes Ferreira *apud* Gonçalves (2017, p. 17) seria capaz de “dar voz aos excluídos, recuperar as trajetórias dos grupos dominados, tirar do esquecimento o que a história oficial sufocara durante tanto tempo”. Por conseguinte, segundo Alistair Thomsom sobre a importância da História Oral, estaríamos diante de

um poderoso instrumento para a descoberta, exploração e avaliação da natureza do processo de memória histórica - como as pessoas compreendem seu passado, como vinculam a experiência individual e seu contexto social, como o passado torna-se parte do presente, e como os indivíduos o utilizam para interpretar suas vidas e o mundo à sua volta. (ALISTAIR THOMSOM *APUD* GONÇALVES, 2017, p. 17)

Compreendo que os pontos cantados podem trazer à tona memórias que fortalecem de maneira específica e potente as conexões com o passado, explicando através de reflexões ativas<sup>138</sup> quem é Luiza. O passado, presente e futuro passariam a ser instâncias estimuladas pelas memórias, orientadas pela ordem cultural e suas práticas comemorativas, em plena manutenção da experiência de vida percebidas nos seus comportamentos cotidianos da Mestra. Captar as manifestações cotidianas que estão a construir e animar as memórias de Luiza me proporcionou, pelos pontos cantados, uma significativa noção de temporalidade e experiência histórica. Sem perder de vista o fenômeno da diáspora negra, mas limitando aprofundamentos os aspectos objetivos deste trabalho, observo que o passado ativado constantemente no cotidiano da CQN-Ubá/MG pode se conectar também ao que o Sacerdote Álvaro ( *apud* VERAS, 2015) elucida ao dizer que a "comunicação com os deuses africanos foi algo essencial para a resistência negra, no momento, escravizada e reduzida violentamente a humano objetificado, e [para a] forma de proliferação das “nações religiosas.” (ÁLVARO, 2015, P. 71).

Pude perceber das conversas que tive com Luiza, que o passado não se torna somente uma questão de escolha, ele pode saltar fora do nosso controle a qualquer momento. As memórias coletivas podem ser percebidas nesta pesquisa através do que se entende por comunidades quilombolas. Gonçalves (2017, p. 20) salienta que a memória, ao ser elemento que se efetua do presente para o passado, possibilita compreender a constituição do sentido da identidade que, no caso dos quilombolas, “abrange um processo que visa romper com as barreiras do silêncio e

---

<sup>138</sup> Entendo sobre isso aquelas reflexões que estabeleci na pesquisa de campo com Luiza e aquelas que se mantêm em encontros casuais em Belo Horizonte e contatos telefônicos. Destaca-se a partir disso inúmeras conversas com um assunto muito predominante especificamente, a saber - a vida de quilombola umbandista.

propiciar um reforço no senso de pertencimento.” Nesse passo compreendo que os pontos cantados passam a ser elementos de significação diversa e primordial dentro de uma história que, sem dúvida, vai evocar sentidos, sensações e verdades orientadas pelas vivências da CQN-Ubá/MG transmitidas por Luiza e percebidas por mim durante a pesquisa de campo.

Deste modo, o presente capítulo estará centrado nas vivências e ensinamentos que percebi de Luiza e as narrativas de alguns pontos cantados. Compreendo que tais cantos, portanto, constituem a base das memórias de um arranjo de aspectos que compõem identidade e pertencimento da CQN-Ubá/MG. Isso implicará fazer notar cerca de 11 cantos que serão mais evidenciados nesta parte da pesquisa juntamente com algumas falas de Luiza.

### **“NA UMBANDA NÃO PODE CANTAR PRA UMA ENTIDADE SÓ”<sup>139</sup>**

Os mistérios que permeiam a atividade religiosa no quilombo foram apresentados a mim por Luiza por meio das bases advindas da força dos guias espirituais e sua ancestralidade. A vivência religiosa anunciada pela mestra se vale de um contexto performático de cantos permanente e carregado de longevidade.

Até que um dia o capataz resolveu segui-los para ver o que tanto eles faziam no mato, os negros viram que estavam sendo seguidos e se esconderam, mas quando foi no outro dia o capataz pegou um dos negros e o colocou no tronco para forçar ele falar o que tanto eles faziam na mata, mas ele não falava e então davam chicotadas e para espanto dos capatazes o negro não gritava, e o sangue escorria, mas parecia que o negro não sentia dor e *cantava e rezava o que tinha aprendido com mãe Manoela*<sup>140</sup>, como já estava sendo chamada pelos escravos. (MARCELINO, 2005, p. 4. Grifo nosso)

Hoje o local de entoação<sup>141</sup> desses cantos é o terreiro Caboclo Pena Branca e, como me disse Luiza, este terreiro seria o mais antigo da Zona da Mata Mineira com mais de 200 anos, sendo os cantos ali entoados notados por um percurso histórico ainda maior. De maneira geral os pontos agem dentro das sessões no quilombo, unindo a oralidade e a performance. São os guias que conduzem as escolhas dos cantos, ocasião em que os registros trazidos para este trabalho

---

<sup>139</sup> Frase de Luiza em conversa sobre os pontos cantados.

<sup>140</sup> Tataravó de Luiza.

<sup>141</sup> Não significa que a existência de um lugar específico para acessar os mistérios da umbanda condicione as práticas apenas a este já que, como me disse Luiza, vários trabalhos espirituais e a passagem a alguns guias se dão nas matas, florestas, nascentes entre outros lugares.

passaram primeiramente pela permissão deles em contato com Luiza. Assim, foram trazidos par este trabalho apenas os cantos considerados leves<sup>142</sup>. Seguindo as orientações da mestra, mesmo se tratando daqueles cantos mais “leves”, pude compreender que era necessário tomar alguns cuidados para realizar a gravação e os registros de alguns dos pontos que serão apresentados neste capítulo, considerando sempre as forças espirituais ou energias que são por eles movimentadas.<sup>143</sup>

Então, a seleção de cantos que apresentarei aqui possui a intercessão da sacerdotisa e chefe de terreiro, Maria Luiza, que nos advertiu sobre o cuidado para que estes não fossem manuseados de qualquer maneira e sem desrespeitar a sua finalidade. Luiza também cuida para que a publicidade destes não contrarie a vontade dos guias espirituais. A energia destes pontos cantados possui capacidade de ‘quebrar demanda’, promover alívio ao doente e consolo ao que sofre. Estes cantos podem assumir função de orações. Assim, compreendo que a utilização inadequada dos pontos poderá atrair ou fazer aflorar energias negativas, ao passo que sua boa utilização faz transbordar o bem que estes podem proporcionar.

As vivências da sacerdotisa são guiadas pelo desejo de deixar a sabedoria de alguns pontos cantados em registros feitos até mesmo à sua maneira. Depois de alguns dias que nos conhecemos, Luiza me apresentou um livro manuscrito com mais de 600 cantos e suas respectivas entidades espirituais. Seu objetivo é transformar este material manuscrito em um livro elaborado com fotos, áudio e vídeo. Já idealizando o livro em sua mente, ela me disse que a estrutura seguiria os repertórios de: 1 - Caboclo, 2 - Preto Velho, 3 - Pontos das águas (Iemanjá), 4 - Cosme Damião, 5- Almas. Embora a explicação de cada ponto e a noção da linha de canto não estivessem representadas material manuscrito, para o livro mais elaborado, ela gostaria de informar as descrições, os comentários e a entoação adequada para cada um. Em suma, os pontos seriam explicados pelos guias espirituais, ressaltando as mensagens que eles gostariam de

---

<sup>142</sup> Os pontos cantados leves possuem flexibilidade para sua performance fora da sessão espiritual. Claro que não deixam de transmitir energias, pois as suas bases constitutivas vibracionais advém dessa fonte. Entretanto, seu modo de entoação não representaria grande risco se o religioso ou simpatizante inexperiente nas práticas umbandistas os entoasse de maneira imprópria ou inadequada.

<sup>143</sup> Durante a gravação aqui anunciada vi um afoxé/agbê parado e me aproximei dele. De longe Luiza me olhou e disse que esse instrumento é bem antigo no terreiro. Olhando para ele percebi que a base de plástico que sustenta a sua campânula de metal estava com um furo feito por algum material bem aquecido. Embora com vontade, não peguei inicialmente o instrumento para tocar. No decorrer da gravação Luiza me olhou e olhou para o instrumento e depois de algumas vezes assim percebi que eu podia pegá-lo e tocar. Quando me notei, estava tocando o afoxé cantando os pontos e envolvido naquela energia que os religiosos proporcionavam.

transmitir. Por exemplo: Caboclos – "estão nos chamando para resgatar a terra". O projeto deste valioso livro permanecerá como trabalho a ser elaborado futuramente em razão do curto tempo desta pesquisa de mestrado.

Pude desfrutar de uma pesquisa de campo que me proporcionou a escuta de vários pontos cantados e modos de entoação diferentes em cada contexto. Dos cantos presentes no livro manuscrito, sem qualquer programação, sentada em seu sofá preferido, no dia 10 de novembro de 2019, ouvi a mestra cantar praticamente todos que estavam ali. Depois de alguns cantos, senti que poderia registrar e, com o único meio que tinha em mãos, utilizei um aparelho de celular.<sup>144</sup> Inicialmente os cantos iam sendo entoados conforme a ordem das páginas do manuscrito sem descartar as situações em que alguns eram pulados, ocasião em que Luiza disse que não sentiu a permissão para cantar.<sup>145</sup> De maneira alguma isso resultou em redução na quantidade de cantos percebidos no manuscrito, pois muitos outros não escritos foram trazidos. Como pincelado anteriormente não pude prever e tão pouco planejar algum método de gravação mais eficiente para seguir a vontade de Luiza em fazer daquele momento uma vivência inesperada de cantos com a presença do pesquisador.

Eu fazendo comida e ele lá na sala e eu falava. Põe esse aí meu filho. Lembrei de outro aqui oh! Nem conseguia levantar e dizia "Oh Dona Maria Luiza?" Vamos, vamos, vamos. [Enfatizou com as palmas] Vamos acabar de comer e voltar para o trabalho. Aí a gente ia pra cozinha. Ele almoçava e eu arrumava a cozinha. E aí a gente sentava lá de novo. Vamos que vamos! Aí eu ia lá buscava um cafezinho pra ele. Você quer fazer um lanchinho? Toma um lanchinho. Ele dizia "Oh Dona Maria Luiza? Pode ficar tranquilo, vamos acabar de fechar essa página aí! Aí dali a gente ia pro terreiro ainda. E ele ficava pensando... Ela vai ficar roca. Ela cantou o dia inteiro."<sup>146</sup>

---

<sup>144</sup> Ao final de cada canto Luiza respondia algumas perguntas que eu fazia referente aos significados das palavras aproveitando, também, para explicar outros saberes que comporta aquele canto em específico.

<sup>145</sup> Pude perceber de Luiza, considerando a minha limitação de percepção, que se o canto não era recordado facilmente significava que os guias não deram permissão para cantá-lo.

<sup>146</sup> Transcrição de falas durante a qualificação de mestrado em novembro de 2019.

Vejo da fala de Luiza um contexto performático focado na entoação de inúmeros pontos onde eu ia lendo o início do verso e imediatamente a mestra ia demonstrando a linha de canto. Dessa escuta e performance a Mestra me disse que as entidades “colocam os cantos na sua cabeça” e se elas não quiserem você não os lembra. O curto período entre escutar o que eu lia e cantar o ponto, a meu ver, parecia estar mais relacionado com a fluência na lembrança de cada canto. Entretanto, pude entender de Luiza que se tratava de uma comunicação que ocorreria entre ela e os guias de modo a ensejar materialização de tais eventos sonoros. Os cantos saltavam de Luiza tão rapidamente que eu sentia dificuldades para acionar o gravador e, mesmo sem deixar de registrar curtos momentos iniciais de sua fala, me vi envolvido em uma dinâmica que a habilidade para acompanhá-la tinha um papel crucial na efetivação do registro. Incluí-se a isso as inúmeras vezes em que eu era surpreendido com aqueles cantos que não estavam escritos e, espontaneamente, vinham de Luiza como memória induzida pelo final de outros já entoados. Chegamos a gravar naquela tarde aproximadamente 500 (quinhentos) belíssimos cantos considerando a contagem que fiz dos versos escritos dispostos no manuscrito. Ao final a Mestra explicou que é muito raro trazer os pontos cantados para fora das atividades que acontecem no terreiro ou em local de força, significando, a meu ver, uma dádiva que engradeceu ainda mais a pesquisa de campo.

Sexta-feira, 21 de fevereiro de 2020: este dia foi marcado por uma nova seção de gravação de pontos cantados.<sup>147</sup> Já havia programado com Luiza a ida ao quilombo levando profissional técnico e aparelhagem de som considerável para a gravação seguindo a escolha de cantos baseada nas razões espirituais e indicação dos religiosos. Encontrei com Fred<sup>148</sup>, em Belo Horizonte e iniciamos a viagem até o quilombo. Depois de enfrentar uma estrada cheia de buracos em que alguns eram visíveis e outras estavam escondidos pelas águas da chuva. A viagem teve que ser mais lenta em razão da forte chuva que enfrentamos no caminho. De certo

---

<sup>147</sup> Mesmo havendo coletado centenas de cantos gravados por aparelho celular e considerando o desejo de Luiza em montar um CD de Pontos Cantados, decidi, dentro das condições financeiras e religiosas, trabalhar neste projeto ainda que ao modo “caseiro”. Na reta final de lançamento, sendo necessário ainda desenvolver a arte do encarte do CD, os problemas causados pela pandemia do Covid-19 impossibilitaram a sua continuidade, haja visto que Luiza entendeu ser melhor terminar este trabalho quando houver possibilidade de lançamento com participação presencial das pessoas. Na ocasião, aproveitamos alguns cantos da citada gravação para compor o corpus principal de observação da pesquisa.

<sup>148</sup> Frederico Mucci foi meu colega de faculdade quando iniciei o curso de licenciatura em música na UFMG, além de músico violonista e de sua formação em engenharia, tem se especializado em gravações de áudio.

modo isso me preocupava já que Luiza e eu havíamos agendado uma reunião com a superintendência de ensino da região para discutir questões voltadas à educação quilombola, algo que, em razão das incontáveis imprevisibilidades durante a viagem, não foi possível acontecer.<sup>149</sup>

Quando chegamos na sexta-feira em Ubá/MG, tendo em vista a gravação que seria no sábado, passamos pela casa de Luiza, comemos uma deliciosa broa, tomamos um cafezinho e conversamos bastante. Depois, Fred foi para a casa de seus pais em Ponte Nova e eu fiquei na casa da Mestra, ocasião em que pude participar pela primeira vez de uma sessão de ‘virada de banda’<sup>150</sup>. Em breve pinceladas percebi nessa sessão que as roupas dos médiuns mudaram de branco para vermelho, a imagem de Oxalá foi coberta, as velas são apagadas e a iluminação era reservada a um fogo aceso dentro de um pequeno recipiente de metal e alimentado pelo álcool de bebida destilada, e os cantos ganharam uma atuação mais livre, com estruturas pouco das que já tinha notado naqueles voltados à falange de direita.<sup>151</sup>

Contando com a participação de vários médiuns e quilombolas, o dia seguinte foi dedicado a escolher um repertório de pontos cantados que seriam gravados no terreiro Caboclo Pena Branca.<sup>152</sup> Aos poucos os convidados de Luiza foram chegando: Sebastiana, Neném, Edvania, Dorinha, Leide, Gil, Lucas, Naron, Maycon, Yuri, Flávia e Fatinha. Para a quantidade de pontos, Luiza me disse que não pode recair em número par, pois “par é um conjunto fechado e o número ímpar permite abertura para entrada de outros guias. Em tudo que é feito na Umbanda a contagem deve recair sobre o número ímpar.”<sup>153</sup> (Maria Luiza Marcelino, comunicação pessoal, 2020). Depois de sua fala, pude perceber ainda que o número de pessoas na reunião era 15 (quinze) contando o pesquisador, o número de ogãs durante o ritual era 9 nove e os pontos cantados escolhidos fecharam em 123, ficando por evidenciar a importância do mistério de representar as quantidades resolvidas em numeral ímpar.

---

<sup>149</sup> Esta reunião tinha o objetivo de apoiar a luta de Luiza no cumprimento dos seus deveres com a transmissão de saberes quilombola.

<sup>150</sup> Sessão voltada para os guias de esquerda (Povo da Rua, Pomba-gira, Exus e outros) podendo também atuar guias de direita que, considerando alguns ritos e os mistérios espirituais, podem trazer a energia necessária para esta específica manifestação.

<sup>151</sup> Das pesquisas de campo que realizei esta foi a única vez que pude presenciar o acontecimento da ‘virada de banda’ sendo assim me limitarei a tratar desta manifestação de maneira menos abrangente.

<sup>152</sup> Inicialmente Luiza me disse que poderíamos gravar os cantos na escola Quilombola, mas, depois de escolhido o repertório, me surpreendeu ao abrir o terreiro, acender algumas velas que estavam apagadas em um movimento que nos conduzia a gravar os cantos lá.

<sup>153</sup> Caderno de campo, 13 de março de 2020.

A descontração e transmissão de conhecimentos foram vívidas durante a tarefa de escolha dos cantos. De pronto, Maria Luiza disse que é preciso ter cantos de cada entidade, não podendo dar preferência só para uma. Assim disse “precisamos de todas, e não podemos deixar nenhuma para de fora. Todas fazem parte do ritual e da união e respeito. Temos que bater cabeça para todas!”

Cada religioso ia, mesmo com certa timidez, dizendo o texto ou cantava o início da linha de canto que entendia ser interessante para a gravação. Já Luiza estimulava o tempo todo um canto pleno tal qual ele é e demonstrava a linha de canto caso necessário. O modo de pensar e definir o repertório, além de seguir a intuição e sugestão dos que ali estavam, se consolidou pela disposição dos pontos conforme o guia espiritual em destaque e o que orientava Luiza sobre os comandos da espiritualidade.

Talvez por um lapso de memória nenhum canto reservado às “Almas” foi introduzido na escolha do repertório. Como era dia de sessão espiritual, a entidade Vovó disse que deveríamos incluir os pontos das “Almas” no que estávamos fazendo, pois eles conectam a Deus e Maria e por isso não podiam faltar. Após a sessão perguntei a Luiza sobre a abordagem da Vovó quanto ao canto das “Almas”. Ela complementou que “Na época da escravidão as entidades, ainda sem nome, eram chamadas de almas, ou melhor, ‘azarmas’. Mudavam os nomes como forma de proteção contra um tempo cruel.”<sup>154</sup>

Ao acrescentar o canto das “Almas” finalizamos um roteiro para ser gravado, entretanto, mantendo os propósitos espirituais sobre a entoação dos cantos em cada dia, a gravação não comportou fielmente todos eles, seguindo, devidamente, as diretrizes; quantidade ímpar, participação de todos e canto para cada entidade.<sup>155</sup>

### **OXÁLA: “NÃO FAÇO NADA E NEM OS GUIAS SEM A PERMISSÃO DELE”**

Como já aludido em passagens anteriores, demonstrei que a aproximação das forças espirituais no quilombo se dá de forma espontânea, consubstanciada através de práticas de incorporação que se fazem essenciais na atividade religiosa e também nas adversidades que desafiam a sobrevivência da comunidade tal qual ela se constitui. Por isso compreendo uma

---

<sup>154</sup> Caderno de campo 16 de agosto de 2019.

<sup>155</sup> Seguirá em anexo ao final da pesquisa o repertório escolhido na íntegra.

forma peculiar de agenciamento espiritual fortalecido pela própria vontade dos guias em demonstrar os mistérios do plano espiritual através do desenvolvimento dos dons de vidência muito comuns entre os familiares de Luiza. Portanto, vejo que se estabelece um grau de acesso que se dá cotidianamente sob as orientações da espiritualidade e transmissão de saberes pela sacerdotisa, pelas práticas que ocorrem no TCPB entendidas como sessões de modo a firmar os objetivos espirituais do fazer umbandista estarão em atividade plena e direta.

Compreendo que os sujeitos da atividade religiosa seriam transportados a um universo dinâmico das divindades se colocando com(o) e no mundo das forças sagradas com as quais estão em relação. A este respeito Luiza me disse que “Umbanda tem fundamento. Ela bem praticada tem muita coisa. (...) Não adianta praticar e rezar se você não sabe nem o que está rezando?!”<sup>156</sup>

Nas sessões espirituais no TCPB, notei que, no momento desta pesquisa, eram um total de onze médiuns, ocasião em que Luiza me disse que a preparação de cada um se orienta, principalmente, pelas questões que envolvem o encontro de antepassados. Em atividade mediúnica os religiosos formam uma corrente espiritual percebida pela disposição mais ou menos circular que assumem no terreiro.<sup>157</sup> Discreto, este círculo vai compreender a chefe de terreiro, uma das médiuns mais antigas do quilombo (Sebastianinha), os instrumentos sagrados (três atabaques), o altar principal, a imagem de pai Oxalá, os demais médiuns de incorporação e os auxiliares. A entidade *Vovó*, como me disse Weverton, é quem possui a função de manter essa corrente propiciadora dos trabalhos.

Os três atabaques ganham expressiva atuação em, geralmente, mais de duas horas e meia de culto sendo em que são responsáveis, entre outras funções, pela 'puxada'<sup>158</sup> de cada ponto cantado. Observo que as orações, rezas e “canto de entrada”<sup>159</sup> que ocorrem frente ao altar principal e antes da ativação da mediunidade permitem a concentração necessária para realizar os trabalhos e, de certa forma, propiciar a aproximação entre plano terrestre e guias espirituais. Entendo que o citado “canto de entrada”, apresentado de maneira viva e precisa, começará a

---

<sup>156</sup> Conversa com a Luiza no dia 13 de abril de 2020.

<sup>157</sup> Isso não significa que cada um será disposto em um círculo visivelmente formado e identificável. Tudo ocorre discretamente chegando, em algumas vezes, a ficar claro que o círculo foi desfeito, entretanto, a corrente, invisível aos que não tem vidência, continua ativada em razão dos propósitos espirituais que estão sendo realizados durante a sessão.

<sup>158</sup> Ao escutar este termo de Luiza e perceber a atuação dos ogãs na sessão, compreendi que a entrada dos atabaques (eles mesmos portadores de “cantos”), logo após o início do ponto cantado, traz e calibra a energia com a qual o canto proporcionou.

<sup>159</sup> Canto “Vou abrir a gira” que será mencionado mais à frente.

transmitir energias para o altar ao mesmo tempo que se fortalece também da energia vinda deste local, e, então, nesse fluxo de trocas, os ogãs iniciam os atabaques que por sua vez conseguem refletir a força dos pontos cantados. Sempre às sextas-feiras, excepcionalmente aos sábados, geralmente das 19h30 às 22h, com razoável flexibilidade de início e término, seguirá a sessão espiritual predominantemente da linha de direita, porém, a depender do modo de acesso das forças da citada energia de direita, Luiza me disse que o horário de finalização da sessão seria à meia noite.<sup>160</sup>

A textura sonora dos pontos cantados no TCPB é construída pelo conjunto das vozes e dos atabaques, podendo ser acrescida de dois caxixis e um afoxé metálico. No TCPB, Gil atua no reforço do canto manuseando sempre um dos caxixis. Já o afoxé e o outro caxixi ficam disponíveis para os assistentes da atividade espiritual. Já vi várias vezes o neto de Luiza (o pequeno Maycon com 4 anos de idade à época) tocar tanto o caxixi quanto o afoxé. Luiza, Terci, Fatinha, Marlon, Weverton e Narlom (neto de Luiza com 9 anos de idade) são ogãs que manuseiam os atabaques e possuem algum tipo de mediunidade percebida pela conexão e manutenção das energias durante a “gira”. A troca de olhares era suficiente para orientar quem tocará o instrumento no dia de sessão ocasião em que percebi maior atividade de Terci no atabaque agudo ou menor, Fatinha e Marlon no grave, e Weverton no médio-grave. Quanto à atuação da liderança espiritual da entidade Vovó, pude notar sua responsabilidade no atendimento aos que estão no terreiro e na manutenção da corrente. Certa vez, houve um desencontro e afrouxamento das batidas de um dos atabaques e, utilizando a expressão “não deixa balançar os atabaques, se tá balançando é porque as forças das trevas tá agindo” conseguiu afastar uma sonoridade estranha que vinha dos instrumentos. Sobre isso compreendi que o trabalho sonoro dos pontos cantados possibilita a transmissão adequada de energias que ali estarão em movimento.

Na “abertura da gira” todos assistentes e médiuns assumem funções que se modificam com o rito e o trabalho executado para fazer atuar as forças diversas de maneira bem perceptível. Quanto a essas funções, Luiza me disse que são atribuídas pelos guias espirituais e não seguem qualquer lógica de hierarquia que se possa subentender aquela que é melhor ou pior, pois as

---

<sup>160</sup> A pesquisa de campo que realizei não foi suficiente para ver uma sessão de “virada de linha”, nessa esteira, apenas pude presenciar cerca de quatro sessões reservadas aos guias de direita e uma aos guias de esquerda (virada de banda).

tarefas no terreiro fazem parte do desenvolver da consciência espiritual de cada integrante. Para tal a figura de Oxalá coordena os trabalhos, sendo Dele, em essência, a permissão para a acontecer a sessão. Sobre isso Luiza enfatiza:

**Eu não faço nada e nem os guias sem a permissão Dele (Oxalá). (...) Ele acha que a pessoa deve ser encaminhada (...) Ele acha que a pessoa tem que sofrer pra aprender por si mesma (...). A gente tem livre arbítrio!<sup>161</sup>**

Sob o aval de Oxalá a Sacerdotisa cumpre a função de chefe de terreiro de maneira a melhor conduzir os preparativos adequados à instalação de energias dos guias espirituais transmitidas por seus mensageiros. Percebo que o zelo de Luiza com as imagens e quadros das entidades, os chifres de boi em duas extremidades do terreiro, as bandeirinhas coloridas próximas ao telhado, entre outros objetos que ali estão preservados e dispostos de maneira planejada, cumpre também o propósito de transmissão de energias que potencializam cada rito. Além disso, como chefe de terreiro, escolhida para tal, Luiza está sempre atenta à condução da “chegada” e “partida” dos guias, com a “passagem” para a Vovó.

Compreendo, por fim, que a sessão espiritual no TCPB é o lugar para agenciamento potente e singular de forças e onde ocorrerá irradiação, absorção e transmissão de energias espirituais, sabendo, evidentemente, que existem outros pontos de força na natureza que também favorecem isso.<sup>162</sup> Entendo ainda que um trabalho espiritual, capaz de bloquear e afastar aquelas energias não desejadas, repousa sobre os médiuns, frequentadores, mas também sobre os artefatos, os objetos e o próprio espaço preparado para ser terreiro, fazendo perceber que “as religiões afro-brasileiras estão em comunhão com forças onde tudo se afeta (...)” (VERAS, 2015. P. 104)

A seguir irei apresentar alguns dos principais momentos que constituem uma sessão realizada no TCPB, como: a saudação ao altar principal, imagem de Oxalá e os quatro 'cantinhos de santo'; a abertura da gira; a chegada e partida dos caboclos, a chegada e partida dos Pretos e

---

<sup>161</sup> Conversa com a Matriarca Maria Luiza no dia 13 de abril de 2020.

<sup>162</sup> Pelo que reparei durante o trajeto rumo a Ubá, há matas, campos abertos e nascentes que já seriam lugares de agenciamento de energias espirituais.

Pretas Velhas, o encerramento, fechando a "gira". Minhas descrições partem das sessões que pude observar em novembro de 2019 e de conversas posteriores com Maria Luiza.

### *Saudação ao altar, Pai Oxalá e os quatro 'cantinhos de santos'*

Aberto o terreiro, a passos lentos, demonstrando respeito através do comportamento humilde, vão chegando aos poucos os religiosos para mais um dia de "gira". As roupas brancas dos médiuns e geralmente saia rodada verde e blusa amarela para Luiza, fazem agir as energias que fluem pelas cores elaboradas das frequências energéticas dos guias, um privilégio de percepção para quem possui vidência. Antes do início da sessão, no salão do terreiro alguns médiuns vestiam as roupas próprias do culto e outros se trocam na casa da Mestra. Logo percebi que ninguém mistura as vestimentas de atuação religiosa com aquelas cotidianas.

A preparação do "canto dos atabaques" se dá com peculiar cumprimento dos Ogãs quando se aproximam dos instrumentos sagrados ainda em repouso. A sensação de tranquilidade se instala, e, para as imagens que estão dispostas pelo salão, o ato de 'bater cabeça'. Nesse instante, um por um dos religiosos, avistando o lugar de saudação ou de 'bater cabeça' se direcionam primeiramente ao altar, rosto sobre o chão, braços abertos e pés juntos ficam estirados por alguns segundos. Este ato foi realizado por cinco vezes frente ao altar principal, 'cantinhos de santo', e imagem de Oxalá. Depois, sentindo que todos já realizaram a saudação individual, a chefe de terreiro, saudando apenas o altar principal ao tocar em algumas imagens, demonstra com sua postura que chegou o momento de formar a fila para abertura da "gira".<sup>163</sup>

Observo que este episódio de preparação para abertura da "gira", envolvendo a saudação aos santos, uso das roupas adequadas, adoção de postura corporal ao adentrar o local sagrado, comunicação corporal de Luiza, serve como alerta para que cada um direcione o seu pensamento à concentração ideal para os trabalhos.

---

<sup>163</sup> Não vi Luiza chamar os religiosos para a abertura da sessão, tampouco dizer verbalmente a eles que ela irá começar a sessão. Apenas percebi que a comunicação era feita pela leitura de seu comportamento de modo que eles sentiam o início das atividades.

### *Abertura da "gira"*

Quando fala gira (...), botar o povo pra trabalhar, entendeu?! Então é a gira, juntar todo mundo, juntar todos, aí se torna uma gira.<sup>164</sup>

Compreendo, a partir do que ensina Luiza que a “gira” seria o conjunto de ritos orientados por cânticos e movimentos que estruturam a sessão espiritual. Nesse momento há atuação direta dos guias espirituais que, utilizando o aparelho dos médiuns, propiciam a ajuda espiritual a todos que necessitam. Terminada a saudação e formada uma fila frente ao altar principal, cada médium e assistente toca, ao seu modo, o altar principal e se retira. Ao final, estarão todos posicionados frente aos instrumentos sagrados. Desde já, a partir do toque no altar, se confirma a permissão dos guias no que confere a atuação dos médiuns e assistentes na “gira” fazendo ativar a proteção ideal necessária durante a sessão. Luiza será a última a tocar no altar, dando início à oração do Pai Nosso, Ave Maria e, em seguida, ao canto de abertura da “gira”. Quanto a essa abertura a Sacerdotisa me contou:

Pede aos Orixás dos nossos ancestrais para trabalhar dentro daquela corrente. Daquele povo que está ali e de outras pessoas que estão fora. Aqueles que pedem em razão de alguma doença. Quem é dono do terreiro é Pai Oxalá, os Exus levam as coisas más. Exu vai embora com Exu. Quem abre nossos campos é Pai Oxalá que é Deus. Ele dá força e energia pra nós. Ele que dá oportunidade para outros espíritos fazerem cura, trazendo paz em casa, união e tudo de bom. Os caboclos e os pretos velhos vai tirando o mal e jogando no canto. Depois você faz a roda e eles queimam com fogo. Quem acaba com tudo não é o fogo? Então os Exus vêm e bota aquela lavra de fogo pra levar. E aí vira fumaça.

---

<sup>164</sup> Vide link:

[https://drive.google.com/file/d/1xi2Vn4PXWNySZ6\\_ANMX0xyoxXD14OyF1/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1xi2Vn4PXWNySZ6_ANMX0xyoxXD14OyF1/view?usp=sharing)

(...) Nós quilombolas já sabemos. ‘Pulou a vassoura, tá pulado’! Familiares não dão a mão na corrente. Ali nós somos todos iguais! No terreiro você tem que estar sozinho. Cada um com seu fluído. Se estiver tendo contato com as coisas humanas a corrente é cortada, o contato deve ser com a natureza. Na corrente as coisas são espirituais e não materiais!



Figura 18 - Atabaques sagrados do quilombo Namastê. Foto: Weverton Marcelino

Em contato com os religiosos pude perceber que os termos “ritmo”, “pontos cantados” ou simplesmente “cantos” são sinônimos utilizados pelos religiosos quilombolas Namastê para demonstrar a produção sonora vocal e o toque dos atabaques. Notei que durante a sessão os cantos estimulam o movimento dos guias, como mecanismos de agenciamento de forças no terreiro. No início desta pesquisa, talvez em razão da influência de algumas leituras, eu pensava que os cantos fossem apenas objeto de funções pré-estabelecidas. Mas ao longo da pesquisa fui percebendo que estes podem estar voltados à abertura da sessão, à identificação da entidade que chega ao terreiro, propiciarem a concentração espiritual dos médiuns e funcionar como ferramentas que combate as energias indesejadas.

Cerca de 20 cantos, devendo cada um ser retomado por três vezes, são entoados em cada sessão. “Vou abrir a gira”, além de ser o primeiro que escutei de forma plena<sup>165</sup>, se repetiu em todas as outras sessões reservadas aos guias de direita que presenciei.

5- Ponto cantado: Vou abrir a gira

*Vou abrir a nossa gira com Deus e Nossa Senhora/Vou abrir a nossa gira é zambole Pemba de Angola / Nossa Gira está aberta com Deus e nossa Senhora /Nossa Gira está aberta é zambole/ Pemba de Angola*<sup>166</sup>

É pra pedir a Deus, pra abrir a gira com Deus e Nossa Senhora. Zambolê é um espírito também, entendeu!? Pra pedir forças às matas, cachoeiras...por isso a gente fala Zambolê.<sup>167</sup>

Depois do “bater cabeça”, da formação da fila para tocar o altar principal e da reza em voz alta, a “gira” pode se iniciar com a entoação do canto acima. Por meio desse ponto cantado retomado em toda abertura da “gira” os médiuns se aproximam das forças que atuarão no culto, embora, como me disse Luiza, antes mesmo de abrir as portas do terreiro já estejam ocorrendo as movimentações de energias para formação e fortalecimento da corrente que vai se firmar.

---

<sup>165</sup> Cantado em contexto de sessão com a presença dos atabaques e mantido pela destreza, uso amplo e pleno da voz dos religiosos.

<sup>166</sup> Vide link: [https://drive.google.com/file/d/1xi2Vn4PXWNySZ6\\_ANMX0xyoxXD14OyF1/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1xi2Vn4PXWNySZ6_ANMX0xyoxXD14OyF1/view?usp=sharing)

<sup>167</sup> Idem.

A chefe de terreiro, logo após a realização das orações frente ao altar principal começou a ‘puxar o canto’<sup>168</sup> utilizando sua voz presente e intensa, em seguida, entrou o grupo vocal composto pelos outros médiuns, assistentes e participantes. Considerando a liberdade de abertura em cada sessão percebi, com regularidade, que o canto “Vou abrir a gira” foi retomado por três vezes onde contará apenas com as vozes na primeira vez, na segunda e terceira haverá algumas marcações livres feitas pelos ogãs que deram início ao ‘canto dos atabaques’<sup>169</sup>.

Por meio do ponto cantado *Vou abrir a gira* percebo o início dos trabalhos com a formação da corrente espiritual que já implica na disposição de cada médium frente aos atabaques, paralelo ao altar principal de forma a possibilitar as irradiações de energias que serão mais intensas. Diferente de muitos outros cantos que escutei, neste os médiuns preparam o campo espiritual para fazer ativar a mediunidade de incorporação.<sup>170</sup> A “gira”, como se observa do texto do canto, convoca o poder de Deus que se manifestará por meio dos guias e seus mensageiros e, como me disse Luiza, Nossa Senhora intercederá pelas almas e espíritos que ali serão amparados.

Do trecho (...) *Com Deus, Nossa Senhora, Zambolê Pemba de Angola* se vê unidades religiosas importantíssimas de conexão com a força espiritual maior que permite e coordena os trabalhos e, nesse momento, pelo que percebi no todo, a expressividade da linha de canto se perfaz por uma voz que reverbera na região média-alta da caixa torácica dos religiosos para se valer de maior ressonância, projeção e brilho. Destaque também para o pulso que permite a elaboração rítmica da linha e do texto do canto de maneira precisa moldando a sua sonoridade pelas marcações livres que imprimem os atabaques. Além disso, Luiza me disse que a figura de Zambolê demonstra a convocação da ancestralidade africana - negros, em terra brasileira - e indígena – nas terras “brasileiras”, suas terras - em plena rememoração do passado vivo dentro do presente. Quanto ao canto “Vou abrir a gira” Luiza nos conta:

---

<sup>168</sup> Dar início aos primeiros aspectos sonoros que identificam o canto fazendo comunicar aos outros cantores o momento adequado para produzir diferenciação entre voz de fala (Momento das orações) e voz de canto (Canto de Abertura).

<sup>169</sup> Maria Luiza fala do “canto dos atabaques”, me fazendo compreender que suas sonoridades são ordenadas em vozes equivalentes em energia espiritual aos cantos produzidos pela voz.

<sup>170</sup> Como na entoação deste canto ainda não há incorporação compreendo o agenciamento de forças realizado pelos próprios médiuns e participantes na casa de maneira convocar a energia que vai atuar no terreiro, ou seja, se de esquerda ou de direita. Assim, se a “gira” está sendo aberta com Deus, Nossa Senhora, Zambolê, pemba de Angola as irradiações serão de energia de direita.

(...) Eu canto esse ponto pra abrir o terreiro porque é um ponto em que já vai pedindo as forças para o Pai Oxalá. É por isso que eu peço a Deus, a Jesus Cristo e a Nossa Senhora pra gente conseguir realizar os trabalhos. Reza-se a Zambi porque na língua indígena é nome dado ao Pai Oxalá. Pede-se a Angola/pretos-velhos angolanos para ajudarem também a fazer o trabalho. (...) Os indígenas vêm trazendo as palavras de força para a gente conseguir atravessar pelas dificuldades e os pretos velhos traz as ervas e a cura para as pessoas que vão ao terreiro. Então peço força para eles primeiro para abrir o terreiro junto comigo. Não sozinha, mas sim com a força deles pra poder benzer as pessoas que vem aqui necessitando de apoio tanto moral, físico e espiritualmente, doente do espírito, corpo e alma.<sup>171</sup>

### *"Chegada" dos caboclos*

Em praticamente um sopro, recaindo sobre o canto preciso e propulsor dos atabaques, vem a primeira incorporação mediúnica do terreiro sobre a chefe de terreiro. A “chegada”<sup>172</sup> é reservada à falange dos caboclos ocasião em que Luiza me disse que esta será constituída daqueles índios mais sábios e também daqueles espíritos com afinidade semelhante. As incorporações correspondem à presença e atuação de entidades diversas nos “aparei” dos médiuns. Ocorridas as incorporações, os cantos de caboclos serão entoados de maneira a indicar e fazer fluir as energias vindas diretamente da espiritualidade.<sup>173</sup> Assim, os pontos cantados entoados nesse momento, diferentemente do canto “Vou abrir a gira” e considerando o tipo de mediunidade de incorporação<sup>174</sup>, passam a ser performances dos guias espirituais produzindo, desse modo, os efeitos e resultados que estes pretendem. Notei que o 'balançar' de alguns

---

<sup>171</sup> Transcrição de falas durante a qualificação de mestrado em novembro de 2019.

<sup>172</sup> Pode ser entendida aqui como o momento em que o guia assume o corpo do médium de forma a evidenciar a sua personalidade em atuação direta na sessão.

<sup>173</sup> Em outro contexto etnográfico, Lourenço, (2013, p. 52) ao verificar os cantos funerários dos índios *Javaé*, adverte que para muitas sociedades ameríndias “as formas expressivas das artes não são propriedades apenas dos seres sociais.”

<sup>174</sup> Seja em caráter mediúnico inconsciente ou consciente, porém sem controle corporal estabelecido pelo médium.

médiuns na sessão, aparentemente desconexos quando se presume uma atenção voltada a um pulso regular do canto, se destacava como procedimento inicial de incorporação deixando subentendido que o médium vai ficar 'tomado'<sup>175</sup>. Do que se percebe da maioria dos cantos de caboclo que ouvi e também daqueles que acompanhei durante a sessão, quando o guia incorporava acabara por demonstrar movimentos corporais avivados em coordenação com os tambores e potencializam o uso pleno da voz do médium sem deixar dúvidas sobre a energia que agora se transmite.

Duas das sessões no TCPB que presenciei foram marcadas pela 'chegada' do Caboclo Sete Flecha puxando seu ponto cantado, identificando-se e agenciando forças. Ele percorreu todo o salão sem perder de vista um canto audível e preciso, e logo, ao visitar a porta por três vezes, chamou os outros caboclos que ainda não tinham assumido plenamente o aparelho de alguns médiuns. Quando a entidade circulou irradiando tudo e todos, fazendo, ainda, acionar a chegada de outras entidades-caboclos senti que a "dispersão de força que se espalha geograficamente" (VERAS, 2015, P. 83) fez instalar inúmeros propósitos espirituais através do Caboclo sete Flechas que atuava sobre Luiza.

Para se valer da incorporação plena, alguns médiuns, ainda balançando, foram para frente do altar principal e nesse momento me pareceu que a discreta corrente espiritual visivelmente se desfez, porém, quando ocorre efetivamente a 'passagem' estas reestabeleceram novamente o círculo. Entendo que, desde os cantos, se inicia de maneira perceptível os trabalhos espirituais na linha de caboclos embora alguns ritos possam também se realizar de forma invisível aos olhos daqueles que não possuem uma mediunidade aflorada. No conjunto de cantos de caboclos senti uma diversidade de energia atuante e em coerência com a falange em evidência respeitado o momento de canto individual de cada guia. Ao finalizar o tempo para incorporações e cantos individuais percebi que um ponto cantado foi entoado em comum por todas as entidades, o que, de certo modo, orientou a partida dos caboclos e serviu de transição para a chegada dos Pretos Velhos.

---

<sup>175</sup> Maria Luiza utiliza constantemente esta palavra para representar específico estado de mediunidade inconsciente ou sob controle corporal dos guias proveniente da concentração adequada proporcionadora da passagem e conexão com o plano espiritual.

### *"Chegada" dos Pretos e Pretas Velhas*

Os caboclos se vão e sem muita delonga Luiza já recebe a entidade “Vovó” que, por seu canto, se identifica. Acabara de “chegar” a entidade responsável por todas as atividades espirituais que acontecem no terreiro. Sobre o canto dessa falange Luiza explica

O preto, como era escravo, ele não tinha voz ativa para falar, expressar os seus sentimentos então ele cantava em cantigas (...)”<sup>176</sup>

Percebo, como Luiza, que os pontos cantados dos Pretos Velhos são capazes de rememorar tempos passados da escravidão através de posturas corporais assumidas pelos médiuns que demonstram as violações que estes sofreram enquanto espíritos encarnados. Trazendo um exemplo contrário ao que lhe impuseram, os Pretos Velhos cumprem a função de acalmar as pessoas, estimulando a autoestima e lhes oferecendo conselhos para suportar adversidades. Entre vários pontos cantados, apresento aqui dois que se repetiram em todas as sessões em que estive:

6- Ponto cantado: Casca de coco no Terreiro

*Vovó não quer casca de coco no terreiro / Vovó não quer casca de coco no terreiro*

*Faz alembiar o tempo do cativo/ Faz alembiar o tempo do cativo*

É porque o tipo do cativo descascava muito coco então ficava aquela sujeirada. Agora ela não quer saber de sujeira não. Ela quer tudo limpo! (...) Então, ela já gosta do terreiro tudo limpo. (...) Então, você lembrando daquela tristeza, daquele aborrecimento... lugar onde coco casco, entendeu!? Pra fazer sabão, pra fazer doce, gordura... Então ela não quer saber disso mais não, ela não quer lembrar. (...) A sujeira pra eles [Escravidos] é lembrar do sofrimento (...).<sup>177</sup>

---

<sup>176</sup> Mestra Maria Luiza Marcelino #01 – Preto Velho. Postagem do Programa Saberes Tradicionais da UFMG. Disponível em: <https://www.saberestradicionalis.org/filmes/> e <https://youtu.be/1I2alMoBTas> Acesso em 24/10/2020 este link não está correto

<sup>177</sup> Vide link: [https://drive.google.com/file/d/1xi2Vn4PXWNySZ6\\_ANMX0xyoxXD14OyF1/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1xi2Vn4PXWNySZ6_ANMX0xyoxXD14OyF1/view?usp=sharing)

7- Ponto cantado: Pensa na Vovó

*Filho, se você precisar/ Só chamar a Vovó que ela vai te ajudar  
Numa estrada longa... lá no seu jacutá/ É a Vovó Filisbina... trazendo a  
sua oração.*

Link: [https://drive.google.com/file/d/1YCy\\_L22fA192OVT75MF-IbzcdeArY41N/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1YCy_L22fA192OVT75MF-IbzcdeArY41N/view?usp=sharing)

(...) Se você tá com problema...chateado...é só pensar nela que ela vem pra ajudar a gente!

Cinco banquinhos, sempre próximos da porta do terreiro, foram rapidamente manuseados e dispostos em locais já sabidos para a “chegada” de cada Preto ou Preta Velha. O ambiente desses guias precisa ser preparado rapidamente, pois, ainda que por três ou cinco passos, este percurso me pareceu árduo ao ver que os “médiums” tinham muita dificuldade de se movimentarem: uns mancavam, outros andavam agachados ou sobre uma das pernas e outros se desequilibravam quando ficavam de pé. Da “chegada” conduzida pela vontade inabalável em realizar o trabalho espiritual senti que já se estimulou a autoestima se considerarmos todo sofrimento que ali é demonstrado e enfrentado.

Os banquinhos foram colocados praticamente um frente ao outro reservado a passagem para as pessoas que se aproximam para receber consulta espiritual, conselhos, orações e passes. Senti constantemente cheiro de fumo e sons do estralar de dedos. Ouvei em algumas sessões um canto isolado sem o amparo dos atabaques sendo algo incomum tendo em vista que durante a consulta espiritual cessam a entoação de cantos e atividade de atabaques ao modo da “gira”.

Os participantes da sessão se aproximam dos guias espirituais para receberem bênçãos, passe<sup>178</sup> e assistência espiritual. A *Vovó*, além de atuar na manutenção da corrente espiritual,

---

<sup>178</sup> Trata-se procedimentos variados realizados pela entidade espiritual através do médium sobre o frequentador, o que fará cumprir as intenções energéticas adequados para cada indivíduo que o recebe e, dela necessita. Já a assistência espiritual também segue a lógica da necessidade espiritual individual de cada frequentador, porém se

também é responsável pelas consultas e está atenta às demais entidades irão atuar na realização do passe. O agenciamento de energias por meio dos cantos, o passe e a assistência espiritual também se molda com os gestos das mãos, os giros do receptor, o sopro da fumaça do cachimbo, o estralar de dedos, conversas, orações, preparo e manuseio de ervas, entre outros. Vi que para receber assistência, qualquer frequentador receberá um passe de um dos médiuns mais antigos da casa, e logo após continuará este rito recebendo o passe de mais dois médiuns<sup>179</sup>. Outros dois médiuns ficam incorporados e dispostos em local mantenedor da força da corrente, possibilitando, talvez, outras incidências energéticas ou o descarrego que seja necessário. Sobre isso, Luiza me disse que o ponto cantado que escutei isoladamente durante o passe e consulta pode estar operando com o propósito de descarregar as energias indesejadas de alguém que está no salão.

Desse entrelaçamento de energias afastadas, absorvidas, emanadas e transformadas percebi que o manuseio dos cantos que escutei se intensificava de maneira perceptível durante a “chegada” das entidades e cessavam durante o rito do passe e consulta espiritual. Não perco de vista a concentração de energia vinda dos cantos que, embora ali suspensos, foram ferramentas aptas para trazer e fortalecer a corrente que se mantém firme no momento do passe e assistência espiritual. Cumprida a tarefa dos guias, os assistentes iniciam um canto de agradecimento e despedida que caminha para o fechamento da “gira”.

### ***Encerramento, fechando a "gira"***

Ao modo da entidade e em uma peculiar resposta corporal do médium, o estado de transe se vai projetando para mim uma imagem de “volta ao corpo”, no caso do médium; e retorno ao plano espiritual, quanto aos guias. Em praticamente todas as sessões, o “aparei Luiza” se curvou para baixo e, então, se ergueu rapidamente ficando em posição ereta chegando a emitir um som "Tchuuuuu" Então lá se vai mais de duas horas 'tomada'. Alguns médiuns cambaleiam, fazem

---

elabora em procedimentos em que se nota atuação direta da entidade/médium sobre as situações que acometem o consulente.

<sup>179</sup> Embora apresento estruturação e realização de ritos dentro da sessão, os quilombolas Nasmastê sempre atribuem estes feitos às vontades das entidades sendo eles apenas provedores da atuação delas no plano terrestre.

gestos corporais abruptos, tapam os olhos com as mãos e, então, como me disse a Mestra, recobram a consciência. Ao final, vi que as rezas foram retomadas, um canto puxado, a fila novamente formada até que cada um dos religiosos tocassem o altar principal.<sup>180</sup>

### **AS ENTIDADES TRAZEM OS PONTOS E LEVAM [...]**

Monteiro de Almeida & Guiomar Rêgo Souza (2012) em “Analisando Pontos Cantados da Umbanda – Híbridos e Representações Sociais”, atentam para cantos sagrados ritualísticos que conectam à espiritualidade por meio do médium ao mundo carnal. Próprios da religião afro-brasileira, os pontos cantados seriam então peças fundamentais para a realização de trabalhos espirituais bem sucedidos. Todos os aspectos que circundam os pontos são, pelo seu entendimento, essenciais para equilibrar a energia vinda dos guias e protetores espirituais. Então, se um ponto é "mal tirado" ou seja, cantado de maneira inadequada e em local inapropriado, os seus efeitos estarão comprometidos e uma das consequências seria perturbar as "vibrações" do ambiente.

Por cerca de três horas em dias de sessão notei que os cantos são praticamente incessantes nas atividades no terreiro e na vida de Luiza sendo entoados em razão de diferentes tipos de trabalhos espirituais; pedidos de cura, busca da paz espiritual, transformação ou dissipação de energias negativas por meio das forças atuantes no culto sagrado.

Sobre as questões de ancestralidade que percebi nos cantos que Luiza me apresentou destaco aqueles direcionados às “Almas”. As vivências dos quilombolas *Namastê* por meio de um elo inquebrável e contínuo, que permite que eles possam visitar os seus saberes em cada encontro, são mais acentuadas a partir dos cantos das “Almas”. Entendo que a ocorrência contínua dos cantos no quilombo se manifesta de maneira multidirecional em que podem, ao mesmo tempo, estabelecer proximidade entre o plano carnal e espiritual, fazer agir diferentes fluxos de energias, ser receptáculo de irradiações de diferentes forças para em seguida transmiti-las por meio de suas vibrações.

---

<sup>180</sup> Ao final da sessão Luiza recebe os médiuns e participantes em sua casa para conversarem de maneira descontraída e tomarem um cafezinho. Embora a reunião termine tarde (22h30 ou mais), durante a pesquisa, sempre presenciei e participei desses momentos em que parecia que ninguém queria ir embora.

Aquela sonoridade de intensidade considerável e clareza na enunciação dos sons, habilidade em coloridos, em geral grande extensão vocal, maleabilidade em ressonância e projeção que se percebe da voz feminina é predominante nos cantos que ouvi no. Isso se dá desde os primeiros atos religiosos do quilombo nas matas e na senzala<sup>181</sup> condição em que os pontos cantados no quilombo, ao concentrar a performance voltada à ancestralidade, se revestem de eventos sonoros inclinados à voz feminina<sup>182</sup>.

Do que observei de Luiza sobre o agenciamento dos cantos a partir de sua perspectiva religiosa ficou claro a sua submissão ao que orienta a espiritualidade. Veras (2015) apresenta na sua dissertação uma nota de rodapé da antropóloga Anaíza Vergolino que se depara com a submissão às entidades na casa da ‘mãe’ Edithe, mesmo buscando inovações na sua casa, se submete ao desejo dos guias. O autor comenta ao mesmo tempo a dinâmica das casas de umbanda, sempre singulares e livres das amarras do reconhecimento pelos dogmas fundamentados na institucionalização (VERAS, 2015, p. 109). Entendo, a partir disso, que o “aprendizado com as entidades” e a continuidade dos ensinamentos ancestrais dispostos nas performances dos pontos cantados, ao serem levantados por Luiza, estabelecem uma significativa conexão entre presente e passado, ocasião em que estes não deixam de demonstrar todo o sofrimento imputado aos negros ao longo de sua vida ajudando ainda na compreensão de que o corpo se vai, mas a alma daquele que se foi estará sempre a transmitir sabedoria. A respeito desses cantos na vida do quilombola Namastê, Luiza expõe:

A gente tem respeito aos pontos. Eles apenas são cantados em sessões. Ninguém chega cantando ou resmungando os pontos. Até meus netos menores já sabem que os pontos não são pra cantar dentro de casa. A gente não proíbe. Todos são livres! Os Orixás que fazem com que o canto seja cantado só lá na sessão. Depois que sai da sessão, ninguém sabe cantar mais os pontos. As entidades

---

<sup>181</sup> Luiza me disse que a entidade Caboclo Pena Branca foi o primeiro a incorporar no terreiro e por isso seu nome corresponde ao mesmo do espaço sagrado. Sempre respeitando os mistérios espirituais, não significa que esta entidade, compreendida pelo gênero masculino, seria precisamente chefe das atividades espirituais, pois - fundar e liderar – são atribuições predispostas pela vontade espiritual. Assim, mesmo não sendo a fundadora do terreiro. no TCPB a entidade Vovó que trabalha com Luiza lidera as atividades espirituais.

<sup>182</sup> Disso, vale recordar a transmissão Matrilínea das chefes de terreiro no quilombo.

trazem os pontos e levam. Se elas falaram...você não vai cantar, você não canta.

Alguns pontos que a pessoa canta e não sabe pra quê que serve pode fazer com que ela fique tomada. São uns tipos de pontos que podem pegar a pessoa. Esse eu não quero que ninguém faça uso deles em casa. Então, contamos com os guias pra não deixar as pessoas lembrarem dos pontos. Você vai ler os versos, mas o ritmo não vai saber. Se você bota um certo tipo de ponto na cabeça você pode pegar entidade. Mesmo não sendo um médium você pega. Eles querem área (...). Eles querem mais coisas e mais coisas. É perigoso você ficar tomado. Se você não nasceu pra ser médium, você não balança. Você não sente nada!

Umbanda não ensaia, Umbanda faz. Umbanda não se canta, Umbanda arreia.<sup>183</sup>

Enquanto canções que carregam versos fixos observei que algumas palavras podem ser trocadas e, a depender de sua função, preserva-se apenas as estruturas sonoras que permitem o reconhecimento do canto.<sup>184</sup> A diferenciação da performance do canto está submetida à identidade do terreiro, à sessão espiritual, ao médium e à entidade que chega cantando o ponto. Os sentidos de cada palavra, e principalmente a relação com o corpo do médium, implicam mudanças na voz e, por sua vez, na canção. Conforme sintetiza o Capitão Mor Braz da Luz, da Comunidade dos Arturos, consigo compreender desses versos que “uma palavra pode sê uma penca de ideia” (PEREIRA & GOMES *APUD* GLAURA LUCAS, 2005, p. 58). A observação de Glaura Lucas quanto aos cantos do reinado de Nossa Senhora remete pode elucidar um pouco sobre as questões dos pontos cantados ao indicar que “a característica metafórica dos versos, elaborados criativamente como enigmas, contendo múltiplos sentidos, permitindo a transmissão de informações e o movimento de poderes mágicos, sendo que a decodificação dos significados essenciais fica reservada ao grupo”.

---

<sup>183</sup> Transcrição de falas durante a qualificação de mestrado em novembro de 2019.

<sup>184</sup> Isso está relacionado aos segredos de comunicação que os pontos cantados podem guardar. Dessa forma, como também já me demonstrou Luiza, palavras que se relacionam à dogmática católica, comuns em entendimento cotidiano, humores tristes e alegres estariam condicionados a sentidos que em disfarce escodem a pretensão do escravizado de modo a garantir liberdade religiosa, liberdade de expressão e busca por uma vida melhor. Atualmente, creio que notar estes sentidos apenas se faz possível com o ensinamento daqueles, como Luiza, que guardam e transmitem os saberes tradicionais ao longo de sua vida.

A título de exemplificação, seria possível elaborar imagens dos estados mencionados pelo olhar reflexivo e atencioso durante a incorporação e cânticos dos Pretos Velhos que presenciei no TCPB. Acredito que tais memórias avivam certo lamento lembrado pelos cantos dessa falange, ocasião em que sobre esse fenômeno a Mestra exprime:

O Lamento é uma coisa que já é nossa. Não cabe a ninguém carregar uma responsabilidade nossa. Desde que a gente nasce, já sabemos que teremos isso. O ponto do pai preto é o nosso lamento. Ele traz outros tipos de falanges:

8- Ponto cantado: Ponto Pai Preto

*Ai meu pai preto que vem de Angola / Ai meu pai preto que vem de Angola/ Venha ver os filhos seus por que é que quer chora.  
Pai Preto que vem de Angola, vem com ordem de Guiné / Vem trazer suas falanges, aí pra curar filho de fé*

Pai Preto é um preto velho que vem de Angola todo machucado, né?! Ainda por cima ela chega e acha o filho machucado. (...) Então, é um pedido que ele faz pra pessoa que tá doente pra gente dá o consolo e a cura. (...)<sup>185</sup>

(...) Nós temos certeza que vamos conseguir. Temos fé que vamos chegar no nosso objetivo. Então o Pai Preto passa a mão, cura nossas feridas e nosso coração dando-nos a paz e a tranquilidade.<sup>186</sup>

Das falas de Luiza sobre o ponto cantado “Pai Preto” que este guia orienta uma luta da CQN-Ubá/MG revestida por alto grau de esperança, necessária para a conquista de uma sonhada e ainda negada justiça, reconhecimento, e oportunidades sociais, culturais e materiais para os povos negros.

---

<sup>185</sup> Vide link: [https://drive.google.com/file/d/1xi2Vn4PXWNySZ6\\_ANMX0xyoxXD14OyF1/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1xi2Vn4PXWNySZ6_ANMX0xyoxXD14OyF1/view?usp=sharing)

<sup>186</sup> Transcrição de falas durante a qualificação de mestrado em novembro de 2019.

Os versos cantados na CQN-Ubá/MG, como se nota de vários já introduzidos neste trabalho, são estruturados em língua portuguesa, mas, em alguns casos, serão trazidas ao texto palavras próprias de uma específica ‘falange’<sup>187</sup>, de maneira a movimentar o sentido do canto e a oralidade da comunidade ao longo de toda a sua existência. ( datada pelo menos em 1836 como já anunciou Luiza). Esta estruturação de linguagem dos cantos, ao mesmo tempo que facilita a rápida compreensão não deixa de produzir significados próprios e reservados aos religiosos da comunidade. Penso que os cantos em língua portuguesa e compreensão de sentidos podem proporcionar ajuda espiritual àquelas pessoas necessitadas. Como acena o Sacerdote Álvaro, com quem o pesquisador Hermes de Souza Veras trabalhou:

[...] para as entidades espirituais que estão recebendo, estão ouvindo a doutrina, que estão ouvindo o canto, eles estão se manifestando para ajudar aquela pessoa naquele sentido. Aí é aquela coisa de falar assim pra que eu vou cantar em iourubá se eu sei cantar em português. [...] (ÁLVARO PIZARRO, DE 2014, APUD VERAS, 2015, p. 115)

Compreendo que a escolha da linguagem permite a transmissão e transformação de energias, não só pela compreensão do texto, mas pelo modo de entoação firmado. Sobre isso, por meio das falas transcritas da Mestra que seguem abaixo, entendo que é possível, a partir do que se extrai do pontos cantados - “Quero ver balancear”, “Caboclo Bruto” e “Nego Veio Preto Corta no ar”, perceber um pouco do fazer dos cantos nas sessões espirituais do TCPB.

9- Ponto Cantado: Quero ver balancear

*Se meu pai é Oxossi eu quero ver balancear/ Arreia, arreia caboclo da jurema e jurema.*

Luiza: O ponto tá dizendo que se você tem mediunidade você vai balancear. Balancea e arreia. É caboclo da jurema e ela fica na mata. É uma coisa atrás da outra. (...)

---

<sup>187</sup> As falanges, pelo que percebi de algumas conversas com Luiza, consistem em agrupamentos de entidades ou guias espirituais que irradiam energias semelhantes e por meio destas, além de se identificarem e se atraírem, trabalham juntas em específico rito e propósito durante a sessão.

Eu canto três vezes e os ogãs sabem quantos cantos esperar para começar a cantar e tocar. Aí, eles têm que entrar direto. Nesse momento não são eles mais, tem os espíritos que encostam neles. Que são os indígenas que trabalhavam com atabaques. No momento em que eu vou para o altar para fazer as minhas orações, eles também já são convocados.

Mal canto os pontos e eles já acompanham. Não tem um que eles perdem o ritmo. Mudam as batidas. Preto velho é uma batida, Exu é outra batida, caboclo é outra batida e criança é outra batida. Nós temos toques para todos os tipos de espíritos. Quando canta pra Oxossi. É outro tipo de toque. Porque o toque precisa ecoar lá na mata.

Para trazer eles. Um [atabaque] chama e outro fala cheguei. O atabaque tem que falar. O atabaque tem que falar pra entidade escutar.

No momento que a gente entra no culto, ninguém se fala mais. Quem fala são apenas as entidades. Você se torna um ouvinte. Quando o caboclo ou o Preto Velho firma um ponto, os ogãs acompanham sem sentir, e no ritmo que as entidades querem. As batidas que eles querem. Quando as entidades não querem cantar eles botam na cabeça do ogã para cantar o ponto que eles querem. No momento em que faz a parada [sem canto e sem atabaque] as entidades levam as toadas [energias ruins] deles pra fora. Quando a entidade canta, ela vem trazendo outros fluídos. Ele leva aqueles fluídos maus e traz outros. Ocorre sempre a renovação de poderes e de graças. No momento que você está tocando você não está ali. Eles usam apenas a sua voz. (...) Cantam aquilo que eles querem. Às vezes eu quero cantar um ponto e sai outro muito diferente. Quem manda no toque são eles. Como o terreiro lá em casa tem muitos anos, pode ser o melhor ogã, você não consegue tocar os atabaques. Tocar é uma coisa, cantar é outra. (...)

#### 10- Ponto Cantado: Caboclo Bruto

*Caboclo que veio do fundo do grotão. /Ele é um caboclo bruto lá do fundo do grotão/ Oi risca a pamba. Oi tira o ponto, vem salvar nossos irmão/*

*Oi tira a pomba/ Oi risca o ponto, vem salvar nossa nação.*

Link:

[https://drive.google.com/file/d/1FM-F8ep3Q\\_bh\\_lblvD18HbU\\_-sDM5MDc/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1FM-F8ep3Q_bh_lblvD18HbU_-sDM5MDc/view?usp=sharing)

Luiza: O caboclo é bruto. Quando ele risca, a pessoa deve cumprir a tarefa dele. Tarefa de salvar o povo e a nação junto com ele. Esse caboclo não vem em sessões. Só aparece em alguns lugares. Ele é o elemento do tempo:

11- Ponto Cantado: Nego Veio Preto Corta no ar

*Eles tão fazendo rodinha pro meu centro afundiá/*

*Eles tão muito enganado, oi nego vêi preto cortar no ar*<sup>188</sup>

Luiza: O que é cantado no ponto tem que deduzir. No ponto cantado os pretos velhos estão na terra e no ar. [...] O toque bate dentro do seu peito. Ele puxa lá de dentro a coisa ruim. Ele entra dentro de você e não sai pra fora. (...) <sup>189</sup>

Pela escuta de inúmeros pontos cantados pude constatar a orientação de vivências retratadas pelas mais variadas formas de sensações sonoras que permitem fortalecer memórias na QCN-Ubá/MG. Faço referência principalmente a centenas de cantos que Luiza me proporcionou e os seus variados contextos de entoação, como: na vida cotidiana; nas festas de Pretos Velhos, durante os diálogos que tive com ela ou na palestra em escola Quilombola; em sessões espirituais, – sessões de caboclos/ pretos-velhos, exus, pomba gira, ou ainda em gravações de cantos programadas e não programadas. Aqueles sentimentos como tristeza, alegria, confiança, saudade entre outros que, a depender da pessoa, podem ser ativados, bem como as memórias de tempos históricos de sofrimento, as imagens de entidades atribuídas à específica personificação e a conhecidos ambientes de atuação, os fatos e acontecimentos, não só do passado, mas do presente, em que nos encontramos, são rememorados, vivificados e potencializados.

---

<sup>188</sup> Link: [https://drive.google.com/file/d/1xi2Vn4PXWNySZ6\\_ANMX0xyoxXD14OyF1/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1xi2Vn4PXWNySZ6_ANMX0xyoxXD14OyF1/view?usp=sharing)

<sup>189</sup> Transcrição de falas durante a qualificação de mestrado em novembro de 2019.

O caráter sonoro de um ponto cantado com suas ordenações performáticas<sup>190</sup> pode possuir certo grau de intensidade em razão do tipo de demanda que será ‘quebrada<sup>191</sup>’ e a energia espiritual que as entidades deverão fazer atuar. Sendo assim, alguns cânticos podem ser lembrados por uma memória anterior que acusa reconhecimento do texto e do guia espiritual, mas os elementos acústicos são dinâmicos e se modificam em cada entoação para dinamizar diversas atuações energéticas. Nesse sentido, as múltiplas cargas energéticas trazidas de alguns participantes ao terreiro são trabalhadas pelos cantos e, ainda, a depender do grau dessa energia, um novo cântico pode ser trazido pela entidade a fim de favorecer que novas vibrações reelaborem o desempenho do trabalho espiritual. As atuações da entidade em sessão espiritual por meio de expressões como “Firma Ponto”, “Mantem a Corrente” e “Não deixa as forças das trevas atuarem” notadas ao longo do texto informam um propósito de transmissão de energia que condiciona a performance dos cantos e até mesmo a sua existência e construção sonora diversificada.

Constato aqui que os pontos cantados confirmam a centralidade nas sessões espirituais que presenciei através de sua potencialidade, trazendo a força e a intenção dos guias e agenciando os objetivos e resultados dos trabalhos espirituais no terreiro. Essa força na performance dos pontos cantados trazidos pelas entidades, chamadas por Maria Luiza de ‘firmeza’<sup>192</sup> é percebida sobre os mais variados aspectos sonoros dos cantos. Pela possibilidade de transmissão de energia positiva ou negativa pode ser estabelecido, não só pelas pretensões deste, o comportamento que os médiuns assumem frente ao modo de reprodução pontos cantados. Podemos então atribuir aos pontos cantados a função comunicativa que permite receber as orientações dos guias e, então, cumpri-las.

É importante abrir um parêntese aqui para expor como se estabelece a performance e autoria da música que praticada em alguns centros urbanos do mundo ocidental e a relação de

---

<sup>190</sup> Considero aqui como ordenações performáticas as questões da mediunidade que permite informar o modo de entoar os cantos na perspectiva da regularidade, irregularidade, contraposição e liberdade rítmica, nas produções de timbres, entrelaçamento de instrumentos e vozes; nas tensões e relaxamento enquanto discurso que evidencia motivos ou grandes estruturas e; na entrega do religioso em cada canto de forma a movimentar um expressiva intensidade e precisão na entoação da linha de canto.

<sup>191</sup> Como percebi das falas de Luiza, as pessoas podem ser acometidas de energias que lhes farão mal ou bem. Além disso, a atribuição de energias ruins fundadas no ódio, inveja ou vontade de fazer o mal podem vir de outras pessoas sendo necessário, em ambos os casos, a dissipação ou enfraquecimento dessas forças, ou seja, a quebra de demanda.

<sup>192</sup> A firmeza aqui mencionada está ligada à capacidade de concentração e direcionamento do pensamento ao sagrado no ato de uma sessão.

entendimento entre “música” e “ponto cantado”. Nos aspectos composicionais de uma canção, no mundo da “música”, em regra geral, o compositor geralmente procura dispor de recursos de identificação para informar de quem é, quando, a quem se destina, como e para quê se deu determinada composição e performance. Já os pontos cantados são fenômenos que perduram durante o tempo. Se em alguns cantos é possível perceber insatisfação diante das violações ocorridas em tempo de escravização, em outros é possível depreender forças que ajudavam os negros a suportarem sofrimentos e martírios, ou seja, em estado de transe, o canto era elemento afastador das dores da chibatada e agonias. Revela-se aqui a mediunidade que, em caso de maior violação do escravizado, era a florada espontaneamente e manifestada por cantos sendo, ainda, conduzida por uma inconsciência que poderia aliviar as dores. Por esta perspectiva acena-se para cantos que não têm a função de invocação, pois se instalavam em situação de transe ou incorporação já ocorrida. Em razão disso, seria possível perceber, também, que estes datariam de tempos imemoriais já que a vontade de sua externalização não estava condicionada ao receptor. Isso corrobora com o que Luiza me disse sobre a entoação dos cantos na sessão espiritual, já que, quando estes são entoados, a sacerdotisa revelou que estaria em outra dimensão, ou seja, não possui nenhuma consciência sobre a atuação da espiritualidade.

## Os cantos dos guias atuantes no quilombo



Figura 19 - Imagem do dia de gravação de cantos no quilombo.

“Salve Jesus Cristo! Salve o redentor! Salve a força de Xangô!”<sup>193</sup>

Como referenciado anteriormente, os pontos cantados no TCPB da CQN-Ubá/MG, em regra geral, são percebidos pelo som das palavras de língua portuguesa, mas, seus sentidos e significados podem escapar à compreensão da maioria dos falantes desta língua. Se por um lado, o canto em língua portuguesa acolhe os falantes desse idioma trazendo o conforto através do reconhecimento de palavras, por outro, elabora, para estes, uma ilusão de entendimento dos significados e significantes. Isso se dá porque a leitura que fornece a chave de entendimento de

---

<sup>193</sup> Trecho extraído do ponto cantado “Salve a força de Xangô”.

muitos pontos cantados ocorre no plano da ancestralidade, acionado com a atuação da entidade que entoava o canto. As palavras em língua portuguesa que são de aplicação costumeira para as falanges podem, então, ser carregadas de sentidos reelaborados que impedem qualquer compreensão na fala corriqueira. Na CQN-Ubá/MG os cantos orientam a expressão, sentidos e linguagem há séculos, pois, como me contou Luiza, são entoados desde a primeira manifestação do caboclo Pena Branca na senzala.

A seguir apresentarei um conjunto de 11 (onze) pontos cantados escolhidos pela orientação da espiritualidade informada pela sacerdotisa Maria Luíza. Cada ponto cantado terá relação com as seguintes entidades: Caboclos; Pretos Velhos, Almas; Povo da Rua; Povo das Águas; Pomba-Gira; Boiadeiro; Eres; Ogum; Exu e Xangô. Trata-se de cantos gravados no TCPB onde foi aberta uma sessão espiritual para fazer fluir a energia própria de cada guia, entretanto, sem os procedimentos de incorporação que, a meu ver, potencializa ainda mais a transmissão energética espiritual desses eventos sonoros<sup>194</sup>.

O conjunto de cantos mencionados foi gravado em grandes sequências em que ocorreram poucas paradas de descanso dos cantores e atabaqueiros. A cada finalização de um canto Luiza entoava outro chegando a sobrepor cantos. Nesse caso, tendo em vista a quantidade de 103 cantos aproximadamente gravados no dia e a complexidade de cada um quanto ao que Luiza teria para ensinar foi preciso limitar esta pesquisa ao número de 11 cantos que seguirá o seu respectivo guia. Alguns dias depois da realização das gravações foi feita uma edição com os cortes que individualizasse cada um deles. Vale ressaltar que esse momento de gravação não corresponde ao que ocorre durante a sessão espiritual no TCPB ocasião em que a entoação do canto procura seguir o propósito de retomada por três vezes sem sobreposição em relação àquele que finaliza e ao que se inicia. Desse modo, os cantos puderam ser escutados por várias vezes para realização de uma transcrição literal ressalvadas algumas correções que foram introduzidas a partir de informações trazidas por Luiza.

---

<sup>194</sup> A coleta de dados – forma de gravação de cantos, filmagem e entrevistas– seguiu a orientação de Luiza que por sua vez sempre disse que tudo ocorrerá com a permissão dos guias. Sendo assim, os cantos advindos dos médiuns incorporados são reservados à sessão espiritual e, a fim de não prejudicá-la, não puderam ser gravados. Entretanto, as gravações que trago a esta pesquisa foram portadoras de sublime riqueza energética bem próxima ao que notei nas sessões em que participei.

Os pontos cantados das entidades de direita – Caboclos, Pretos Velhos, Almas; Povo das Águas, Boiadeiro, Eres, Ogum e Xangô - e as de esquerda – Exu, Povo da Rua e Pomba-Gira – serão trazidos sem esgotar esse campo infindável de construções sonoras.



Figura 20 - Gravação dos Pontos Cantados. Foto: Frederico Mucci

## **Cantos dos guias de direita**

### ***Salve a Força de Xangô***

*Oi lá na mata virgem o leão roncou, lá na mata virgem o leão roncou.  
Oi lá na mata virgem o leão roncou, lá na mata virgem o leão roncou.  
Rei Salomão na força de Xangô...  
Salve Jesus Cristo! Salve o redentor! Salve a força de Xangô!*

Link: [https://drive.google.com/file/d/1D3TvFCAo\\_6hkaVZmpvyVAG4U6rQpkrTj/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1D3TvFCAo_6hkaVZmpvyVAG4U6rQpkrTj/view?usp=sharing)

### ***Deixa Ogum Rondá***

*Ogum meu Pai, Ogum Mejê/ Olha que Ogum tá de ronda auê /E olha que ogum tá de roda auê/  
Ogum meu Pai, Ogum Mejê  
Olha que ogum tá de ronda/ Olha que ogum tá de ronda/ Olha que ogum tá de ronda na  
Umbanda/ Oi deixa Ogum rondá*

Link: [https://drive.google.com/file/d/1xCeCEwf0CcyJK7jlswjg\\_GVJ4PvXN3E/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1xCeCEwf0CcyJK7jlswjg_GVJ4PvXN3E/view?usp=sharing)

Dos aspectos mais importantes a respeito do ponto cantado “Deixa Ogum Rondá” Luiza me disse que nele se chama três oguns. Sendo este guia<sup>195</sup> o principal guardião do TCPB, ela acrescenta:

Quando canta "Olha Ogum tá de ronda", ele tá do lado de fora rondando a Umbanda, rondando o terreiro. Ele fica na porta do terreiro. A gente tá chamando ele pra não deixar entrar inimigo ou

---

<sup>195</sup> Revela-se aqui uma força energética maior (Guia Ogum) e seus mensageiros (Os mensageiros de Ogum) que acompanham o nome dessa entidade para demonstrar o tipo de energia que estará sendo transmitida.

pessoas que vêm pra atrapalhar o culto. (...) Como nós somos da Umbanda a gente cultiva mais os guias mesmo, são os guias de Luz. Então os Exus só ficam pra carregar as coisas ruins que estiverem jogando em cima do terreiro, uma doença, uma macumba... então ele fica nessa parte. Aqui no terreiro nosso a gente faz muita cura, então não pode ficar chamando Exu, deixar Exu tomando conta do terreiro não! Aí sai muita briga, muita fofoca, muita desavença entre os médiuns. A gente respeita eles, o que eu peço eles... eles fazem, mas aqui ele é comandado. Aqui ele não é o dono da casa! Oguns, Caboclos, Preto Velho que são mesmo os donos da casa. Mesmo assim, no momento que você vai entrar no terreiro eles [Exu] também são [guardiões], mas é só pra pegar coisa ruim das pessoas, tirar outro Exu que a pessoa tá com ele no corpo, fazer transporte de um médium para o outro (...)

Tem vez que vem algumas entidades [Dizendo sobre a incorporação do Ogum]. Só que eles não falam... Não tem como ninguém entender porque é uma língua que não existe no mundo.

Nós umbandistas e nós quilombolas vivemos numa guerra, então Ogum e Xangô é nosso companheiro. Pra romper mesmo nós temos que seguir as sete falanges Ogum Rompe Mata, Ogum Iara, Ogum Mexe, Ogum das Matas, Ogum Sete Onda... e vai levando e vem trazendo, e vai rolando as ondas, passando por cima delas... Essa vida de negro não é brinquedo não. Nós lutamos pra sobreviver e lutamos para os que vêm. Só com as entidades mesmo pra vir na terra e fazer justiça, levantar bandeira e achar um que também ajuda a levantar bandeira. A nossa bandeira da paz é pesada... Eles [Colonizadores] não querem paz... só querem guerra e nós queremos paz. A única coisa que nós queremos, nós quilombolas e indígena, nós queremos paz! Nós não vamos atrás deles, não atacamos eles... É eles que nos ataca... Vem na nossa casa pra nos matar...Matando nosso povo, matando nossos bichos, botando veneno na nossa água, botando fogo nas matas, acabando com nossa comida, invadindo e deixando doenças pra matar o povo.

Nós queremos aquilo que Deus nos deixou que é a terra, água, o céu a lua e a estrela. Nós não precisamos de muito não, tendo um

ao outro e o mato nós vivemos muito bem. Com mato e água, terra pra plantar não precisa de mais nada não. Tendo o mato nós temos nossas ervas e fazemos nossos remédios não precisa de mais nada não. Eles que atrapalhou tudo com essa ambição e ganância!

Pelo verbo “chamar” mencionado por Luiza percebo um aspecto funcional invocativo da entidade que se faz necessários em razão do guia principal (Irradiador mais potente de energia espiritual) não se apresentar por mediunidade de incorporação ao passo que seus mensageiros podem atuar no terreiro por este mecanismo.

Pelo texto do canto "Deixa Ogum rondar" percebo que se reelaboram eventos sonoros que incidem insistentemente sobre a ação dessa entidade sempre à espreita de tudo que venha a prejudicar os trabalhos espirituais no terreiro.

### ***Caboclo Sete Flechas***

*Ê...rêrêê Caboclo Sete Flecha no Congá/ Ê...rêrêê Caboclo Sete Flecha no Congá  
Saravá Seu Sete Flechas/Ele é o rei das matas/A sua a bodoca gira paranga?  
Sua Flecha Mata  
Ê...rêrêê...rêrê rêrê rêrê rêrê rêra*

Link: [https://drive.google.com/file/d/19QpX5VYbPKmwPfpocum\\_Pk0IvhhMX\\_aC/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/19QpX5VYbPKmwPfpocum_Pk0IvhhMX_aC/view?usp=sharing)

Nas sessões no TCPB, os caboclos incorporam pouco depois da abertura da gira. Logo, o fluxo energético que se transmite pode ser sentido de maneira incisiva e, considerando o que me disse Luiza, a intenção disso é a quebra de demanda sem qualquer hesitação. Sobre mais, Luiza explica:

Ele [Sete Flecha] tanto irradia como vibra as energias. Ele é um caboclo que consegue atirar sete flechas de uma só vez com um arco só. Ele enfrenta todas as demandas, por isso que ele trabalha em

sete linhas. (...) Ele chega [rodada no terreiro] pra ver se tem algum inimigo. (...) A bodoca é o arco-flecha. Paranga é o irmão e inimigo também. "A sua bodoca gira Paranga, sua flecha mata". Ele tá avisando o inimigo, não mexe com ele não. No momento em que está cantando e fazendo a oração os maus espíritos não entram pra dentro do terreiro, eles gostam de ficar na porta esperando quem tá com o peso pra pular de novo. Aí ele [Sete Flechas] espanta da porta. Ele, Gira-Mundo, Ventania, são caboclos que não têm lugar pra ficar não. Se você pedir pra ele [Caboclo Sete Flecha] pra fazer um trabalho, ele vai fazer...Tem muita gente que fala... Ai meu Deus do céu, eu tô com uma dor de cabeça que não aguento?! Uma dor de cabeça forte já é uma flechada que tomou na testa. (...) São as energias... As vezes a pessoa tá com problema de saúde, problema de demanda mesmo... as vezes colocaram alguma coisa na pessoa... Você dá uma firmada nele [Ponto do Caboclo].(...) Tem que ter firmeza... deixar o pensamento fluir. Se pensar em coisa ruim, vai vir coisa ruim. O pensamento da gente que faz as coisas (...). Se ele [caboclo] não quiser ele, não deixa cantar não! Se ele não quiser que canta você não consegue canta!

(...) É pra desmanchar demanda mesmo, é pra quebrar! Tem que firmar a atabaque. Fazer cantar o ponto. Tem que bater o ponto no atabaque. Ele [Sete Flechas] cerca, igual um mourão de cerca, a gente coloca uma porção de bambú, mas sempre um fica no chão.

Ele [caboclo] não tem esse negócio de trabalhar só com fulano não. No mundo espiritual eles se tornam um só. São todos amigos, um ajuda o outro. Nós quetemos diferença... Tem o pobre, tem o rico; tem fulano que ajuda, tem o que não ajuda... Mas na espiritualidade não existe isso não. (...) Isso é uma corrente! (Comunicação pessoal, 14/09/2020)

Como disse Luiza, a flecha do Caboclo representa os sete mistérios da Umbanda. Demonstra-se a partir da ferramenta do caboclo a possibilidade de espantar os maus espíritos dissipando as energias negativas o que implica uma força interpretativa carregada de elementos sonoros que proferem um discurso ágil, preciso e sem margem de dúvidas.

### *Choro meu Cativoiro*

*Eu choro meu cativoiro, meu cativoiro cativera/ Eu choro meu cativoiro, meu cativoiro cativera  
Oi Tempo da escravidão, Oi nego tinha sinhô/ Agora'cabou cativoiro, Oi nego é Sinsinhô*

Link: <https://drive.google.com/file/d/12uCcrw1e-RIE5fFCML4hDL4k-XC0RC45/view?usp=sharing>

Este canto é destinado a agenciar as forças dos Pretos Velhos trazendo memórias de um tempo de escravidão em que o negro não possuía voz ativa. A respeito de um canto que demonstra uma linha mais próxima do eixo atrativo da voz de fala e os sentidos das palavras, percebo aqui, sem desconsiderar nenhum outro, uma entidade que causa grande emoção à Luiza. Trazendo suas reflexões sobre este canto e a entidade que nele se evidencia a Sacerdotisa expõe:

Ele [Preto Velho] chora o cativoiro dele mas não é de saudade (...) Ele chora o cativoiro porque antes o Nêgo não podia falar. O Nêgo não tinha voz ativa. Agora Nêgo virou doutor... Sinsinhô! Agora ele é livre pra falar o que quiser. Eles choravam de tristeza, agora chora alegre. Ele [Pretos Velhos] é energia pra educar, acalmar, aceitar os fatos da vida mostrando que apesar de tudo que ele passou ele é alegre (...) Ele traz alegria, harmonia e paz.

Ele é um conselheiro, tanto espiritual quanto material. A pessoa pode estar muito desesperada e, quando consegue falar com o Preto Velho recebe todo apoio [Como se fosse um psicólogo espiritual] Dali vai vindo as ervas. As vezes a pessoa tá precisando tomar umas ervas pra acalmar, problema de nervo, estrutura... a pessoa tá desorientado sem saber o que vai fazer na vida (ou) aceitar os fatos. As vezes a pessoa tá com muito problema, ele mostra a saída e como pode agir. Na Umbanda o Preto Velho é tudo! Tanto na parte material, espiritual e moralmente também. Você pode estar caído, chegando perto do Preto Velho ele levanta a sua cabeça... ele te levanta e faz você aceitar a realidade da vida (...) O Preto Velho vem

com uma energia muito boa. São espíritos que já foram alvos do sofrimento... Ele conhece tudo quanto é tipo de sofrimento, tudo quanto é tipo de martírio.

Ele sabe muitas ervas, ensina muitos chás... tanto pra pessoa adulta como pra criança, gestante. Não só os Pretos Velhos... Têm as Pretas Velhas que eram parteiras e curam as doenças do útero, ovário (...)

(...) O terreiro foi entregue pra ela [Entidade Vovó] (é) uma liderança que mexe com tudo quanto é parte das coisas [procedimentos espirituais]. A Preta Velha que toma conta [do terreiro] é como um clínico geral. Então Ela entende de tudo. Por isso foi escolhida pra tomar conta dessa parte (...) desse terreiro.

A energia do Preto Velho é voltada pra conversa, cura, desentendimentos. Agora o caboclo já vem pra desmanchar as demandas. As vezes a pessoa tá sentido alguma coisa, mas é coisa feita. O Preto Velho desmancha, mas quem carrega é o caboclo.

Você abre a sua mente. Vê que você tem que aceitar aquilo [problemas] com alegria. Por isso que ele fala que chora o cativo dele, mas não é de raiva... é com alegria. Se ele fosse ter raiva no coração (...) fosse apegado a alguma coisa, ele não voltava na terra. O sofrimento que ele teve foi pra dar a liberdade pra nós. Se não fosse a luta deles... Por isso nós temos que agradecer, pedir força pra continuar fazendo o que a gente faz - igual eu (Luiza) faço! (...) Pra deixar um caminho mais limpo. Com mais amor, sinceridade, fraternidade e mostrando que existe família.

No cativo não tinha esse negócio de falar “eu não gosto de fulano”... Ali o objetivo, a luta era uma só. Todos lutavam pela liberdade. (...) O que eles queriam era a liberdade, poder andar no chão. Os homens que entraram no poder que tirou as terras dos negros! Eles queriam andar, respirar, ter a liberdade do corpo e do espírito. O nêgo no momento que foi acorrentado (...), até o espírito deles foi amarrado. Por isso que você pode ver! Tem umas entidades que não gostam de pano na cabeça, se você bota um turbante você não pode fazer nó que aquilo pressiona eles como se estivessem amarrados. Eles não gostam de calçados porque se sentem amarrados; (de) grampo, porque lembra espetos que enfiavam no

suvaco deles como se fosse boi, [isso era] pra trabalhar mais rápido...

Na língua de Preto Velho o 'sô', Sinsinhô é o seu [nêgo] nome. Dotô é o dos brancos. Às pessoas que têm fé eles mostram essa energia, energia do trabalho. (...) As pessoas que mexem com santo mesmo, você não sente que você tá vivo. A energia é tão boa que você não sente as batidas do seu coração. Você se sente tão bem que entra num tipo de transe que, se tiver uma dor, você não sente aquela dor mais, você sente o corpo leve, você não lembra de nada.... São duas, três horas de trabalho que você está só naquela energia... Você se torna um ser que não sabe se é você.... Você quer estar ali! São os pontos que eles cantam que traz essa energia que é pra descarregar a pessoa, tirar essa carga pesada do dia a dia... Você se sente bem. E aquelas horas que você se sentiu bem vai te dar uns dois três anos a mais de vida. Tirando aquele amargor, aquela coisa ruim da sua mente (e) do seu corpo... aquela energia pesada.

Nós [Pessoa da umbanda quilombola Namastê] temos dois patamar. No momento que você vai fazer sua prece e tudo, se a pessoa é uma pessoa boa e você merece a energia que tem naquele patamar ela desce... como se fosse uma nuvem de fumaça. Por isso que os Preto Velhos fumam muito, eles pegam aquela energia na fumaça...vai levando e vai trazendo.

O tambor pra ser bem tocado tem que ter muita firmeza. A pessoa que é ogã tem que ter muita firmeza. O tambor pra nós, na Umbanda, aqui (no terreiro) é um ritual, é uma coisa sagrada. Ele ajuda a cantar também! Esses negócios do ritmo [os cantos], eu não sei... É do jeito que os Pretos Velhos vêm e canta... O ritmo até que eu sei, mas qual a impressão que dá é só pra vocês [pesquisador] que estudam isso. Os pontos tem essa função de trazer energia. Cada uma [entidade] vem trazendo os seus pontos, depois ali eles vão começar a soltar o que tinha no cativoiro, a cantar as coisas deles lá. (...) Os próprios guias já têm os pontos deles.

(...) Eles [entidades] dançam pra puxar energia, mandar o fluido pra longe. As vezes a pessoa mora longe e precisa mandar aquela energia, ele vai lá. No momento que ele dá uma girada ele vai longe.

Ele vai em qualquer lugar que a pessoa está precisando (...). Tem aquele ponto: *O meu caboclo, ele vem de longe, ele vem do norte ele vem do sul (...)* - *Ele vai pra qualquer lugar.*

Os Pretos Velhos têm muitas orações muito boas. (...) As vezes chega uma pessoa perto deles pra benzer e eles falam baixinho, ela não tá entendendo, mas ele tá é rezando um tipo de oração deles lá, (...) ou falando com outra entidade que e a pessoa não tá vendo... Os Pretos Velhos expulsavam os demônios com cantos. Nós [umbandistas] exorcizamos pelos cantos. A Umbanda tem muitos mistérios... A gente pratica e morre sem acabar de praticar e sem entender (...) (Comunicação pessoal, 21/09/2020)

Sobre as sensações que os cantos trazem percebo que o entrelaçamento entre as saudações aos Pretos Velhos, as palmas e o rufar dos atabaques informam memórias daquelas almas que ganharam, através da superação dos sofrimentos e martírios, grau elevado no plano espiritual e agora, em generosidade, ajudam quem precisar. Os pontos finalizam com interjeições de respeito às entidades e, pela voz de fala, pedido de benção aos Pretos Velhos: "*Salve Pai Joaquim, Mãe Filisbina, Pai Firmino, Mãe Maria*" somado a uma resposta livre de cada membro integrante do conjunto de vozes.

### ***As Almas***

*Eu andava pelambulando sem ter nada pra comer/ Vou pedir as santas almas para vir me socorrer*

*Eu andava pelambulando sem ter nada pra comer/ Vou pedir as santas almas para vir me socorrer*

*Foi as almas que me ajudooo, foi as almas que me ajudou/ Foi divino Espírito Santo viva a deus nosso Senhor/*

*Foi as almas que me ajudooo, foi as almas que me ajudou/ Foi divino Espírito Santo viva a deus nosso Senhor*

Link: <https://drive.google.com/file/d/11jwypvUXg1-HgJzw7E8nB7aJAAtxw113h/view?usp=sharing>

No verso deste canto se nota a demonstração de gratidão às santas almas, de forma a envolver todos aqueles espíritos que, pela transmissão da vibração, acolhem e aconselham os aflitos e necessitados no plano terrestre. A falange das "Almas" guarda significativa proximidade

com aquela dos Pretos Velhos, notados através do típico fluxo de energias e aspectos vibracionais/sonoros que atuam em benefício daquele que as invocar. Se por um lado os Pretos Velhos são identificados por aqueles mais sábios e conhecedores dos mistérios do plano espiritual, as santas almas não se fixam à identificação individualizada, pois, seu fluxo energético atua pelo viés coletivo mantendo a força direcional de uma prece, corrente ou em propósito voltado à concentração do religioso.

### ***Boiadeiro cortou cana***

*Boiadeiro, Oi cortou cana, mas não tem boi pra puxar/ Boiadeiro, Oi cortou cana, mas não tem boi pra puxar*

*Hêhhh, Auê Boiadeiro põe seus filhos a trabalhar/ Ehhh, Auê Boiadeiro põe seus filho a trabalhar*

Link: <https://drive.google.com/file/d/1r5crC1PTiTd8PbAoOshRwLOMT45SQ6VA/view?usp=sharing>

### ***Mariazinha da beira da praia***

*Mariazinha da beira da praia, como é que sacode a saia/ Mariazinha da beira da praia, como é que sacode a saia*

*Assim, assim, assim...assim é que sacode a saia/ Assim, assim, assim...assim é que sacode a saia*

Link: <https://drive.google.com/file/d/1xj3yqfcXFkXETOCITF4SxTv777Z4J4gn/view?usp=sharing>

Luiza: Quando chega no fim do ano, que é aniversário deles [Entidades Erês] eu tenho que dar os doces, tenho que pedir esmola pra eles (...). Eu sei que eles agradam de doces então nesses dias eles encostam nos meninos pra comer à vontade. No dia de Cosme e Damião eles encostam naquela pessoa... Tem muita mulher aqui que esquece até que elas são adultas e correm atrás de uma bola, dos meninos pra pegar pacote de bala, bombom... Elas voltam a ser criança também e a gente cai na gargalhada! É divertido viu! Eles [Erês] não tem lugar pra ir não. Eles dançam cá dentro, dança lá fora, corre atrás de menino, agarra os meninos, brinca com

outras crianças..., brigam um com outro, puxa cabelo, toma a coisa do outro, faz o outro chorar... igual menino mesmo. Eles fazem o que querem!

Tem uns que enche a barriga demais e vai pro canto dormir. Tem os brinquedos deles... um tem bola, outro tem carrinho, outro tem boneca, outro tem isso, outro tem aquilo... Tem as manias deles, um chupa dedo, outro (...)

[O aparelho] fica praticamente o dia inteiro [em transe], eles não soltam a gente. E é cansativo porque eles querem fazer do corpo do cavalo [o médium que recebe as entidades] corpo de criança. Na chegada deles o seu corpo pega a mesma energia de uma criança (...) Vira cambalhota, corre, carrega o outro de cavalinho, puxa o outro, pega o outro... É normal! Aí não fala como eu falo, é outro tipo de voz. Conversam igual criança mesmo. (...) A mesma hora que tá brigando, que tá batendo, tá de bem... não tem mágoa. Depois eles brincam de roda, pique-pique, de esconder, cantam...

### ***Povo das Águas – No fundo do Mar***

*Quem manda marola do mar é a sereia/Quem manda marola do mar é a sereia  
Oi tem areia, oi tem areia, oi tem areia no fundo do mar tem areia*

Link: <https://drive.google.com/file/d/1TP9vaEOUf8QFtb2nj-9RGVxLLd2igqiS/view?usp=sharing>

### **Cantos dos guias de esquerda<sup>196</sup>**

#### ***Deixa a Pomba-Gira passar***

*E a...bre a roda, Oi deixa a Pomba-Gira passar*

*E a...bre a roda, Oi deixa a Pomba-Gira passar*

---

<sup>196</sup> Durante a pesquisa de campo pude presenciar apenas uma sessão espiritual reservada aos guias de esquerda, assim, considerando a necessidade de tempo maior para observar este fenômeno, dada a complexidade da abordagem, me limitei a não trazer maiores questões sobre as sessões espirituais reservadas aos guias de esquerda apresentando aqui observações da mestra Maria Luíza voltadas a apenas a três cantos informadores dessa energia e seus respetivos guias; Marília Padilha, Pomba-Gira e Exu tranca rua da porteira.

*Mas ela tem, um peito de aço ela tem, peito de aço e coração de sabiá  
Mas ela tem, um peito de aço ela tem, peito de aço e coração de sabiá*

Link: <https://drive.google.com/file/d/1I0pDfbVAd9p0xOTIjMAD31nLBNfW9flA/view?usp=sharing>

### ***Exu das Sete Encruzilhadas***

*Portão de ferro cadeado de madeira/ Portão de ferro cadeado de madeira  
Exu...toma conta, Exu..., Oi presta conta. /Oi Seu Exu tranca rua da porteira*

Link: [https://drive.google.com/file/d/1IRYvIHvLv1m1w0LlaxoFn6\\_sPOtiTzh/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1IRYvIHvLv1m1w0LlaxoFn6_sPOtiTzh/view?usp=sharing)

### ***Povo da rua - Maria Padilha***

*Ela é mulher da encruzilhada, ela é, ela é a mulher de Amulu/ Ela é mulher da encruzilhada, ela é, ela é a mulher de Amulu  
Salve o sol, salve a estrela, salve a lua/ Saravá é a Maria Padilha qu' é mulher da rua/ Salve o sol, salve a estrela, salve a lua/ Saravá é a Maria Padilha qu' é mulher da rua*

Link: [https://drive.google.com/file/d/1mzQx3Y-BGI3iT0RL3\\_KMt5t5Npk9z8zK/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1mzQx3Y-BGI3iT0RL3_KMt5t5Npk9z8zK/view?usp=sharing)

Sobre os três pontos cantados acima apresentados, relacionados às energias de esquerda, Luiza expõe:

A Padilha não morreu não, ela sumiu. Ela fica na encruzilhada mesmo. É uma mulher que não tem marido [ou que] gosta de um homem só (...). Ela anda em qualquer hora, de dia, de noite, quando tem estrela, só não anda quando tem chuva. Exu não gosta de chuva... A chuva vem de cima, aí quebra as forças dele. Se tiver que fazer uma entrega na encruzilhada e tiver chovendo, não faça!

A gente tem que rezar e orar mesmo, mas nem por isso a gente tem que desfazer da outra parte. [Forças de esquerda] (...) É você não adorar... é respeitar. Adorar só a Deus, Jesus Cristo e Nossa

Senhora... Você respeitando não será atacado. "Igual com cachorro. Se você passa perto dele e mostra que tem medo ele vai te avançar. Se você olha pra ele com uma cara de respeito, ele vai te ignorar." Cada um tem sua força, cada um tem sua energia. Você sabendo respeitar, você pode cair numa encrenca daquela... ele [guia da força de esquerda] também te salva.

A utilidade deles [Exus] na Umbanda é porque vêm muitas pessoas com um deles. Quem vai levá-los?! É eles, eles que traz eles que levam. (...) Eles sabem o ambiente deles... Igual: tem botequim que você entra e tem botequim que é da pesada que você sabe que não vai entrar. Então assim é eles... Aqui é lugar de bem, então eles não vão entrando de qualquer maneira, pode entrar, mas comportando. Agora o lugar que eles gostam de fazer bagunça, eles já entram quebrando tudo e fazendo graça. Aí se tem um espírito no lugar que não é disso [bagunça], eles mesmos carregam. Na Umbanda a utilidade deles é pra desmanchar trabalho dos próprios colegas deles, um convence o outro. As vezes a pessoa não merece aquilo... Eles não aceitam dívida, se você falar que vai dá a eles aquilo, você tem que dá... Se vira! Ele que pede e pede o que quiser, o horário que ele quer... Se deu... quem dá mais... É um jogo!

Quem faz pacto com eles não pode fazer benzeção não (...) pra curar e melhorar a vida das pessoas não pode não. Não pode acender uma vela branca... só tem que ser as coisas mesmo do escuro. Não pode fazer doação de nada, não pode dar nada a ninguém, não pode receber ninguém na sua casa... Você vive totalmente isolado. Na hora que você faz o pacto com ele a pessoa não sabe o que ele vai querer. Ele te engana e a ambição é tão grande que a pessoa fala: "O que você quiser eu te dou!" Aí depois vai ver o que ele vai querer(...)

Eles [os Exus] não são ruins, são pessoas que não acharam lugar, nem no inferno (...) por isso o lugar deles é na rua. Ele não fica procurando... as pessoas que chamam com ódio no coração, desejando mal para os outros, xingando nome ruim dentro de casa... Então eles vão! Isso atrai coisa ruim... Onde tem muita bebida, mulher de vida mundana [que fica com muitos homens], ela

[a Pomba-gira] vai viver junto com aquela mulher, vida fácil, quer ganhar, ter dinheiro (...). A Pomba-gira não tem filho não, todo filho que ela tinha, ela comia ele. Ela não quer perder a pose, quer se sentir sempre linda, maravilhosa.

Esses Exus não morreram não, eles tão vagando por aí e montam em qualquer corpo. Hoje eles estão mais próximos das pessoas. Antigamente eles não tinham tanta força pra aproximar das pessoas porque todo mundo sabia uma oração. Não só a oração do Pai nosso e a Ave Maria, mas as pessoas tinham outras orações. Sabiam como benzer um corpo, isso era passado de geração a geração. Hoje em dia os jovens e até as pessoas mais velhas não estão sabendo como se defender do diabo. O diabo sabe rezar, mas não sabe falar as palavras (...). Quando você está rezando, faz em nome do pai e não fala o nome do nosso Senhor Jesus Cristo ele acha que você está rezando pra ele.

Então o povo hoje em dia não tá ligando, ele faz o nome do pai e sai com o corpo dele aberto... É um prato cheio pro demônio. (...) Quem abre a guarda pra ele, ele ataca!

(...) Agora, os guias tem dó, benze a gente, procura caminhar a gente... Os guias de luz nos consola e eles [Exus] já são diferentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como demonstrado na introdução deste trabalho, iniciei os meus estudos em comunidade Quilombola a partir da orientação da Profa. Rosângela, com a coorientação do Prof. César e preparação incessante da Mestre Quilombola Maria Luiza. Confesso que esta pesquisa se mostrou desafiadora por diversas razões, entre elas, destaco três mais evidentes: a) definição sobre como olhar para o objeto de pesquisa "os sons e as suas mais variadas combinações" a partir do que percebi na CQN-Ubá/MG e os objetivos acadêmicos da pesquisa científica em Música; b) considerando o necessário afastamento das teorias norteadoras e predominantes do sistema europeu de percepção e análise musical, me sobreveio a preocupação, às vezes congeladora da fluidez da escrita, de como expressar e demonstrar os pontos cantados como fenômeno sonoro compreensível como pesquisa em Música e, principalmente, mantenedor da expressão dos eventos sonoros coerentes aos observados e firmados no quilombo; c) redirecionar a pesquisa por não ser mais possível a ida em campo para coletar os últimos dados solicitados na qualificação em razão da pandemia do Covid-19.

Desde a primeira ida ao campo de pesquisa, ao escutar os primeiros cânticos no TCPB pude concluir que as análises voltadas às ferramentas da música europeia não dariam conta da expressão cultural quilombola que observei de perto. Primeiramente por se tratar de quilombo que na sua existência luta há séculos contra qualquer meio de colonização e tentam redução cultural e vida digna, considerando, principalmente, um sistema de letramento que dita as regras de ascensão de classe social. Em segundo lugar, por razões voltadas à produção sonora e sua materialização em pesquisa acadêmica que correspondesse ao modo e condições de fazer daquela específica comunidade. Aqui, portanto, ressalto que meus maiores entraves metodológicos estavam centrados em um olhar analítico, ainda que superficial, que poderia conectar os objetivos, a sensibilidade que permeia a pesquisa em quilombo e as expectativas da pesquisa acadêmica em música. Nesse prisma segui com um método basilar que compreende os ideais da comunidade quilombola em questão cuidando do distanciamento das tendências eurocêntricas predominantes na pesquisa científica em música mesmo sabendo que se trata de uma força contrária frente ao que se percebe atualmente. Assim, realizei inúmeras transcrições de falas de Luiza mantendo-as em exposição praticamente integral no texto e conectei as memórias que são reativadas por cantos buscando sempre notar os fenômenos que saltaram às minhas vistas quando

do contato com a comunidade. Com o desenvolver deste trabalho pude identificar dois aspectos construtivos de sonoridades e emergentes de cantos orientadores de vivências e espiritualidade, a saber: a) Lembranças conectadas às vivências da comunidade estimulada por pontos cantados de umbanda e; b) performance prática de cantos que moldam e fazem perceber a espiritualidade em sessões espirituais de umbanda. Entretanto, os caminhos foram mais variados do que os que aqui foram apresentados, situação em que cheguei a cogitar, dado a complexidade analítica que encontrei, a impossibilidade de materialização dos fenômenos dos pontos cantados em comunidade quilombola frente às exigências meramente comprobatórias de pesquisa acadêmica.

Durante a qualificação a banca sugeriu que eu trabalhasse o olhar de pesquisador sobre uma sessão espiritual de umbanda, ocasião em que isso implicaria registrar os cantos que ali fossem entoados. Tal direcionamento de pesquisa seria um método propiciador da relação canto e contexto de forma a revelar um percurso descritivo importante para fazer expressar os eventos sonoros que ocorrem na comunidade. Entretanto, a pandemia do Covid-19 tornou obrigatório, assertivamente, o isolamento social, o que impossibilitou o meu retorno e o acesso a um culto religioso ideal para seguir com a finalização deste trabalho. Entendendo que o contexto em que os pontos cantados são entoados é extremamente importante para a sua vitalidade cultural passei a me apoiar em descrições de outras sessões que já assisti, acrescentando, a partir disso, as minhas lembranças escritas advindas das anotações de campo. Nesse passo, passei a concentrar, consideravelmente, os cantos que foram gravados em minha última ida ao quilombo, descrevendo, desde agosto de 2020, as construções sonoras em consonância com as conversas semanais que realizadas por telefone com Luiza.

Não perco de vista a questão dos lamentos como o primeiro que me pareceu envolver dos aspectos construtivos e performáticos dos pontos cantados que escutei no quilombo. Por esse prisma que ganhava mais e mais notoriedade durante a pesquisa se fez a primeira proposta de condução desta dissertação que, embora fosse observado por mim como condição natural e única de estado de alma do quilombo *Namastê* demonstrado e verbalizado por Luiza, se realizou insuficiente em razão dos desafios que encontrei para materializar a sua potente relação com os cantos. A partir disso, vieram inúmeras reflexões com minha orientadora sobre como trazer os cantos para este trabalho, entendendo, certamente, que se tratava da finalidade da pesquisa e também da questão mais complexa do trabalho. Sempre preocupado com a apresentação dos cantos que deveriam manter os ensinamentos da comunidade e ao mesmo com o tempo para

produção desta dissertação, esta pesquisa acabou por absorver várias propostas de expressão, como: cantos que orientam vivências a partir do que foi exposto por Luiza; transcrição das falas de Luiza que atraídas por cantos; pontuação dos diversos contextos de cantos de modo a perceber as incidências de suas entoações; rememoração a partir das lembranças dos cantos em sessões já assistidas pelo pesquisador; produção de áudios gravados de maneira diferente, como gravação gravador de celular e gravação programada com aparelhagem ideal; definição de um conjunto de cantos que melhor sedimentassem os propósitos de uma pesquisa em música.

Em âmbito conclusivo, as questões trazidas para os capítulos 01 e 02, com a história do quilombo e as práticas da Umbanda no Terreiro Caboclo Pena Branca pautadas em um trabalho etnográfico imbuído dos sentidos e significados da CQN/Ubá-MG estavam bem encaminhada antes do acometimento das políticas de contenção da propagação do coronavírus. Já o terceiro capítulo, também em andamento, se reservou a complementação de dados existentes em um quarto capítulo que trazia os eventos sonoros de 11 pontos cantados e os aspectos de vibração e irradiação de energia espiritual tendo por base os seus respectivos guias. Da necessária fusão entre o capítulo 03 e 04 permaneceu as transcrições do citado conjunto de cantos, as falas de Luiza a respeito dos guias espirituais e as descrições sobre o processo de gravação desses cantos de forma a dar consistência e maior evidência à apresentação do objeto desta pesquisa. Quanto ao momento das sessões espirituais isso se deu ainda pelas falas significativas de Luiza sobre a gira informando, assim, as bases teóricas que permeiam as práticas dos pontos cantados na CQN-Ubá/MG. Por fim, acredito que o principal mérito desta pesquisa, foi a riqueza de um trabalho em constante proximidade e colaboração com a Mestra Maria Luíza em que pude conhecer um acervo de pontos cantados gigantesco e revelador memória que potencializa o saber tradicional da comunidade.

## BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

- ALMEIDA DE, M. L. A. **A Música Sagrada dos Ogãs no Terreiro de Umbanda “Ogum Beira Mar e Vovó Maria Conga” da cidade Goiana de Itaberaí: Representações e Identidades.** Dissertação. Pós-graduação em Música da Escola de Música e Artes Cênicas. UFG. 2013.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Os quilombos e as novas etnias. In: Quilombos – Identidade étnica e territorialidade.** Eliane Cantarino O’Dwyer ( Org.). Rio de Janeiro: Editora FGV e ABA, 2002. pp. 83-108
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terras de pretos, terras de santo e terras de índio. **Revista Humanidades.** Brasília, ano 4, v. 15, 1987/88.
- ARAÚJO, Mundinha. **Breve memória das comunidades de Alcântara.** São Luís: SIOGE, 1990.
- BISPO, A. S. **Colonização, quilombos modos e significados.** Brasília. 2015
- BLACKING, John. **Quão musical é o homem? Som humanamente organizado ;** Seattle: University of Washington Press, 1995b, 5 ed. [1973]. 116 p.
- BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 157-198.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- CASSAB, Latif. História oral: miúdas considerações para pesquisa em Serviço Social. Serviço Social em Revista. **Revista do Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina.** Paraná. v. 5, n. 2, sem paginação. Jan.-Jun. 2003. Disponível em [http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c\\_v5n2\\_lafit.htm](http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v5n2_lafit.htm). Acesso: em 5 de jul de 2014.
- CICONELLO, Alexandre. O desafio de eliminar o racismo no Brasil: a nova institucionalidade no combate à desigualdade racial. In: OXFAM INTERNATIONAL. (Org.). From Poverty to Power: how Active Citizens and Effective States can Change the World. **Oxfam International: Londres, 2008.** p. 12
- CLASTRES, P. **Crônicas dos índios Guayaki - O que sabem os Aché, caçadores de nômades do Paraguai.** 34 Literatura, Rio de Janeiro, 1995
- CONAQ. **Resiliência Quilombola.** Disponível em: <http://conaq.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 21 março de 2020.
- CUNHA JÚNIOR, Henrique. Para a História da Educação dos Afrodescendentes. In: Araújo, José Edvar Costa de (Org.). **História da Educação: vitrais da memória: lugares; imagens e práticas culturais.** Fortaleza: Edições UFC, 2008.

FURUYA, Yoshiaki. **Umbandização dos cultos populares na Amazônia: a integração ao Brasil?**, in *Possessão e Procissão: religiosidade popular no Brasil*. Editado por H. Nakamaki e A.P Filho, pp. 11-60. Osaka: National Museum of Ethnology. 1994.

Gabriel, C. E. 1985. **Comunicações dos Espíritos**. São Paulo: Edições Loyola. 277p.

GOMES, Núbia P. M.; PEREIRA, Edmilson A. **Negras raízes mineiras: os Arturos**. Juiz de Fora, Ministério da Cultura/EDUF/JF, 1988.

GONÇALVES, A. C. **Políticas Públicas para Quilombolas: a construção da Cidadania na Comunidade remanecente de Quilombo do baú**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em História. 2017

GUSMÃO, Neusa M. M. **Terra de pretos, terra de mulheres**. Brasília: Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, 1995.

HOOARNET, Eduardo. **A igreja no Brasil-colônia (1550-1800)**. São Paulo: Brasiliense, 1982 (Tudo é história, 45)

**IBGE**, 2020 Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/uba/panorama>. Acesso em 21/09/2020

LEITE, Ilka Boaventura (Org.). **Terras e territórios de negros no Brasil**. Santa Catarina: Editora UFSC, 1991.

LOURENÇO, S.R. **Identidade, gênero e música nos cantos funerários Javaé**. Programa de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade Programa de Doutorado em Letras. Antares: Letras e Humanidades. vol.5, nº10. jul-dez 2013.

LUCAS, Glaura. **Música é tempo nos rituais do congado mineiro dos Arturos e do Jatobá**. 2005. Tese (Doutorado em Música) — Programa de Pós-graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

MAKOTA, Professora Valdina Pinto. **O elo inquebrável**, Viver e ser. TPMSM\_Conexão .Produção e edição: Hirameki Anat. Salvador Bahia. 2018. Brasil. Disponível em [www.youtube.com/watch?v=ButRXLqFqnw](http://www.youtube.com/watch?v=ButRXLqFqnw) Acesso em 12 de fevereiro de 2020.

MARCELINO, M. L. **Quilombola**. Lamento de um povo negro.. 1. ed. Minas Gerais., 2015.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MARQUES, Carlos Eduardo; GOMES, Lílian. **A Constituição de 1988 e a ressignificação dos quilombos contemporâneos Limites e potencialidades**. RBCS Vol. 28 nº 81 fevereiro/2013. p. 142. Apud GONÇALVES, Ana Cláudia. 2017:46.

MATÉRIA DA TV UM. **Fazenda Liberdade**

<https://www.youtube.com/watch?v=siWHjTVI0AY> acesso em 12 de nov. 2019.

MOURA, C. **Os Quilombos e a Rebelião Negra**. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1986. 5ªed.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Global: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, 2004.

NASCIMENTO, Elisabete. **Da escravidão aos orikis em sala de aula: Mito e música sacra de matriz africana na Poética Candombeira**. Xi Congresso Internacional da ABRALIC.

PARECER CNE/CEB nº 16/2012, aprovado em 5 de junho de 2012- **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/17576-ceb-2012-sp-689744736>>. Acesso em: 02 de março de 2020.

**SABERES TRADICIONAIS UFMG**. Página da Web. (Fonte: <http://www.saberestradicionais.org/sobre/> acesso em 11/11/2019 às 16h05)

SAFATLE, Yazmin . Bheringcer dos Reis e. **"Terra na Prateleira": histórias de vida e de Luta de Marta Pereira de Oliveira**, Liderança Negra de Unaí / MG. 2019. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais)-Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SANTOS, Antonio Bispo. **Colonização, Quilombos. Modos e Significações**. Brasília: Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

SANTOS, Juana Elbein dos. **O negro e a abolição: alguns subsídios para uma crítica da memória nacional**. Petrópolis, Vozes 73 (73): 168, abr. 1979

SANTOS, V. H. Dos. **Os Direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais: Quilombos no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba – Minas Gerais**. 2018. 72 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Direito- Departamento de Direito, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerias, 2018.

SILVA, S. dos R. da. **Registo de Contos e Cantos Nas Comunidades Quilombolas do Serido Oriental do RN**. 2016 f. Relatório de Documentário (Trabalho de Conclusão de Curso em em História e Cultura Africana e Afro-Brasileira - Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ensino Superior do Seridó. 2016

TEIXEIRA, S.S. **Missa dos Quilombos: um canto de Axé**. *Revista de Letras*, Curitiba, n. 2, 1997.

THOMPSON, Alistair. **Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral**. In:

FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (Orgs.) **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.

TV Um. **Rede Minas**. (Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=siWHjTVI0AY>, 2011. Acesso em 12 de dezembro de 2019)

VERAS, H. S. **O sacerdote e o aprendiz: etnografia, experiência e ritual em um terreiro de Mina Nagô na Amazônia**. 2015. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará. Estado do Pará. Estado Pará.

VERGOLINO, A. 1976. **O Tambor das Flores: Uma análise da Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros do Pará (1965-1975)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

VIANA, M. DA ROCHA. **De 1836 até aqui: Histórias de vidas, lideranças e espiritualidade de Maria Luiza Marcelino (Ubá/MG) 2020**. Monografia. Instituto de Ciências Sociais -ICS. Departamento de Antropologia -DAN, Universidade de Brasília -UnB. Distrito Federal.